

princípios básicos

Redação Acadêmica

Désirée Motta-Roth (Org.)

Laboratório de Leitura e Redação

Redação Acadêmica

princípios básicos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Revisão de texto
Capa e programação visual

Acad. Patrícia Marcuzzo (IC/CNPq/LabLeR/UFSM)
Prof. João Luiz Roth (Desenho Industrial/UFSM)
Acad. Rogério Lira (Desenho Industrial/UFSM)

R312 Redação acadêmica : princípios básicos / Désirée
Motta-Roth (org.). – Santa Maria : Universidade
Federal de Santa Maria, Imprensa Universitária,
2001.

— p. : il.

1. Lingüística 2. Redação Acadêmica 3. Português
I. Motta-Roth, Désirée

CDU 806.90-5:003

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Inácio Goularte CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM

4ª Edição

9ª Impressão

Tiragem: 100 exemplares

Direitos reservados às autoras
Laboratório de Leitura e Redação – LabLeR
Para comprar seu exemplar, entre em contato conosco pelo endereço:
Prédio do Centro de Educação – Campus Universitário
Camobi – 97105-900 – Santa Maria – RS
Fone: (55) 220 80 89
E-mail: labler@www.ufsm.br
Homepage: <http://www.labler.ce.ufsm.br>

Redação Acadêmica

princípios básicos

Désirée Motta-Roth (Org.)

Professora Adjunto de Inglês, Redação Acadêmica e
Linguística Aplicada da
Universidade Federal de Santa Maria
Doutora em Inglês pela Universidade Federal
de Santa Catarina
Pesquisadora Visitante da University of Michigan (EUA)
Pesquisadora do CNPq



03880218



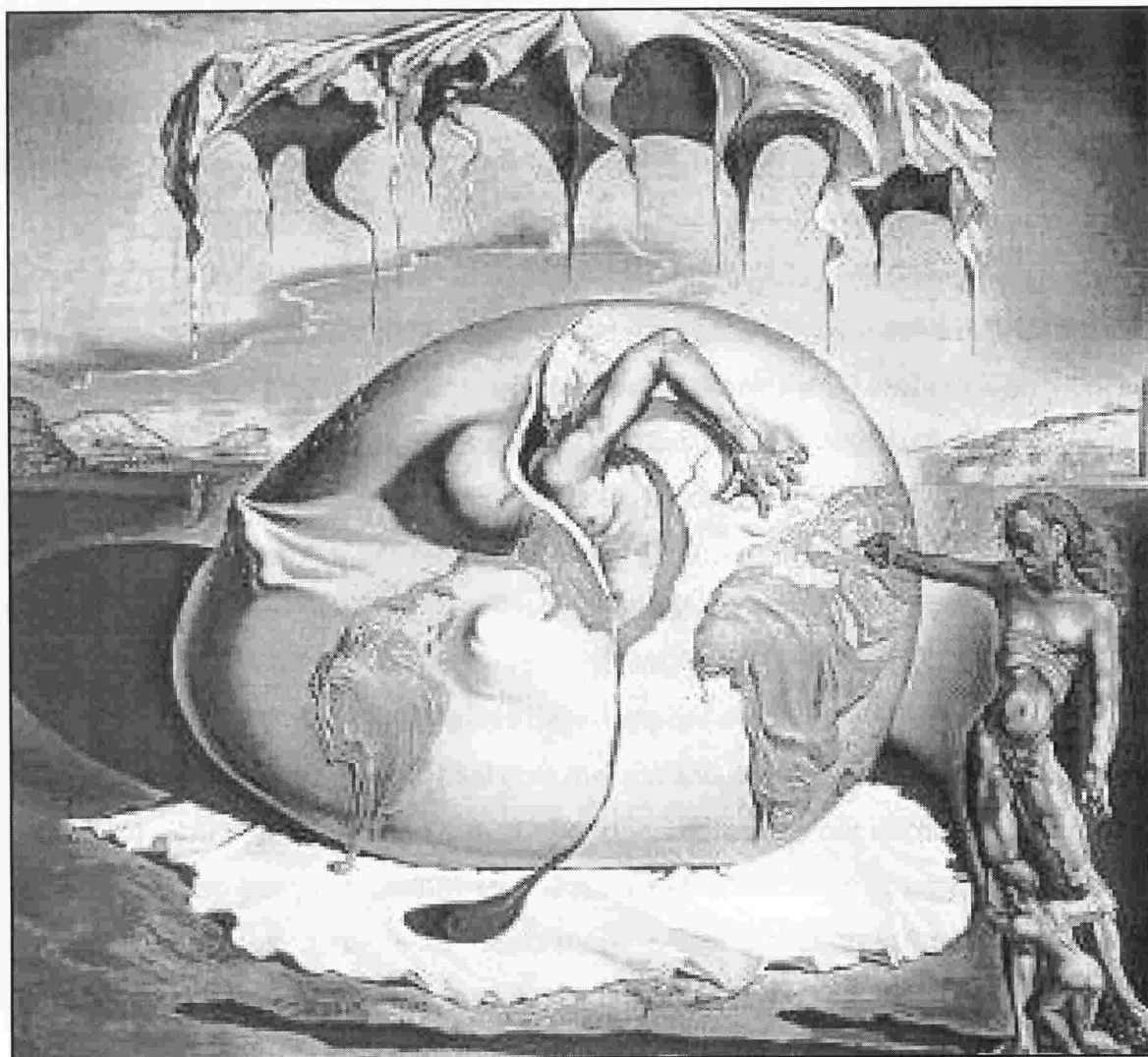
Laboratório de Leitura e Redação
Projeto Línguas no Campus (LINC)
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Universidade Federal de Santa Maria

2004

SUMÁRIO

Apresentação	
CAPÍTULO 1 Publique ou pereça	1
<i>Désirée Motta-Roth</i>	
CAPÍTULO 2 Resenha	20
<i>Désirée Motta-Roth</i>	
CAPÍTULO 3 Artigo acadêmico – Introdução	38
<i>Désirée Motta-Roth</i>	
CAPÍTULO 4 Artigo acadêmico – Revisão da Literatura	53
<i>Désirée Motta-Roth e Graciela Rabuske Hendges</i>	
CAPÍTULO 5 Artigo acadêmico – Metodologia	67
<i>Désirée Motta-Roth</i>	
CAPÍTULO 6 Artigo acadêmico – Resultados e Discussão	77
<i>Désirée Motta-Roth e Graciela Rabuske Hendges</i>	
CAPÍTULO 7 <i>Abstract</i>	93
<i>Désirée Motta-Roth e Graciela Rabuske Hendges</i>	
Bibliografia Comentada	102
<i>Désirée Motta-Roth e Graciela Rabuske Hendges</i>	

Apresentação *Désirée Motta-Roth*



Obra surrealista de Salvador Dali

Este material didático começou a ser feito em 1994, na XVII Semana de Letras da Universidade Federal de Santa Maria, e resulta de uma 'reflexão prática' ou da íntima relação entre **reflexão teórica** e **aplicação prática**.

Em primeiro lugar, a **reflexão teórica** é resultado e causa direta do trabalho de doutorado desenvolvido, com bolsa da CAPES, no Programa de Pós-Graduação em Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Professor José Luiz Meurer e, em um estágio sanduíche de um ano como pesquisadora visitante na Universidade de Michigan nos Estados Unidos, sob supervisão do Professor John Swales. Esse trabalho, defendido em 1995, deu início à linha de pesquisa 'Análise de Gêneros Discursivos', implementada na Universidade Federal

de Santa Maria (UFSM) por meio de orientações de alunos de mestrado e de iniciação científica, e de publicações e palestras (ver Bibliografia ao final do volume) que tratam de alguma questão relacionada ao texto acadêmico, sua produção e leitura.

A partir de 1998, o apoio da FAPERGS (Processo nº 97/0158.5) possibilitou a criação do Laboratório de Leitura e Redação, que deveria dar suporte à investigação, ao debate e à implementação de propostas diferenciadas de ensino de línguas para fins acadêmicos, nas modalidades presencial e *on-line* (<http://www.labler.ce.ufsm.br>). No mesmo ano, foi criado o Grupo de Pesquisa/CNPq 'Linguagem como prática social' a partir do Projeto Integrado do CNPq (Processo nº 350389/98-5) que tem como um dos seus objetivos investigar gêneros textuais e práticas discursivas adotados por comunidades disciplinares acadêmicas.

Gostaria de agradecer a essas instituições de fomento por possibilitar o processo de pesquisa que resultou nesse material didático e por financiar as bolsas de Produtividade em Pesquisa para mim, de Mestrado para Graciela Rabuske Hendges, co-autora neste material didático, e de Iniciação Científica para as acadêmicas Susana Cristina dos Reis (BIC/FAPERGS), Fernanda Siqueira (PIBIC/CNPq), Fabiana Kurtz (IC/CNPq), leitoras atentas das primeiras versões dos capítulos. A elaboração deste material foi possibilitada também pela colaboração da acadêmica Patrícia Marcuzzo, minha bolsista de Iniciação Científica (IC/CNPq), que atuou como revisora, e do Professor João Luiz Roth e Rogério Lira, respectivamente orientador e acadêmico do Curso de Desenho Industrial, que fizeram a programação visual de todo o material.

Em segundo lugar, a **aplicação prática** tem sido feita, desde 1994, inicialmente na forma de um seminário para produção de textos acadêmicos em inglês e, mais tarde, já em sua forma atual em português, como a disciplina de Redação Acadêmica do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Além disso, as idéias desenvolvidas aqui têm sido expostas em trabalhos apresentados em diferentes instituições universitárias e congressos de Lingüística Aplicada.

Em conjunto com Graciela, formada no Mestrado em Letras da UFSM, tentei reunir parte das informações que nosso grupo considera relevantes para a redação do artigo acadêmico (também chamado de artigo científico), do *abstract* (resumo acadêmico) e da resenha, gêneros freqüentemente utilizados na troca de informações entre pesquisadores e no avanço do estado da arte das diversas disciplinas que formam o que comumente é chamado de 'academia'.

Este material didático tem um objetivo bi-facetado. Uma face aponta para a necessidade de se fornecerem, a escritores iniciantes, subsídios que os auxiliem no processo de produção de textos acadêmicos em nível de pós-graduação. A outra aponta para a necessidade do professor de leitura e redação acadêmica de contar com um material sistematizado para desenvolver as habilidades comunicativas de alunos/escritores inexperientes.

Muitos títulos sugestivos como *Redação técnica*, *Como escrever textos* ou *Como fazer uma monografia* são publicados a cada ano no Brasil, no entanto a abordagem adotada nesses materiais tende a se concentrar na forma final dos textos. Diferentemente desses materiais, tento partir de uma abordagem comunicativa do ensino de redação, na qual o foco de atenção do aluno é o uso da linguagem para uma determinada 'ação acadêmica' de relatar, avaliar ou descrever informações e dados gerados em pesquisa, influenciando, por sua vez, a prática acadêmica subsequente de pesquisa e de publicação. Minha reflexão teórica se deve basicamente ao trabalho pioneiro de John M. Swales em *Análise de Gêneros e de Ensino de Inglês para Fins Acadêmicos*, desenvolvido no início da década de 80 na Inglaterra e, atualmente, na universidade de Michigan nos Estados Unidos.

O Capítulo 1 apresenta uma breve discussão sobre aspectos da redação como estilo, audiência-alvo e qualidade da leitura. Os capítulos seguintes exploram em mais detalhes os objetivos, a função e a organização textual de diferentes gêneros do discurso acadêmico. Por fim, uma bibliografia comentada oferece sugestão de títulos para futuras leituras.

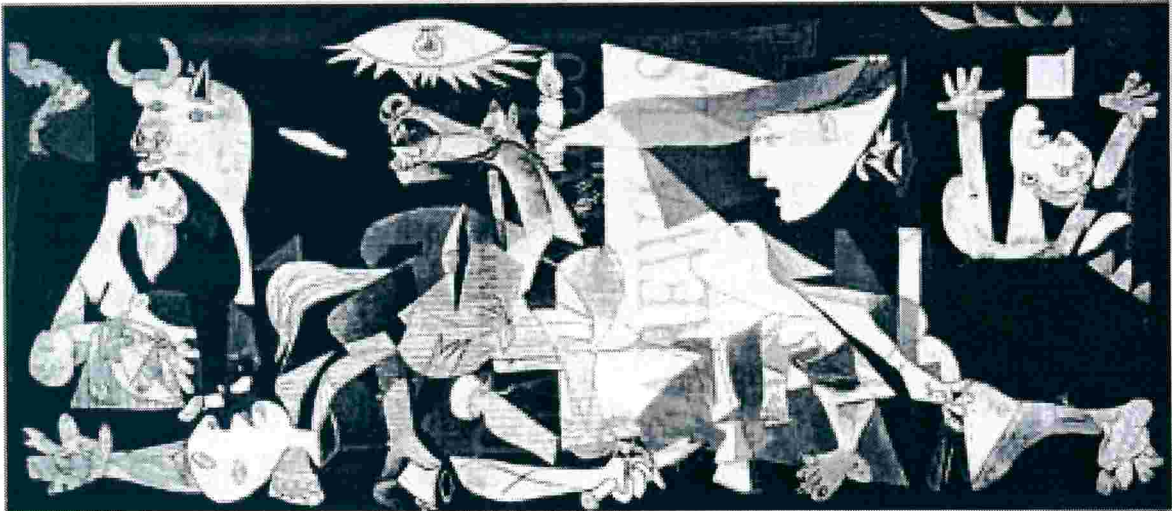
Mais uma vez, gostaria de agradecer aos membros do Grupo de Pesquisa/CNPq 'Linguagem como prática social', em especial às colegas Roséli Nascimento (UFMS) e Najara Ferrari Pinheiro (UCS), bem como aos alunos que passaram pelo curso de Redação Acadêmica, desde sua primeira edição em 1994, pelos valiosos comentários que produziram sobre o material. As falhas que persistem se devem a minha total incapacidade de seguir à risca bons conselhos.

Désirée Motta-Roth
Santa Maria, inverno de 2001.

CAPÍTULO
1

Publique ou Pereça

Désirée Motta-Roth



Picasso

1.1 Por que produzir textos acadêmicos?

No sistema universitário brasileiro, a política de financiamento (de bolsas de iniciação científica, de bolsas de pós-graduação e de projetos de pesquisa) se baseia no conhecido ditado 'Publique ou pereça!' (*Publish or perish!*) das universidades americanas. Essa pressão para escrever e publicar tem levado alunos, professores e pesquisadores universitários a um esforço concentrado no sentido de formular textos de qualidade na forma de artigos para periódicos acadêmicos e livros para editoras como meio de assegurar espaço profissional. Na cultura acadêmica, a produtividade intelectual é medida pela produtividade na publicação. Embora pesquisadores de diferentes áreas questionem o valor de uma política de publicação pautada pela quantidade em detrimento de uma análise mais atenta da qualidade dessa publicação, parece-nos que para mudar o sistema, precisamos conhecê-lo. Este livro, portanto, tem por objetivo trazer informações sobre a prática acadêmica de publicação, enfocando os gêneros textuais mais comumente adotados no contexto universitário.

Neste primeiro capítulo, vamos explorar questões que nos parecem centrais para a redação de gêneros acadêmicos, a preparação para a produção textual (a seleção da literatura de refe-

rência e a qualidade da leitura dessas referências) e o processo de produção textual (a função de diferentes gêneros acadêmicos, o estilo a adotar, a definição da audiência-alvo, o ciclo de escrever, revisar e editar).

1.2 Redação Acadêmica

Na redação acadêmica, é importante atentar para alguns fatores que, por um lado, podem ajudar a delinear o formato e o conteúdo de nosso texto na fase de preparação para escrever. Por outro, podem ajudar durante o processo de escrita e, mais tarde, na fase de revisão e edição do produto final da redação. Os fatores que discutimos a seguir foram sistematizados com base no trabalho de Swales & Feak (1994)¹ sobre redação acadêmica para alunos de pós-graduação.

1.2.1 Tópico

Para definir o tópico de um texto (sobre o que vamos escrever), a leitura é fundamental. A atividade de leitura alimenta a escrita, portanto devemos selecionar bibliografia relevante (em forma e conteúdo) sobre possíveis tópicos dentro da área de estudo. Não há uma ordem específica na definição do tópico e na leitura do material disponível na área. Às vezes, detectamos um problema a ser estudado a partir de nossa prática no laboratório, em aula, na observação da mídia, etc. Em seguida, visitamos bibliotecas e navegamos na Internet em busca de publicações (artigos, resenhas, livros, dissertações e teses) que relatem pesquisas ou reflexões teóricas sobre o mesmo tópico. Em outras ocasiões, não temos idéia sobre o que escrever e, ao lermos algumas dessas publicações, detectamos uma área que carece de estudos mais aprofundados, pois os problemas relativos a ela ainda não foram totalmente explorados ou solucionados.

A seleção da literatura de referência é talvez o passo mais importante na redação de nosso texto, pois definirá a perspectiva teórica adotada para estudarmos nosso tópico. A qualidade dessas referências é medida por critérios como:

- a importância dos autores na área (pesquisadores conhecidos, com muitas publicações em equipe, têm mais chance de ter um trabalho consistente em vista do diálogo que mantêm com seus pares, do que autores bissextos que publicam individualmente);
- a qualidade da fonte de onde extraímos os textos escolhidos (artigos acadêmicos publicados em periódicos indexados² são geralmente avaliados mais positivamente que aque-

¹ Você pode ler mais sobre esses fatores no livro de Swales & Feak (1994). As referências completas da obra desses autores - e de todas as outras citadas neste livro - estão indicadas na Bibliografia Comentada ao final do volume.

² Uma revista indexada é aquela que recebe um número (índice) no sistema internacional de catalogação de periódicos. Para ser catalogado, a revista deve manter a periodicidade e a atualização da publicação, de tal forma que cada número novo corresponda ao ano corrente, sem atrasos. Além disso, a revista deve manter um corpo editorial que controle a qualidade dos textos submetidos para publicação.

les sem fluxo atualizado de publicação);

■ recência desses trabalhos (geralmente se buscam textos publicados nos últimos cinco anos. Utilizar artigos extraídos de periódicos atualizados e indexados demonstra um esforço de sua parte em se atualizar com o saber na área. Livros, se não forem produzidos recentemente, podem ser vistos como um saber ultrapassado).

É importante ler com cuidado os artigos e livros que escolhemos como referência teórica do nosso trabalho. A qualidade dessa leitura está nas anotações e no resumo de trechos que mais tarde poderão ser usados como base para nosso próprio artigo, *abstract* ou resenha.

1.2.2 Audiência

A redação acadêmica demanda que tenhamos uma imagem precisa de nossa audiência-alvo, a qual, provavelmente, conhece o assunto e lerá o texto em busca de informação nova. Devemos encontrar o tom apropriado para projetarmos as expectativas que temos sobre o leitor, bem como os objetivos e o conhecimento prévio que o leitor trará para a tarefa de leitura. Devemos definir como nos relacionaremos com nossa audiência para podermos explicitar nossos objetivos: um *expert* escrevendo para iniciantes (objetivos pedagógicos) ou um membro da disciplina (*expert* ou não) escrevendo para *experts* (objetivo de demonstrar familiaridade e conhecimento na área).

1.2.3 Objetivo e estratégias de apresentação

Há várias estratégias para deixar claro seu objetivo como, por exemplo:

a) repetir ou resumir informações:

Exemplo 1.1*

M#1

Tais fatos podem estar refletindo a influência da adoção de algumas medidas de atenção à saúde, como o programa de controle das infecções respiratórias agudas, a terapia de reidratação oral e o incentivo à amamentação, entre outros, conforme já assinalados em estudo anterior (Paim & Costa, 1993).

Resumo de informações de pesquisa

* Os textos, cujos excertos são usados como exemplos neste material, são numerados em seqüência de tal forma que todos os textos de medicina recebem a letra M (inicial da disciplina) e um número. Assim, você pode encontrar as referências completas do primeiro texto citado em medicina no Exemplo 1.1, procurando pelo texto M#1 ao final deste capítulo (na área de Biologia, utilizamos a letra B, para Lingüística, a letra L, e assim por diante).

b) conectar informação nova (obtida na pesquisa reportada no artigo, indicada em cinza) com informação dada (obtida em pesquisa anterior, indicada em preto) e vice-versa:

Exemplo 1.2

B#1
 Bromélia antiacantha ocorreu basicamente nas zonas FPP e MPI, **assim como no estudo de Araújo et al. (1998)**. A presença de indivíduos desta espécie na zona FPP sugere maior tolerância à alta salinidade.

c) conectar o assunto tratado no texto com a área de pesquisa. Para tanto, podemos contextualizar o estudo, dando informações acerca do assunto, detectando lacunas no conhecimento existente na área:

Exemplo 1.3

B#1
 As restingas recobrem cerca de 79% da costa brasileira (Lacerda et al. 1993), onde se estendem desde estreitas até extensas faixas de areia, como no litoral norte do Estado do Rio de Janeiro (Martins et al. 1993). O bioma de restinga possui uma vegetação característica devido a uma combinação de fatores físicos e químicos destas regiões, tais como elevada temperatura, salinidade, grande deposição de salsgem e alta exposição à luminosidade (Ormond 1960, Franco et al. 1984, Henriques et al. 1984). Nas imediações de fontes de água, como lagoas e braços das mesmas, a vegetação torna-se mais densa, formando florestas (Araujo et al. 1998).
As comunidades vegetais das restingas da costa brasileira são conhecidas quanto a sua composição florística e às formações vegetais nelas encontradas (e.g. Pfadenhauer 1978, Araujo & Henriques 1984, Silva & Somner 1984, Henriques et al. 1986, Araujo & Oliveira 1988, Pereira & Araujo 1995, Araujo et al. 1998), havendo, contudo, poucos trabalhos sobre a ecologia das espécies vegetais (Ormond 1960, Henriques et al. 1984, Waechter 1985, Zeltner 1997).

Informações que contextualizam o tópico do artigo

Indicação de lacuna no conhecimento sobre o tópico

d) admitir ou discutir falhas no estudo:

Exemplo 1.4

M#1
 Vale salientar que, por se tratar de uma análise de agregados, este estudo está sujeito às limitações de certa forma já apontadas anteriormente, tais como a heterogeneidade intra-agregados, a mobilidade intergrupos, a dependência da escala utilizada, entre outras, que, de acordo com a epidemiologia, constituem-se em sérios impedimentos para a inferência causal. Todavia, não é demais esclarecer não ter sido este o propósito do presente trabalho, mas, sim, oferecer subsídios para o planejamento e a avaliação da oferta de serviços e para monitorar as condições de saúde infantil. Assim, em que pese às restrições apresentadas, o estudo da mortalidade infantil considerando-se sua distribuição no espaço geográfico entendido como produto de transformações exercidas pelo homem (Santos, 1979) não só permitiu a identificação de áreas da cidade onde residem grupos submetidos a um maior risco, como também contribuiu para evidenciar a manutenção das desigualdades sociais.

Discussão de limitações no estudo

Essas estratégias servem para dirigir a atenção do leitor para determinados aspectos da pesquisa relatada no texto, ajudando-o a organizar a informação e recuperar o ponto de vista do autor.

1.2.4 Organização

A estrutura textual pode facilitar a leitura de informações, uma vez que o leitor pode antecipar padrões de organização textual comumente encontrados em textos do mesmo gênero. Exemplo disso é o uso de subtítulos para orientar o leitor de modo que este possa antecipar o tipo de informação que vai encontrar ao ler o texto. Observe abaixo algumas passagens retiradas de um artigo da área de medicina. Veja como os subtítulos indicam o tipo de informação que se seguirá:

Exemplo 1.5

<p>M#1</p> <p>Introdução</p> <p>A estreita relação que a mortalidade infantil apresenta com os fatores sociais e econômicos é reconhecida há muito tempo e tem sido evidenciada em diversos estudos latino-americanos (Behm, 1980; Monteiro, 1982; Paim et al., 1987; Yunes, 1983). (...)</p>	<p>Introdução para contextualizar o estudo</p>
<p>Metodologia</p> <p>O estudo, do tipo ecológico e de base populacional, teve como menor unidade de análise as 75 zonas de informação (ZI) de Salvador, que correspondem a áreas da cidade definidas pela Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana (CONDER) com base em critérios sócio-econômicos, de infraestrutura físico-administrativa e de planejamento, compatibilizados com os setores censitários da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram utilizados os dados do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) contidos no CD-ROM produzido pelo Ministério da Saúde (MS, 1998). (...)</p>	<p>Apresentação dos procedimentos usados no estudo</p>
<p>Resultados</p> <p>Observa-se na Tabela 1 que, em Salvador, no ano de 1991, ocorreram 1.111 óbitos de menores de um ano, o que correspondeu ao CMI de 29,2 por mil menores de um ano e MIP de 10,2%. A proporção de óbitos neonatais (PON) foi praticamente a mesma da pós-neonatal (POP), de 49,1% e 50,1%, respectivamente. (...)</p>	<p>Apresentação dos resultados encontrados</p>
<p>Discussão</p> <p>Os resultados deste estudo confirmam o declínio que vinha sendo observado na mortalidade infantil em Salvador (SESAB, 1995; Lima & Costa, 1999). Todavia, mostram também que essa queda não foi contínua e apresentou uma variabilidade muito grande.</p>	<p>Interpretação dos resultados encontrados</p>

1.2.5 Estilo

O estilo que você assume em seu texto pode ser equacionado com o 'tom' com que você aborda seu tópico e com a audiência que você tem em mente quando começa a escrever. Em Redação Acadêmica, há um formalismo geral do tom, alcançado por intermédio de certas estratégias tais como escolher alternativas mais precisas e formais quando selecionamos o vocabulário a ser usado (Swales & Feak, 1994:15):

Exemplo 1.6

Informal - impreciso / Formal - específico

O autor **diz/afirma** que o conceito de gênero é produtivo na análise do discurso da ciência. Os resultados de **certos/inúmeros/50%** dos projetos têm sido **bons/encorajadores** no que tange ao desenvolvimento regional.

1.2.6 Desenvolvimento da informação

A evolução clara e lógica de uma idéia a outra, conectando-as progressivamente, possibilita que o leitor acompanhe o desenvolvimento do texto (Idem:21). O uso eficiente de palavras que desempenham a função de conectores, como por exemplo, 'portanto', 'assim', 'entretanto' e 'porque', bem como o uso de pontuação adequada pode ser de grande valia no estabelecimento de um desenvolvimento gradativo da informação. Note, no exemplo abaixo, que a expressão 'enquanto que' estabelece um contraste entre 'o número de estudantes de doutorado' e 'o número de bolsas disponíveis':

Exemplo 1.7

Anafórico

Elementos de coesão

O número de estudantes que buscam os programas de doutorado tem crescido gradualmente nos últimos anos, **enquanto que** o número de bolsas disponíveis manteve-se constante. **Essa situação** resulta das atual política do governo federal

Veja também que, no exemplo, a expressão 'essa situação' resume todo o trecho precedente a ela. O emprego de elementos anafóricos de coesão tais como pronomes demonstrativos ('esse'/'essa') acompanhados de um substantivo anafórico³ ('situação') mantêm o desenvolvimento constante da informação e orientam o leitor na interpretação do texto. Se você substituir a palavra 'situação' por 'problema' no exemplo acima você obtém uma outra perspectiva da relação bolsa-aluno:

Exemplo 1.8

Mais específico

O número de estudantes que buscam os programas de doutorado tem crescido gradualmente nos últimos anos, **enquanto que** o número de bolsas disponíveis manteve-se constante. **Essa tragédia** resulta das atual política do governo federal

³ Anafórico: que se refere a um termo já mencionado antes. Por exemplo, em 'Sentiu o gosto do açaí. Aquela sensação lhe deu prazer', o substantivo sensação é anafórico porque se refere à idéia anterior de 'sentir o gosto do açaí'. Do mesmo modo, em 'Ana é gaúcha. Ela é de Santa Maria.', o substantivo Ana é recuperado, mais adiante, pelo pronome anafórico Ela.

A expressão 'essa tragédia' refere-se ao trecho precedente no texto, resumindo o que foi afirmado anteriormente. Qual é o efeito causado pela substituição do substantivo anafórico 'situação' por outro como 'tragédia'?

1.2.7 Apresentação final do texto

A palavra-chave para a qualidade de qualquer texto é 'revisão' a cada versão do texto e, de modo especial, na versão final. É fundamental que você aprenda a ler seu próprio texto com distanciamento e espírito crítico. Uma boa estratégia para isso, é deixar o texto 'descansar' por algumas horas (e até mesmo um dia inteiro) para que depois você possa retomá-lo sem estar com uma leitura 'viciada'.

Ao revisar, tente ler o texto em voz alta como se fosse para outra pessoa. Isso ajuda você a entender a organização da informação e identificar aqueles pontos que ainda não estão claros. Leia o texto cuidadosamente e assinale erros de gramática, ortografia, estrutura, estilo, etc. Sobre tudo, esteja atento ao modo como se posiciona no texto como membro de uma disciplina acadêmica enquanto comunidade. Para tanto, leve em conta a cultura disciplinar de sua área e as práticas de redação adotadas por seus pares. Atente, por exemplo, para o modo como, na discussão dos resultados da pesquisa, elementos não-verbais como tabelas e gráficos são utilizados. Ou se é importante fornecer uma avaliação essencialmente qualitativa dos resultados obtidos. Ou ainda, se há necessidade de se definirem detalhadamente os conceitos de base na área ou se a área trabalha com conceitos bem estabelecidos, mas com procedimentos inovadores que devem ser explicados em pormenores.

Não hesite em reestruturar idéias e reorganizar seu texto, mesmo que sua redação, a seu ver, seja 'quase uma obra de arte'! Peça aos colegas e professores para lerem seu texto antes de dá-lo por terminado. Seus comentários poderão contribuir para a melhoria do manuscrito. Seu futuro leitor ficará eternamente grato por seu esforço na fase de revisão.

1.3 Gêneros acadêmicos

Redigir, no contexto da universidade, é produzir textos acadêmicos com objetivos muito específicos. Um artigo acadêmico⁴, um *abstract*, uma monografia, uma dissertação, uma resenha ou um livro têm funções diferentes. Cada um desses **gêneros** pode ser reconhecido pela maneira particular com que é construído, pelo menos, em relação a:

- tema e objetivo do texto (o que queremos realizar ao publicar o texto: avaliar um novo livro, relatar um experimento ou comprovar a eficiência de uma nova droga?);
- público-alvo para quem escrevemos (para alunos de graduação, alunos de doutorado,

4 Neste volume, usaremos a expressão 'artigo acadêmico' em lugar do termo 'artigo científico'.

pesquisadores experientes, público leigo?);

■ natureza e organização das informações que incluímos no texto (adotaremos seções para cada etapa da pesquisa como a revisão da literatura, a metodologia e os resultados, como no artigo acadêmico experimental?).

Assim, podemos nomear três gêneros centrais no meio acadêmico: o artigo, o *abstract* e a resenha. O **artigo** é publicado em revistas acadêmicas de diferentes áreas como *Nature*, *Revista de Saúde Pública*, *Journal of Speech and Hearing Disorders*, *Revista Brasileira de Biologia*, *Journal of Political Economy*, *Angewandte Chemie*, *Recueil des Travaux Chimiques des Pays-Bas*. Essas revistas têm periodicidade que varia entre mensal e trimestral e são encontradas em bibliotecas de universidades ou em sites na Internet como o do Scielo (www.scielo.br) ou o da CAPES (www.capes.gov.br) que dão acesso a revistas acadêmicas disponíveis on-line (você pode imprimir os artigos).

Os artigos contidos nessas revistas correspondem ao gênero mais usado, na academia atualmente, como meio de produção e divulgação de conhecimento gerado na atividade de pesquisa. Em geral, o artigo estende-se por 10 a 20 páginas, incluindo uma ou duas páginas de referências a outros artigos e livros relevantes para a discussão do tópico em questão.

O objetivo central do artigo é discutir ou apresentar fatos referentes a um projeto de pesquisa experimental sobre um problema específico (Artigo Experimental) ou apresentar uma revisão dos livros e artigos publicados anteriormente sobre o tópico (Artigo de Revisão) dentro de uma área de conhecimento específica. No caso do artigo acadêmico, o autor demonstra habilidade em:

- 1) selecionar referências bibliográficas relevantes ao assunto em foco;
- 2) refletir sobre estudos anteriores na área;
- 3) delimitar um problema ainda não totalmente estudado na área;
- 4) elaborar uma abordagem para o exame desse problema;
- 5) delimitar e analisar um *corpus* representativo do universo sobre o qual se quer alcançar generalizações;
- 6) apresentar e discutir os resultados da análise do *corpus*;
- 7) finalmente, concluir por meio de generalizações sobre os resultados obtidos no estudo, conectando-as aos estudos prévios dentro da área de conhecimento em questão.

O **abstract** é um resumo do artigo e serve para dar ao leitor uma idéia geral do que vai encontrar ao ler o texto integral. Normalmente precede o artigo, localizando-se na metade superior da página de um periódico acadêmico. Como o texto do *abstract* deve ser uma breve síntese do artigo, devemos, ao menos, responder as seguintes questões:

- Por que o estudo foi realizado?

- Como o estudo foi realizado?
- Quais os resultados obtidos?
- Qual a significação desses resultados para a área?

As respostas a essas questões não devem exceder 300 palavras. Para tanto, a escolha dos termos a serem usados é de fundamental importância.

A **resenha** é publicada em periódicos acadêmicos, em seção diferente daquela em que os artigos aparecem, pois os objetivos de ambos os gêneros diferem. A resenha é um texto que resume e avalia um livro. Geralmente, o livro resenhado foi publicado recentemente e se constitui em uma contribuição relevante para a área. O resenhador, então, dá referências sobre esse livro, seu autor, conteúdo e organização, avaliando a importância do livro para a área e a qualidade e a inovação da contribuição dada por ele. O vocabulário usado na resenha inclui palavras que refletem a avaliação (mais ou menos) positiva ou negativa do livro, explicitando a visão particular do resenhador sobre o livro.

Ter uma idéia clara desses gêneros e do modo como eles normalmente são utilizados em nossa área são condições primordiais para que possamos produzir textos acadêmicos eficazmente. Em uma área como a Química, por exemplo, o artigo acadêmico tem sido tradicionalmente o tipo de texto mais comumente publicado na área. Mais recentemente, o artigo de Química, vem perdendo um certo espaço para a 'Comunicação' - um resumo, mais longo do que o *abstract*, de uma pesquisa em andamento. Além de ser um documento de menor extensão (uma ou duas páginas) em relação ao artigo, a Comunicação assegura o espaço do autor no periódico para a divulgação posterior da pesquisa completa (Silva, 1999:30).

Na Teoria Literária, por outro lado, alunos de graduação e pós-graduação freqüentemente buscam orientação sobre como escrever resenhas, pois, nessa área, é fundamental que o aluno saiba ler e analisar uma obra literária, utilizando a nomenclatura e a teorização pertinente. Assim, o primeiro passo para produzir um texto acadêmico é verificar quais os gêneros mais usados na área em questão e como esses gêneros se configuram.

Referências dos exemplos

- B#1 COGLIATTI-CARVALHO, L.; FREITAS, A. F. N. DE; ROCHA, C. F. D. DA & van SLUYS, M. (2001) Variação na estrutura e na composição de Bromeliaceae em cinco zonas de *restinga* no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, Macaé, RJ. *Revista Brasileira de Botânica*, **24**(1).
- M#1 COSTA, M. da C. N.; AZI, P. de A.; PAIM, J. S.; & SILVA, L M. V. da. 2001. Mortalidade infantil e condições de vida: a reprodução das desigualdades sociais em saúde na década de 90. *Cadernos de Saúde Pública*, **17**(3).

CAPÍTULO
2

Resenha

Désirée Motta-Roth

ORA... ORA...
O QUE SERIA UMA
RESENHA?

RESENHAR OU
NÃO RESENHAR,
EIS A QUESTÃO!



2.1 Para que serve uma resenha afinal?

Como o pensador, na ilustração acima, todos nós, em algum momento durante nossa trajetória na universidade, nos questionamos sobre o que é uma resenha. Esse gênero textual é usado na academia para avaliar—elogiar ou criticar—o resultado da produção intelectual em uma área do saber. Esse produto intelectual pode ter a forma, por exemplo, de um livro, um filme, uma exposição de pinturas ou um CD de música, e é avaliado sob o ponto de vista da ciência naquela disciplina.

Através da avaliação de novas publicações, o conhecimento na disciplina (as teorias e os autores em voga, o saber partilhado entre os pares, as abordagens adotadas, os valores consagrados) se reorganiza e as relações de poder, de *status* acadêmico se combinam e reorganizam. A resenha é um gênero textual em que a pessoa que lê e aquela que escreve têm objetivos convergentes: um busca e o outro fornece uma opinião crítica sobre um dado livro. Para atender ao leitor, o resenhador basicamente descreve e avalia uma dada obra a partir de um ponto de vista informado pelo conhecimento produzido anteriormente sobre o mesmo assunto. Seus comentários devem se conectar com a área do saber em que a obra foi produzida ou com outras disciplinas relevantes para o seu entendimento.

Assim, o ponto de referência no elogio ou na crítica a um livro sobre o Cinema Novo, por exemplo, pode ser o que se sabe sobre: a) esse movimento cultural, b) os livros anteriormente publicados pelo mesmo autor ou sobre o mesmo assunto, ou ainda c) o impacto do Cinema Novo em outras áreas como a música ou as artes plásticas.

É importante ressaltar que o gênero resenha pode ser usado com maior ou menor frequência de acordo com os interesses de cada área. Em função de ser um campo aplicado da área de Letras, a Lingüística tem uma tradição em resenhar livros significativamente maior do que outras áreas como, por exemplo, a Física, onde o livro foi radicalmente substituído pelo artigo acadêmico como forma de produção e divulgação de conhecimento (Becher 1987; Chen, 1976). Setenta por cento dos periódicos mais citados¹ em Lingüística publicam resenhas, enquanto que o mesmo só acontece em 35% dos periódicos em Química e 40% em Economia (Motta-Roth, 1996:114-15)². Nesse sentido, para alunos de Letras, saber resenhar livros talvez seja uma habilidade fundamental. Para tentar auxiliar alunos universitários a produzir textos com maior segurança, concentraremos nossa atenção na resenha acadêmica de livros.

2.2 Qual é a estrutura retórica básica de uma resenha?

A análise desse gênero nos indica que, ao resenhar um livro, desenvolvemos quatro etapas em que realizamos as ações de:

Apresentar >Descrever> Avaliar> Recomendar o livro.

1 Os periódicos mais citados são elencados pelo *Science Citation Index* e o *Social Sciences Citation Index Journal Citation Reports* (Garfield, 1989a, b) pelo seu 'fator impacto' em suas respectivas áreas. Esse fator é uma 'medida da frequência com que o 'artigo acadêmico padrão' em um periódico é citado em um dado ano' (Garfield, 1986:10A).

2 Essa tendência dos lingüistas em produzir livros resulta em competição pela atenção do leitor e, portanto, oferece ao resenhador um critério para avaliar livros: se o autor define e atenta para as necessidades de seu público-alvo (Motta-Roth, 1995:239).

Em geral, essas ações tendem a aparecer nessa ordem e podem variar em extensão, de acordo com o que queremos enfatizar em nossa análise do livro, ou em frequência, de acordo com as características da obra ou o estilo do resenhador. Assim, se o autor recebeu um prêmio Nobel, poderemos dedicar maior espaço no texto para seu currículo (atendendo assim a um provável interesse do público) do que se esse autor estiver apenas iniciando sua carreira acadêmica. Por outro lado, dependendo do estilo do resenhador, a descrição e a avaliação de partes específicas do livro já vem sintetizadas no mesmo trecho da resenha e, às vezes, na mesma sentença. É importante frisar que o uso desses quatro estágios textuais, indicados acima, foi uma tendência verificada em nossa pesquisa junto a editores e autores de resenhas em periódicos internacionais. Portanto, essa descrição do gênero deve ser tomada como uma constatação³ de como as pessoas escrevem resenhas e não uma norma a ser seguida cegamente.

Vejamos um exemplo de resenha, retirado da Internet do site <http://www.ceveh.com.br/biblioteca/resenhas/>, no qual a resenhadora apresenta um livro da área de Educação:

Exemplo 2.1

Ed#1

Resenha

Autor: Janice Theodoro da Silva
 mailto: %20janice@plugnet.com.br

São Paulo, 30 de março de 1997.

Anuário de Educação 1995/1996. A educação formal: entre o comunitarismo e o universalismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/INIGRANRIO, 1997.

O lançamento do Anuário de Educação 95/96 organizado por **Barbara Freitag** coloca em discussão os temas mais cadentes da atualidade: relações interculturais e interétnicas, relações de gênero (situação e papel da mulher na educação) e análise das minorias ("estrangeiros", "migrantes", "refugiados", "perseguidos"). A presença de autores nacionais e internacionais permitiu que olhares forjados em diferentes países ou regiões do globo viessem resultar em uma reflexão conjunta dos problemas contemporâneos na área de educação.

A novidade que carrega esta coletânea é o enfoque dado à área educacional como expressão da própria sociedade e não como uma parte, lateral dos grandes problemas que afligem a sociedade contemporânea.

Comunitarismo e universalismo é o grande tema aglutinador dos textos selecionados. E, a "formação educacional" é o eixo que permite ao leitor manter um olhar crítico frente às tendências sectárias, nacionalistas e restritivas com relação a natureza dos contatos interétnicos. Os modelos que, de alguma forma, são referenciais na elaboração do Anuário dizem respeito a políticas de etnicidade, políticas que pressupõem diálogo entre culturas e políticas transculturais. Nesse sentido, o artigo de Sergio Paulo Rouanet, "Transculturalismo ou retorno à etnicidade" é aglutinador de toda a **primeira parte** da

Apresenta

³ Tendência verificada em um corpus de 180 textos publicados em inglês nos periódicos acadêmicos mais citados nas áreas de Economia, Linguística e Química entre 1993 e 1994 (Motta-Roth, 1995).

coletânea. A discussão sobre o multiculturalismo crítico, o dialogismo crítico é feita através do texto de Peter McLaren & Kris Gutierrez; a "questão judaica" e o Holocausto são analisados por Dietrich Goldschmidt à luz de uma política de entendimento através da criação de centros de pesquisa para tratar dessa "elaboração" e de cursos de teologia judaica onde se discute o passado recente em currículos secundários; democracia e a educação depois de Auschwitz, é tema tratado por Heinz Sünker permitindo ao leitor refletir sobre as bases de uma democracia associada a práticas democráticas na esfera do trabalho e da sociedade contemporânea; e a conturbada discussão sobre política de estrangeiros é analisada por Erika Richter como um anacronismo alemão que nos leva novamente, à temática do relativismo cultural versus universalismo cultural.

Descreve

A segunda parte da coletânea é dedicada à questão feminina. Safira Bezerra Ammann, Silvia Cristina Yannoulas, Wivian Weller analisam a condição da mulher latino-americana, a desvalorização do magistério em nível primário e a feminização dessa profissão bem como o analfabetismo feminino (maior que o masculino na América Latina) ligado à remuneração inferior de determinadas profissões.

A terceira parte da coletânea trata do ciberespaço, tecnologia e formação profissional. Luis Martins da Silva retoma algumas previsões-mitos que se fizeram no passado sobre os dias de hoje. Tanto a hipótese da aldeia global profetizada por McLuhan como também a idéia de que as crianças chegariam às escolas, 'sabendo' mais do que os professores devido ao acesso à mídia, foram profecias que não se concretizaram. Embora o professor deva possuir outro perfil ele continua sendo um personagem insubstituível. A Internet está mudando o mundo, diz o Autor, perpassará o campo educacional e poderá resultar num longo processo de democratização da informação. Dando seqüência às reflexões sobre educação e informática Célia Maria Portella analisa a modernização do sistema educacional brasileiro através do movimento entre formação/informação; Helena M.B. Bomey menciona os pontos importantes da agenda das reformas educativas de alguns países latino-americanos a partir do Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina PREAL; Fernanda A. da Fonseca Sobral analisa o sistema dual/Suíça (também chamado de aprendizagem na empresa) método eficiente num período de crescimento econômico e Edivaldo Boaventura estuda o doutorado em Educação da Universidade de Quebec considerando como pontos de reflexão a organização multicampi, a pesquisa e interdisciplinariedade.

E, para finalizar um Anuário sobre educação nada melhor do que um informe detalhado sobre o centenário de Jean Piaget onde Barbara Freitag, organizadora desta coletânea participou ativamente.

Recomenda

O Anuário de Educação 95/96 abriga, sem dúvida alguma, o debate pedagógico de hoje reconhecendo, como nos diz Eduardo Portella, na educação a mola propulsora que nos conduzirá, qualificadamente, ao Terceiro Milênio.

[Voltar para Resenhas]

Como nesse exemplo, resenhas, em geral, são textos curtos (em média, 1000 palavras) se comparados com outros gêneros como o artigo acadêmico (em média, 15 mil palavras) ou a tese de doutorado (que pode incluir bem mais do que 80 mil palavras).

No Exemplo 2.1 (Ed#1), a resenhadora constrói três dos quatro estágios textuais mencionados anteriormente. Em primeiro lugar, o livro é apresentado; em seguida, descrito; e, por último, recomendado ao público. Para construir, de modo persuasivo, cada um dos três estágios indicados no Exemplo 2.1, a resenhadora avança, passo a passo, utilizando estratégias retóricas variadas.

De início, ao Apresentar o livro, a resenhadora tende a contextualizar o livro e definir de que maneira este faz uma nova contribuição para o 'estado da arte', isto é, o atual estado do conheci-

mento na área. Esse estágio estabelece o cenário contra o qual a resenhadora buscará Descrever (as partes do livro) e Avaliar (os melhores ou piores aspectos do mesmo). Ela 'abre o texto', apresentando o livro pelo seu título, O lançamento do Anuário de Educação 95/96...', pelo nome de sua autora, 'organizado por Barbara Freitag', e pelo valor de seus colaboradores, 'A presença de autores nacionais e internacionais permitiu que olhares forjados em diferentes países ou regiões do globo'.

Apresentação da autora e colaboradores do livro

Na apresentação da obra, também são definidos os temas abordados (relações interculturais e interétnicas, relações de gênero e análise das minorias) e o modo como a obra vem se inserir na disciplina como uma contribuição inovadora – 'A novidade que carrega esta coletânea é o enfoque dado à área educacional como expressão da própria sociedade e não como uma parte, lateral...'.
 Depois de estabelecida a apresentação, por meio das credenciais dos autores e do valor de contribuição do livro para a área, o próximo estágio serve para dar uma visão geral (enumerando as partes do livro) ou bem detalhada (definindo o conteúdo de cada capítulo) do livro.

No Exemplo 2.1, a resenhadora descreve:

a) a organização geral do livro -

Exemplo 2.2

Organização (tema aglutinador, eixo e modelos de referência)

Ed#1

Comunitarismo e universalismo é o grande tema aglutinador dos textos selecionados. E, a "formação educacional" é o eixo que permite ao leitor manter um olhar crítico frente às tendências sectárias, nacionalistas e restritivas com relação a natureza dos contatos interétnicos. Os modelos que, de alguma forma, são referenciais na elaboração do Anuário dizem respeito a políticas de etnicidade, políticas que presuspoem diálogo entre culturas e políticas transculturais

b) o tópico de cada capítulo -

Exemplo 2.3

Ed#1

Nesse sentido, o artigo de Sergio Paulo Rouanet, "Transculturalismo ou retorno à etnicidade" é aglutinador de toda a primeira parte da coletânea. A discussão sobre o multiculturalismo crítico, o dialogismo crítico é feita através do texto de Peter McLaren & Kris Gutierrez; a "questão judaica" e o Holocausto são analisados por Dietrich Goldschmidt à luz de uma política de entendimento (...); democracia e a educação depois de Auschwitz, é tema tratado por Heinz Sünker permitindo ao leitor refletir (...); e a conturbada discussão sobre política de estrangeiros é analisada por Erika Richter como um anacronismo alemão que nos leva, novamente, à temática do relativismo cultural versus universalismo cultural.

Tópico dos capítulos

A segunda parte da coletânea é dedicada à questão feminina. Safira Bezerra Ammann, Silvia Cristina Yannoulas, Wivian Weller analisam a condição da mulher latino-americana (...).

A terceira parte da coletânea trata do ciberespaço, tecnologia e formação profissional. Luis Martins da Silva retoma algumas previsões-mitos que se fizeram no

passado sobre os dias de hoje. (...) Dando seqüência às reflexões sobre educação e informática Célia Maria Portella analisa a modernização do sistema educacional brasileiro através do movimento entre formação/informação; Helena M. B. Bomey menciona os pontos importantes da (...); Fernanda A. da Fonseca Sobral analisa o sistema dual/Suíça (também chamado de aprendizagem na empresa) método eficiente num período de crescimento econômico e Edivaldo Boaventura estuda o doutorado em Educação da Universidade de Quebec (...).

c) e a natureza de material extra-textual -

Exemplo 2.4

Ed#1

E, para finalizar um Anuário sobre educação nada melhor do que um informe detalhado sobre o centenário de Jean Piaget onde Barbara Freitag, organizadora desta coletânea, participou ativamente.

Material extra-textual

No trecho acima, informes, assim como apêndices, anexos, tabelas, gráficos, figuras, dados, exercícios, glossários, listas de referências, índices remissivos, não fazem parte do texto principal do livro. O tipo e a freqüência desses materiais adicionais variam de área para área e dentro de cada área, dependendo do assunto tratado no livro, e serão mencionados sempre que isto for relevante para a avaliação do livro ou para as práticas de publicação da disciplina.

Em determinadas áreas, a qualidade da impressão das imagens ou a precisão e extensão do índice remissivo podem ser lembradas em uma avaliação favorável do livro. Como, no Exemplo 2.1, não há espaço dedicado a uma avaliação detalhada de partes específicas do livro, o comentário avaliativo se concentra no material extra-textual do livro, 'nada melhor do que um informe detalhado', que encerra o texto, fazendo as vezes de uma recomendação final.

Embora não haja uma seção específica do texto em que aspectos pontuais do livro resenhado sejam avaliados, a avaliação se espalha ao longo do texto, na forma de comentários que destacam qualidades do livro, pois este 'coloca em discussão os temas mais cadentes da atualidade' (1º Parágrafo), carrega uma 'novidade' (2º Parágrafo) e os assuntos abordados nele permitem 'ao leitor manter um olhar crítico' (3º Parágrafo).


Ao fazer comentários dessa natureza, a resenhadora chama para si o papel de especialista (autoridade) frente ao leitor que, por sua vez, se constitui como membro (amador, aspirante ou *expert*) de uma comunidade acadêmica. O estilo do texto é formal e o tom é persuasivo para influenciar a audiência a ler (ou não ler) o livro. O objetivo da autora da resenha, portanto, parece ser o de demonstrar autoridade dentro da disciplina enquanto membro capaz de avaliar criticamente uma nova publicação, tendo como pano de fundo a literatura prévia na disciplina; sua habilidade em fazer julgamentos plausíveis e coerentes, fornecendo evidências para tanto.

Além da avaliação subjacente à descrição inicial dos capítulos, o texto fecha com uma avaliação final de tom persuasivo: 'O Anuário de Educação 95/96 abriga, sem dúvida alguma, o debate pedagógico de hoje...' Como no Exemplo 2.1, ao Recomendar a obra, o resenhador

poderá aconselhar o leitor a ler (ou talvez, não ler) o livro, justificando-se e explicitando em que medida a obra é significativa para a disciplina como um todo (Motta-Roth, 1995:45).

Vejamos um outro exemplo de resenha retirado do site <http://www.relnet.com.br/pgn/review.lasso?>:

Exemplo 2.5

	Título: Historia económica, política y social de la Argentina
ACERVO	Autor: RAPOPORT, Mario e colaboradores
BOLETINS	
REVISTA INTERNACIONAL	Editora: Ediciones Macchi
ALERTA	
ACADEMIA	Número de páginas: 1148
EM FOCO	
RESENHAS	Resenhista: Carlos Federico Domínguez Avila
LINKS	
FÓRUM DE DEBATES	
WEBCHAT	
PESQUISA	<p>Como é sabido, a Argentina é um dos principais parceiros estratégicos do Brasil. Acadêmicos de ambos países lamentam, contudo, profundamente, o limitado conhecimento de que ainda se dispõe desse vizinho. Afortunadamente, essa tendência está sendo substituída por uma sistemática aproximação e intercâmbio de pesquisas, experiências e projetos. Nesse sentido, com grande satisfação, temos recebido um dos últimos trabalhos sobre a evolução histórica contemporânea da Argentina.</p> <p>O texto, dirigido pelo reconhecido professor e pesquisador argentino Mario Rapoport, contou com a colaboração de três distintos pesquisadores. Eduardo Madrid, Andrés Musacchio e Ricardo Vicente, todos ligados ao Instituto de de Investigación de Historia Económica y Social da Universidade de Buenos Aires.</p> <p>O trabalho inspira-se nas idéias de totalidade e longa duração da influente escola francesa de história, particularmente das exemplares monografias de Fernand Braudel.</p> <p>Esquemáticamente, o livro divide-se em nove capítulos, estudando um período de 120 anos como se pode observar no título. Cada capítulo analisa uma série compacta de temas econômicos (modelos de crescimento, macroeconomia, relações comerciais), políticos (governabilidade, fenômenos especificamente argentinos como peronismo, evolução do sistema político), sociais (movimento operário, relações Estado-sociedade, problemas sócio-econômicos), assuntos internacionais e muitos outros que têm influenciado a evolução histórica de um país subdesenvolvido, dependente e periférico como é la nación del Plata.</p> <p>Três aspectos da obra merecem particular destaque, à vista do leitor.</p> <p>Primeiro, a habilidade e o profissionalismo para articular em um discurso variáveis econômicas, políticas, sociais e internacionais, sem perder o devido rigor, a facilidade de leitura e a capacidade explicativa.</p> <p>Segundo, o livro logra sintetizar equilibrada e objetivamente os desafios, condições e possibilidades que a nação argentina deveu superar durante o século XX. Obviamente, esse não é um tema menor, posto que se trata de um país que durante a primeira metade do século experimentou importantíssimas transformações estruturais, alcançando um inédito grau de crescimento econômico e prosperidade social. Os temas do pós-guerra também são tratados com muito profissionalismo, especialmente no que diz respeito ao peronismo, aos governos militares, à complexa redemocratização dos anos oitenta, culminando com a polêmica revolução (neo)liberal durante o governo de Carlos Saúl Menem.</p> <p>E, terceiro, o leitor brasileiro certamente dispõe agora de um trabalho particularmente valioso. Rapoport expõe, desde a perspectiva argentina, de maneira sistemática, uma visão e uma avaliação geral do peso que as relações bilaterais tiveram sobre a formação nacional argentina. O capítulo nono é particularmente importante ao estudar o longo, dinâmico e animador processo de integração regional que ambos os países têm promovido durante o século XX, culminando com a criação do MERCOSUL.</p> <p>Finalmente, cabe reconhecer tecnicamente que o trabalho de Rapoport e colaboradores é lúcido, objetivo, didático e extensamente documentado. Uma pequena limitação relaciona-se com as citações e referências à bibliografia, por vezes confusas. Porém, ao final, o balanço é muito positivo. Não resta senão elogiar o valioso e pertinente aporte de nossos colegas e hermanos del sur.</p>
LITERAR CADASTRO	

Diferentemente do primeiro exemplo, o texto do Exemplo 2 inclui os quatro estágios textuais, conforme é possível notar pelas expressões destacadas em diferentes cores no texto, que funcionam como marcadores dos estágios de Apresentação (1) , Descrição (2), Avaliação (3) e Recomendação (4).

Como ilustrado pelo exemplo, a linguagem usada em resenhas freqüentemente inclui verbos no presente perfeito para descrever a disciplina até o surgimento do livro; no presente simples para descrever as partes do livro e avaliá-lo; e no futuro para indicar a avaliação final e indicar possíveis aplicações para o livro. A linguagem é densamente avaliativa e, muitas vezes, inclui exemplos ou excertos do livro para ilustrar críticas ou elogios.

Podemos construir uma descrição esquemática para o gênero, conforme o modelo da Figura 2.1.

1 APRESENTAR O LIVRO

Passo 1 Informar o tópico geral do livro	e/ou
Passo 2 Definir a audiência-alvo	e/ou
Passo 3 Dar referências sobre o autor	e/ou
Passo 4 Fazer generalizações	e/ou
Passo 5 Inserir o livro na disciplina	

2 DESCREVER O LIVRO

Passo 6 Dar uma visão geral da organização do livro	e/ou
Passo 7 Estabelecer o tópico de cada capítulo	e/ou
Passo 8 Citar material extra-textual	

3 AVALIAR PARTES DO LIVRO

Passo 9 Realçar pontos específicos

4 (NÃO) RECOMENDAR O LIVRO

Passo 10A Desqualificar/Recomendar o livro	ou
Passo 10B Recomendar o livro apesar das falhas indicadas	

Figura 2.1 Descrição esquemática das estratégias retóricas usadas no gênero resenha (Motta-Roth, 1995:143)

Conforme vimos nos exemplos, em cada um dos quatro estágios textuais – Apresentar, Descrever, Avaliar e Recomendar – o resenhador pode empregar essas estratégias retóricas, escolhendo usar uma dessas alternativas ou todas juntas.

Vimos também que, embora a avaliação seja a função definidora do gênero resenha, não é seu único componente. Uma pesquisa anterior junto a editores de resenhas (Motta-Roth, 1998) revelou que há uma expectativa quanto à descrição detalhada do conteúdo e da organização do livro.

Logo, o gênero é, ao mesmo tempo, avaliativo e informativo, mas esse teor avaliativo, entretanto, varia entre as disciplinas. Em Química, a avaliação é suave - 'no mínimo, porque uma resenha avaliativa dá muito trabalho' (Motta-Roth, 1995) e resenhas fortemente avaliativas são indesejáveis e podem muitas vezes causar constrangimentos. Enquanto que o editor de Química acredita que críticas criam inimigos, se não forem expressas com moderação, o editor de Lingüística acha que o tipo de avaliação (mais ou menos velada) depende da personalidade do resenhador, enquanto que o de Economia acha que isso depende da experiência profissional do resenhador na área.

A avaliação em resenhas segue certos critérios internos a cada disciplina. Em Química, por exemplo, a **recência** e o **objetivo** do livro devem ser explicitados.

[Editor de Química]

'Um livro que traga novas informações ou jogue luz sobre velhas questões. Elementos como índices são importantes em um livro científico.' (Motta-Roth, 1998:137)

A data das referências e o material visual (como índice, tabelas, gráficos), que geralmente ajudam os leitores a pegar a informação mais rápida e eficazmente, são importantes em Química. Além disso, químicos desejam saber a amplitude do tratamento do assunto (superficialmente ou em detalhes).

Em Lingüística, é importante que o resenhador estabeleça o valor do livro para a **audiência-alvo** e sua capacidade de inovar a área e responder às expectativas dos leitores:

[Editor de Lingüística]

'Novo e interessante para os leitores da revista, apresentando um novo modo de olhar o assunto, com uma visão clara dos argumentos presentes no livro.' (Idem:Ibidem)

Na Economia, há um crescente interesse pela **matemática** nas últimas décadas, em função de que talvez, para um economista, 'argumentos verbais não sejam tão contundentes hoje em dia como argumentos matemáticos' (Motta-Roth, 1995:103-06).

A idéia de um bom livro em economia é um livro escrito claramente, bem argumentado, organizado por tópicos...Algo que não é uma releitura de material antigo. Por causa do fato da área ter se tornado mais matemática, os livros estão trazendo mais tabelas e gráficos, com mais material visual.' [Editor de Economia] (Motta-Roth, 1998:137)

A avaliação de resenhadores, portanto, é afetada por diferentes questões tais como a natureza dos assuntos tratados, o tratamento do corpus, a velocidade com que os programas de pesquisa avançam em cada disciplina.

Podemos considerar que o gênero discutido nesta unidade serve para incrementar o diálogo acadêmico entre pesquisadores, seja numa relação de simetria entre resenhador dirigindo-se a seus pares, ou em uma relação descendente em que o resenhador se coloca como um *expert* opinando para uma audiência-alvo de não-iniciados. A relação de assimetria entre o autor do livro e o resenhador é outro fator que afeta o tom da avaliação feita. Para o editor de Química, 'muitas pessoas que normalmente resenhariam um livro em um dado assunto não querem resenhar um livro se ele for de um prêmio Nobel, por exemplo. Eles não querem ficar na posição de ter de fazer alguma crítica.' Relações de simetria, por outro lado, podem resultar em textos mais explicitamente avaliativos com menos termos de mitigação como 'talvez', 'parece', 'possivelmente' em oposição a termos de ênfase ('certamente'), como aqueles que se observam nos exemplos nesta unidade:

Exemplo 2.6

E#1

Segundo, o livro logra sintetizar equilibrada e objetivamente os desafios, condições e possibilidades que a nação argentina deveu superar durante o século X (...) E, terceiro, o leitor brasileiro certamente dispõe agora de um trabalho particularmente valioso. (...) **Uma pequena limitação** relaciona-se com as citações e referências à bibliografia, por vezes confusas. Porém, ao final, o balanço é **muito positivo**. ...Não resta senão **elogiar o valioso e pertinente aporte** de nossos colegas e hermanos del sur..

Avaliação positiva enfática

Avaliação negativa mitigada

Resenhadores em Química tendem a adotar uma visão mais ampla do livro sem avaliações exaustivas, enquanto que economistas e lingüistas tendem a produzir uma argumentação mais extensa e elaborada (Motta-Roth, 1995:263-65), com um discurso mais 'literário' (McCloskey, 1981) com recursos metafóricos (Klamer, 1987). Essas estratégias diferentes de descrever e avaliar evidenciam que cada disciplina tem maneiras particulares de usar o mesmo gênero para a comunicação profissional. Novas publicações são criticadas em relação aos valores constituídos na disciplina correspondente. O resenhador, ao se comportar como membro de uma disciplina, refere-se a esses valores e, dessa forma, contribui para a formação de um sentido de comunidade em sua área de atuação (conforme já apontado, no passado, por Kuhn ([1962]1970:184).

Sugestão de atividades

1. Analise algumas resenhas e tente identificar as estratégias retóricas usadas por esses resenhadores. Leia abaixo exemplares de resenhas extraídos dos *sites* <http://www.ceveh.com.br/biblioteca/resenhas/> e o <http://www.relnet.com.br/pgn/review.lasso?>. Visite esses *sites* e colete textos de seu interesse para fazer o exercício ou então entre no www.google.com e peça para pesquisar a palavra-chave 'resenhas'. O Google lhe dará opções de outros *sites* que trazem exemplares do gênero;
2. Depois de escolher a resenha de seu interesse, leia-a e tente definir os estágios do texto;
3. Verifique como o resenhador analisa o livro em termos de 'certeza/incerteza no comentário', 'boa/má qualidade', 'maior/menor importância' da obra (Hunston, 1994);
4. Verificando os recursos da linguagem empregados pelo resenhador para sinalizar estágios textuais diferentes: quando ele descreve e quando avalia;
5. Compare esses textos ao modelo de resenha acadêmica reproduzido anteriormente e tente identificar pontos comuns entre eles;
6. Escolha um livro para analisar. Defina as partes de que você gosta mais e menos, selecione alguns termos de elogio e crítica para comentar essas partes, tente encontrar uma vantagem e uma desvantagem do livro, pense em qual seria sua recomendação final sobre a obra. Tente pensar nas razões que o levaram a escolher o livro;
7. Escreva uma resenha de um livro de, no máximo, 1 página. Imprima, leia, revise e, no computador, edite seu texto.
8. Crie coragem! Imprima cópias de sua resenha para distribuir para os colegas, alunos e professores. Peça uma leitura crítica de seu texto;
9. Procure criar, com outro colega, uma dinâmica de leitura recíproca de textos. Isso lhe ajudará a desenvolver habilidades de revisão que serão preciosas quando você estiver produzindo o seu próprio texto.

<http://www.ceveh.com.br/biblioteca/resenhas/fnB0>

CeVEH

por Rafael Ruiz

AUTOR: MAQUIAVEL, NICOLAU

TÍTULO: O PRÍNCIPE

TRADUÇÃO: LÍVIO XAVIER

EDITORA: ABRIL CULTURAL. SÃO PAULO, 1983.

A obra de Maquiavel deixou uma marca tão profunda na política dos Estados modernos que seu nome passou a qualificar um determinado tipo de política. "Maquiavélico" é, talvez, um dos adjetivos mais conhecidos até por aqueles que pouco ou nada têm a ver com política.

A obra é relativamente pequena -26 capítulos, na sua maior parte pequenos, e uma carta de Maquiavel como Apêndice- e, de certa forma, até o Cap. XIII predomina uma intenção descritiva -hoje talvez poderíamos chamar de "Teoria do Estado"-da história política da Europa. Maquiavel preocupa-se em descrever as espécies de principados e de que forma se adquirem (Cap. I); dos principados hereditários e mistos (Cap. II e III); ou bem, como se conquistam pelas armas (Cap. VII) ou pelo crime (Cap. VIII). Trata também sobre os principados civis e os eclesiásticos (Cap. IX e XI) e da necessária preocupação e tratamento dos exércitos (XII e XIII).

A partir do Cap. XIV - "*Dos deveres do príncipe para com suas tropas*" - o autor passa a entrar no que hoje poderíamos denominar de esfera ética. Preocupa-se em dar indicações e normas sobre modos de conduta que o Príncipe bom e prudente deveria seguir:

"Deve, pois, um príncipe não ter outro objetivo nem outro pensamento, nem ter qualquer outra coisa como prática a não ser a guerra, o seu regulamento e a sua disciplina, porque essa é a única arte que se espera de quem comanda" (Cap. XIV).

No Cap. XV, ao tratar "*das razões por que os homens e, especialmente, os príncipes são louvados ou vituperados*", Maquiavel manifesta seu intuito de falar sobre o comportamento que os príncipes devem ter com relação aos seus súbditos e esclarece que não pretende fazer como tantos outros autores que já tem tratado desse tema:

"Todavia, como é meu intento escrever coisa útil para os que se interessarem, pareceu-me mais conveniente procurar a verdade pelo efeito das coisas, do que pelo que delas se possa imaginar".

Trata-se, portanto, de inaugurar uma "ética de resultados", onde a verdade se conclua da utilidade ou inutilidade das ações. É neste capítulo que Maquiavel estabelece mais claramente a separação entre o "ser" e o "dever-ser":

"Vai tanta diferença entre o como se vive e o modo por que se deveria viver, que quem se preocupar com o que se deveria fazer em vez do que se faz aprende antes a ruína própria, do que o modo de se preservar; e um homem que quiser fazer profissão de bondade é natural que se arruine entre tantos que são maus".

O critério ético fica deslocado a partir deste momento. O que interessa não é a bondade ou praticar atos justos, mas a utilidade e praticar atos que produzam um rendimento que beneficie ao autor. Maquiavel não afirma que essa atitude seja boa, simplesmente constata -como o fará repetidamente nos outros capítu-

los- que é a única atitude possível para sobreviver neste mundo.

"Assim, é necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se disso segundo a necessidade".

Na raiz dessa postura encontra-se uma visão moderna do conceito de lei, embora Maquiavel não fale expressamente. A lei é vista como um instrumento do poder para imperar coativamente uma conduta determinada. Para Maquiavel, a lei é a própria vontade do Príncipe. Dessa forma, haveria dois mundos separados: o mundo da ética/moral, onde se afirma uma lei interna e privada e, até certo ponto, abstrata (o espaço do dever-ser e da bondade); e o mundo do direito/justiça, onde se afirma uma lei externa, pública e concreta (o espaço do ser e do jurídico).

Partindo dessa dicotomia, Maquiavel justificará qualquer tipo de ação, desde que "formal e publicamente" aceita, ou, como diria o autor, desde que o Príncipe convencesse, por quaisquer meios, os seus súbditos. Nesse sentido, inaugura uma nova visão sobre a ação humana e, especificamente, sobre a ação política. Hobbes e Rousseau serão apenas variantes "maquiavélicas". O "Contrato Social" difere apenas em quantidade: a vontade da maioria é maior do que a vontade do Príncipe, mas as suas bases são as mesmas, ou seja, a separação entre o público e o privado e a redução da lei a uma manifestação da vontade (do Príncipe ou da maioria) e à sua força coativa.

Para o autor, como para seus seguidores, ou não cabe falar em justiça, ou então, a justiça passa a ser a consequência do fato de que o autor da lei se tenha expressado de maneira livre e de forma legalmente correta. Porém, discutir sobre se uma determinada lei é ou não contra a razão ou querer saber se é ou não *como deve ser* é, precisamente, sair do mundo jurídico e adentrar-se no mundo moral.

Partindo desses princípios, Maquiavel aconselhará o Príncipe como ser liberal e generoso e como exigir tributos dos seus súbditos (Cap. XVI) ou como será melhor para ele ser temido do que amado, sempre que não seja odiado porque, afinal de contas, ninguém consegue provocar amor e, sim, medo, porém na medida certa de maneira que não se desperte o ódio (Cap. XVII).

O Cap. XVIII - *"De que forma os príncipes devem guardar a fé"* - é, talvez, junto com o XV, um dos mais "maquiavélicos". Maquiavel começa lembrando que há duas formas de se combater: ***"uma, pelas leis; outra, pela força. A primeira é própria do homem; a segunda, dos animais"***. E avisa que, para que tudo saia bem para o Príncipe, é necessário que saiba ***"saiba empregar convenientemente o animal e o homem(...)*** ***Por isso, um príncipe prudente não pode nem deve guardar a palavra dada quando isso se lhe torne prejudicial e quando as causas que o determinaram cessem de existir"***.

Da mesma forma que se deslocara o conceito de bondade como critério ético das ações, Maquiavel altera aqui o sentido do conceito de prudência. O termo clássico cunhado pelos gregos significava "a arte de agir bem", ou seja, a prudência era uma forma de conhecimento que permitia o homem saber como praticar seus atos de acordo como bem ético. Para Maquiavel, como vimos, a "bondade" passa a ser substituída pela "utilidade" e, portanto, carece de sentido uma conceituação de prudência relacionada com o bem. É, por isso, que "prudência" para Maquiavel passa a ser sinônimo de "esperteza" ou "astúcia": uma forma de conhecimento que permite, de acordo com as circunstâncias, agir em benefício próprio.

Maquiavel, de novo, percebe que essa conduta não é, precisamente, a desejável, mas é a "melhor possível" no mundo em que nos encontramos: ***"Se os homens todos fossem bons, este preceito seria mau. Mas, dado que são perversos e que não a observariam a teu respeito, também não és obrigado a cumpri-la [a palavra dada] para com eles. Jamais faltaram aos príncipes razões para dissimular***

quebra da fé jurada".

O mais importante, portanto, é *"disfarçar muito bem esta qualidade e ser bom simulador e dissimulador. E tão simples são os homens, e obedecem tanto às necessidades presentes, que aquele que engana sempre encontrará quem se deixe enganar"*.

Maquiavel não era propriamente um filósofo e, talvez, fosse excessivo pedir-lhe que atuasse como tal. Teria lembrado das posições clássicas sobre a lei. Os gregos pensavam que *a lei é a medida do movimento*. Nesse sentido, poderia entender-se que essa medida tem um certo caráter de "regra diretiva" da ação. A força, para ser eficaz, precisa estar dentro de uma forma. Uma força sem medida não é criadora, mas destruidora. A lei poderia definir-se como a medida do poder e a força. A questão é que Maquiavel faz depender o critério da "medida" do poder das próprias conveniências do Príncipe, enquanto que para os gregos, a "medida" do poder humano era a própria natureza humana, a sua racionalidade.

O específico da violência é ser um poder sem medida, ou, como diria Maquiavel, um poder à medida das necessidades do Príncipe. Isto, embora o Príncipe possa impô-lo pela força, é contra a natureza do homem, porque o que todo homem deseja e a sociedade procura é compartilhar do bem comum e não garantir ou aceitar o bem de um só. É por isso que os gregos afirmavam que toda lei se ordena ao bem comum e que, portanto, a lei é o que é justo para a sociedade[1] e não, como quer Maquiavel, o que seja conveniente para manter o poder.

Dentro deste contexto, Maquiavel introduz definitivamente a distinção entre o "ser" e a "aparência". A preocupação da filosofia clássica entre o "ser" e os "acidentes" (ou fenômenos), ou seja, o fato de o homem ter acesso apenas ao que aparece e não à essência das coisas, que, para os gregos, implicou o desenvolvimento de toda a sua filosofia à procura do que as coisas são e não de como elas nos aparecem, passa a carecer de sentido no mundo moderno inaugurado por Maquiavel.

"O Príncipe não precisa possuir todas as qualidades acima citadas, bastando que aparente possuí-las. Antes, teria eu a audácia de afirmar que, possuindo-as e usando-as todas, essas qualidades seriam prejudiciais, ao passo que, aparentando possuí-las, são benéficas; por exemplo, de um lado, parecer ser efetivamente piedoso, fiel, humano, íntegro, religioso, e de outro, ter o ânimo de, sendo obrigado pelas circunstâncias a não o ser, tornar-se o contrário".

As circunstâncias passam a ser o critério da ação, de tal forma que o Príncipe *"há de entender o seguinte: não pode observar todas as coisas a que são obrigados os homens considerados bons, sendo frequentemente forçado, para manter o governo, a agir contra a caridade, a fé, a humanidade, a religião. É necessário, por isso, que possua ânimo disposto a voltar-se para a direção a que os ventos e as variações da sorte o impelirem, e, como disse mais acima, não partir do bem, mas, podendo, saber entrar para o mal, se a isso estiver obrigado"*. E, dando provas, de quem conhece bem a pasta humana de que estamos feitos, confirma: *"...os homens, em geral, julgam mais pelos olhos do que pelas mãos, pois todos podem ver, mas poucos são os que sabem sentir. Todos vêem o que tu pareces, mas poucos o que és realmente, e estes poucos não têm a audácia de contrariar a opinião dos que têm por si a majestade do Estado"*.

No final deste capítulo, Maquiavel estabelece definitivamente o princípio que o tornará célebre ao longo da história: *"Nas ações de todos os homens, máxime dos príncipes, onde não há tribunal para que recorrer, o que importa é o êxito bom ou mau. Procure, pois, um príncipe vencer e conservar o Estado. Os meios que empregar serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o*

vulgo é levado pelas aparências e pelos resultados dos fatos consumados".

Maquiavel vai contra a corrente de pensamento clássico inaugurado pelos gregos, que estimulavam o homem a "tornar-se aquele que pode chegar a ser" ou "a ser si próprio". Maquiavel não acredita na capacidade de desenvolvimento perfectivo do ser humano. Olha e aceita o homem "como é". É por isso que carece de sentido falar de moral ou de Ética em Maquiavel. Porque a Ética diz respeito a esse desenvolvimento. Só cabe falar em Ética quando se considera o homem como um ser em formação e, portanto, com um "dever-ser" que o dirija. É sobre esse "dever-ser" que a Ética tem algo a falar. Não na forma de leis e normas que recortem ou impeçam a liberdade humana, mas explicitando as leis que encaminha a ação humana a sua auto-perfeição. Porém, Maquiavel não está preocupado com a tratar sobre a perfeição humana -já avisou no começo do livro- mas sobre a maneira de conservar o poder. O problema surge quando se aceitar definitivamente que essa maneira de agir é a única maneira razoável em política ou, por outras palavras, que a ética política consiste em aceitar o ser "de como as coisas são" e considerar o "como deveriam ser" as coisas como algo hipotético e moralizante.

Dos outros capítulos, os mais interessantes, talvez, sejam o Cap. XXII, onde Maquiavel dá algumas indicações "úteis" sobre como os Príncipes devem tratar seus ministros se querem assegurar-se deles: tratá-los bem, dando-lhes honras, fazendo-os ricos de maneira que fiquem obrigados aos Príncipes e o Cap. XXV, quando fala da "Fortuna". A metáfora de Maquiavel com o rio encolerizado é adequada. A Fortuna ataca como um rio impetuoso, e nada ou muito pouco se pode fazer, mas depois "*quando volta a calma, podem fazer reparos e barragens*" evitando danos futuros numa outra cheia. Assim acontece com a fortuna. É preciso saber fazer-lhe resistência. E fazê-la mudando de atitude de acordo com as circunstâncias: "*...julgo feliz aquele que combina o seu modo de proceder com as particularidades dos tempos, e infeliz o que faz discordar dos tempos a sua maneira de proceder*".

Maquiavel introduz na esfera política do renascimento uma cosmovisão de ética muito diferente da introduzida por um More, com a sua "Utopia", ou um Cervantes, com seu "D. Quixote". Trata-se de uma ética de resultados que terá consequências, a curto prazo, no âmbito da Conquista e colonização do Novo Mundo e, a longo prazo, no âmbito do que hoje conhecemos como "mundo da política".

[1] ARISTÓTELES, "*Ética a Nicômaco*", 1129b 17.

<http://www.relnet.com.br/pgn/review.lasso?>

Título: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Solidariedade e Ação Política

Autor: SARAIVA, José Flávio Sombra (Org).

Editora: IBRI

Número de páginas: 203

Resenhista: Leonardo Abrantes de Sousa

Palavras-chave associadas a este documento:

- Integração Regional CPLP
- Temas Globais Desenvolvimento Econômico e Social
- Política Exterior Brasileira

Desde sua criação em 17 de julho de 1996, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) promove a cooperação e o desenvolvimento das sociedades lusófonas. A intenção de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, quando se uniram em torno deste grande projeto, não foi apenas festejar o idioma comum,

mas sobretudo estabelecer um canal efetivo de conversação e compartilhamento de experiências e construir um espaço para a concertação política em seu mais alto nível. Ainda que saudada nos dois lados do Atlântico como uma iniciativa importante para os Estados envolvidos, a CPLP não havia sido até então objeto de um estudo mais profundo, que articulasse as evidentes questões culturais envolvidas, mas que também questionasse pela sua instrumentalidade no acervo político-diplomático dos membros.

Neste contexto, o lançamento de "Comunidade dos países de língua portuguesa: solidariedade e ação política", livro organizado por José Flávio Sombra Saraiva, professor de História das Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), rompe o silêncio até o momento observado em torno da instituição. O livro em questão marca pioneiramente os estudos sobre a cooperação lusófona, ao tempo em que também inaugura uma nova coleção de estudos na área de relações internacionais - Anima Mundi - lançada pelo Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), que promete reunir estudos sobre as grandes questões internacionais, com o objetivo de dar a conhecer a complexidade da agenda contemporânea e os desafios que portam para a inserção internacional do Brasil.

O conjunto de estudos organizado por Saraiva, que inclui textos de acadêmicos, diplomatas e lingüistas, é uma excelente introdução à causa da cooperação lusófona, onde estão expostas as questões relativas à engenharia política que deu origem à instituição, o papel que pode desempenhar a economia no adensamento dos laços que unem os parceiros e, como não poderia deixar de ser, a função aglutinadora desempenhada pela língua comum. Em outras palavras, o livro em questão nos apresenta o corpo da cooperação lusófona, o cérebro que a coordena, sem esquecer sua alma, ou seja, os povos e as culturas que a compõem.

Como é de todos sabido, a África há muito deixou de ser uma referência especial no conjunto das relações internacionais do Brasil. Com efeito, o trabalho de inserção realizado ao longo dos anos setenta e oitenta pela diplomacia brasileira, que construiu um lugar pertinente para o continente africano nos fluxos de comércio do país, se desfez na década de noventa, processo causado pela crescente irrelevância econômica assumida pelos tradicionais parceiros do outro lado econômico e pelo estado de crise política permanente que se abateu sobre o continente, mas sobretudo pela nova ordem de prioridades que passou a caracterizar o cálculo estratégico da política exterior do Brasil. Esta afirmação pode ser exemplificada pelos índices comerciais - atualmente o continente africano responde por não mais do que 2% do total das correntes de exportação do Brasil, enquanto essa participação era pelo menos cinco vezes maior nos anos oitenta. Sob esse ponto de vista, o lançamento de uma iniciativa diplomática do porte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa é oportunidade para se inquerir sobre o lugar que a África pode ocupar nas prioridades internacionais do Brasil.

Apesar do importante arcabouço político em que a CPLP está inserida, vários obstáculos para o seu pleno funcionamento já foram detectados e a sua superação deve ser o principal objetivo de ação dos países membros. Os projetos de cooperação caminham lentamente, e apenas alguns com os Palop - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - estão em execução. Outro aspecto negativo existente está relacionado à própria engenharia política que deu origem à Comunidade, que encontra o seu foco no arranjo 2+5 - em decorrência da superioridade financeira, separa Brasil e Portugal dos Palop. A CPLP ainda enfrenta dois grandes desafios: o pouco conhecimento da Comunidade, que começa agora a estabelecer protocolos e convênios com outros organismos internacionais como a UNESCO e a UNCTAD; e a escassez de recursos financeiros para implementar os seus projetos prioritários.

A CPLP, ainda que com as limitações supracitadas, fez-se presente nos recentes acontecimentos no Timor Leste. Além de cooperar para a pacificação e reconstrução da região, os países da Comunidade apoiam a formalização da independência do Timor, bem como o reconhecimento do mesmo pelas Nações Unidas e firmam o seu auxílio na construção de seus sistemas político e judiciário. Aliás, Timor Leste é atualmente observador na instituição, devendo ser admitido como membro pleno após as eleições de constituição do seu primeiro

governo, que devem se realizar em agosto de 2001.

Neste contexto, o lançamento de uma iniciativa como a da CPLP não deixa de causar interesse por parte do público em geral - afinal, o que pretende a diplomacia brasileira com esse projeto? Quais interesses a CPLP permite realizar no médio e longo prazos? Estaria o Brasil em condições de investir em projeto que não apresenta uma instrumentalidade imediata para a sua ação internacional? Como se posicionam os demais parceiros, especialmente Portugal, nesta empreitada? Essas são perguntas que o livro organizado por Saraiva procura responder.

<http://www.relnet.com.br/pgn/review.lasso?>

Título: Prós e contras da globalização

Autor: HELD, David, MCGREW, Anthony

Editora: Jorge Zahar

Número de páginas: 107

Resenhista: Virgílio Caixeta Arraes

Palavras-chave associadas a este documento:

- Temas Globais Globalização
- Economia Internacional
- Política Internacional

Passada cerca de uma década após o fim da Guerra Fria entre Estados Unidos - EUA - e a extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS -, não há, nas relações internacionais, a consolidação de conceitos com o mesmo vigor e intensidade que havia no período anterior. Tentativas foram feitas, como a do norte-americano Francis Fukuyama, ao proclamar o fim da história, no sentido de que a democracia liberal seria a única alternativa viável para os países, na era que nascia, fruto da vitória do pólo ocidental.

No entanto, tal premissa não se consolidou, à proporção que os regimes democráticos instituem-se e solidificam-se em velocidade inferior à das práticas econômicas liberais, o que causa, na maioria das vezes, um arrefecimento ideológico da parte política, inspirando aspirações imediatistas e autoritárias. Apenas um conceito obteve presença no mundo inteiro, a despeito do regime político e econômico adotado por cada país:

globalização. Em todos os continentes, o termo designaria processos sociais díspares, se comparados em conteúdo, no planeta todo. Justamente por não corresponder a uma definição precisa, o conceito serve para debates intermináveis sobre o seu real significado, não havendo, até o presente momento, um consenso entre historiadores, politólogos, economistas e cientistas sociais, de um modo geral. Contudo, determinados aspectos mais amplos são aceitos pela maioria dos estudiosos como a compressão do tempo e do espaço - em função do avanço tecnológico -, uma interdependência sem precedentes entre os países - por causa da maior proximidade das economias nacionais - e a erosão das barreiras e fronteiras - com o conseqüente desmantelamento gradativo do Estado-nação como ator principal nas tomadas internas de decisão.

Mesmo com essa abordagem ampla, o tema ainda encontra resistências para ser aceito como um retrato da realidade contemporânea, como é o caso dos autores britânicos Paul Hirst e Grahame Thompson, que afirmam que a era atual caracteriza-se por uma internacionalização e não por uma globalização: o que há, de fato, no mundo, seria uma maior aproximação entre as economias dos Estados-nações, sem a perda de sua autonomia decisória.

Destarte, como conseqüência da incerteza conceitual, que ocasiona uma pluralidade de visões, Held e McGrew, ambos professores universitários na Grã-Bretanha, procuraram didaticamente mapear, na sua obra, a diversidade acadêmica do tema, ao abordar as diferentes visões de conceituados estudiosos - Ulrich Beck, James Rosenau, Samir Amin, Manuel Castells, Andre Gunder Frank, Anthony Giddens, Robert Keohane e outros - sobre os impactos deste fenômeno, que refletem, de modo direto ou indireto, sobre a política, a economia, a cultura, a ciência etc.

No correr da obra, ao destilarem-se as opiniões divergentes de inúmeros estudiosos, reverbera, de forma indireta, que, apesar do peso que se dedica à independência da economia em relação a outros segmentos sociais da realidade, nas relações internacionais contemporâneas, o posicionamento será político, dado que cada autor se municiará de estatísticas, comparações, interpretações anteriores de outros intelectuais, que lhe proporcionarão material suficiente para corroborar ou refutar determinada visão do processo de globalização.

Os principais temas abordados pelos autores são: o papel do moderno Estado-nação perante o crescimento gradativo e inexorável de outros atores, como empresas transnacionais, organizações internacionais e organizações não governamentais; o lugar da cultura, em um mundo cada vez mais permeado de influências distantes e distintas; o desempenho da economia em uma situação cada vez maior de suposta independência em relação a populações e dirigentes nacionais; a questão da desigualdade como um fator permanente das relações internacionais - a globalização não causaria mais pobreza; no entanto, o fosso entre os países ou regiões aumentaria, visto que ela geraria mais riquezas ao país ou ao grupo detentor de tecnologia, por exemplo; finalmente, se seria possível, em face da duração do item anterior, a obtenção, por meio de uma construção sócio-político mundial, de um consenso mínimo entre todos, codificado em uma ética global, que garantiria a satisfação de determinados direitos a todos.

A proposta dos autores não é a chegada a uma resposta definitiva, em relação aos pontos mencionados acima, à medida que a dinâmica do processo contemporâneo é sobremaneira desvolto, o que desestimula prognósticos terminantes. Todavia, os autores proporcionam um panorama interessante sobre questões - enfeixadas no irrestrito e magnético conceito da globalização - que estão delineando o cenário futuro do mundo.

Referência dos exemplos

- Ed#1 SILVA, J. T. da. (30 de março de 1997) *Resenha*. [Resenha do livro *Anuário de Educação 1995/1996. A educação formal: entre o comunitarismo e o universalismo*, de Barbara Freitag]. Obtido em 27 de julho de 2001 da www: <http://www.ceveh.com.br/biblioteca/resenhas/>
- E#1 AVILA, Carlos F. D. *Resenha*. [Resenha do livro *Historia económica, política y social de la Argentina*, de Mario Rapoport e colaboradores]. Obtido em 27 de julho de 2001 da www: [http:// www.relnet.com.br/pgn/review.lasso?](http://www.relnet.com.br/pgn/review.lasso?)

CAPÍTULO
3

Artigo Acadêmico:

Introdução

Désirée Motta-Roth



Pablo Picasso: A Refeição (1953)

3.1 O que é um artigo acadêmico?

O gênero artigo acadêmico serve como uma via de comunicação entre pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e pós-graduação. Na atualidade, o valor do conhecimento gerado na atividade de pesquisa é primordial para o avanço das várias profissões que compõem a sociedade contemporânea. A atividade de pesquisa está essencialmente ligada ao meio universitário, onde professores e alunos desenvolvem estudos avançados e pesquisas que, mais tarde, tornar-se-ão públicas por meio de apresentações em congressos, mas principalmente, por meio da publicação de trabalhos escritos em revistas especializadas. Esse conhecimento será gradativamente reescrito e recontextualizado na forma de informações simplificadas a serem publicadas em jornais e revistas de comunicação de massa para que o público em geral vá assimilando os avanços da ciência.

Não se esqueça que até bem pouco tempo, uns 500 anos, as pessoas pensavam que o Sol girava em torno da Terra. Foi preciso muito estudo, discussões (e algumas fogueiras da Inquisição)

para que, por meio da divulgação desse saber, qualquer criança atualmente na quinta série do ensino fundamental saiba como se dá a rotação terrestre. Esse conhecimento hoje tão simples já foi algo extremamente acadêmico, limitado a um círculo fechado de doutos senhores (havia pesquisadoras antes, durante e depois da Idade Média, mas elas foram ignoradas nos relatos da história da ciência. Mas isso já é assunto para outro livro!).

As informações geradas na pesquisa, ao serem submetidas à apreciação e aprovação (ou condenação) pública são, aos poucos, absorvidas pela sociedade mais ampla, servindo de suporte para tomadas de decisão em diferentes instâncias como governos, empresas, indústrias, comércio, escolas e famílias. Assim, é importante que examinemos mais de perto o sistema de circulação de informação científica. Como o artigo acadêmico é o gênero textual mais conceituado na divulgação do saber especializado acadêmico, concentraremos nossa atenção nele.

Embora haja tipos diferentes de artigos acadêmicos, ficaremos circunscritos ao **artigo experimental**, cujo objetivo é discutir ou apresentar fatos referentes a um projeto de pesquisa sobre um dado problema dentro de uma área de conhecimento específica. Conforme vimos sinteticamente na Unidade 1, o artigo experimental pode ser descrito em termos de:

- Objetivo (discutir um experimento ou fazer um levantamento da pesquisa prévia sobre um tópico em uma dada área);
- Forma (10 a 20 páginas, incluindo as referências);
- Publicação (em revistas acadêmicas);
- Atividades que o autor desenvolve (selecionar a bibliografia, delimitar e analisar um problema, discutir e avaliar os resultados do estudo frente à pesquisa prévia na área).

Neste capítulo, discutiremos essas questões mais detalhadamente, com especial atenção para a seção de Introdução de artigos acadêmicos, onde se constrói o contexto de pesquisa, o problema e os objetivos do trabalho da pesquisa reportada no artigo.

3.2 Razões para se escrever um artigo

O artigo tem como objetivo básico reportar um estudo. No entanto, para que essa informação circule e tenha impacto na área de conhecimento, o leitor precisa estar convencido de que o estudo reportado tem relevância para a área do saber em que a pesquisa se inscreve (neurologia, botânica ou economia, por exemplo) e que tem adequação às práticas de pesquisa e de argumentação usadas nessa disciplina.

Para demonstrar isso, o autor descreve o estudo, expõe e avalia seus resultados, conclui e argumenta, utilizando as convenções próprias àquela área. Cada área tem uma cultura própria que se traduz em um objeto de estudo próprio (numa analogia rudimentar, pode-se dizer que o

uso da linguagem é o objeto de estudo na área de Letras assim como a saúde bucal na área de Odontologia). Isso resulta em modos particulares de construir objetivos e procedimentos, padrões para propor argumentos, maneiras de usar a linguagem (estilo e vocabulário técnico), de argumentar e de refletir sobre problemas na área. O Capítulo 2 discute essa variabilidade, existente entre as disciplinas, no modo de se apropriar de um gênero. A resenha foi usada como exemplo para ilustrar como diferentes culturas disciplinares elaboram maneiras próprias de construir e avaliar conhecimento em textos dentro de um mesmo gênero.

A seguir, veremos como iniciar a redação do artigo a partir de conceitos centrais a uma área de interesse.

3.3 Por onde começamos a escrever o artigo acadêmico?

Conforme indicado no Capítulo 1, o autor de um artigo busca demonstrar habilidade para: 1) selecionar as referências bibliográficas relevantes ao assunto; 2) refletir sobre estudos anteriores na área; 3) delimitar um problema ainda não totalmente estudado na área; 4) elaborar uma abordagem para o exame desse problema; 5) delimitar e analisar um *corpus* representativo do universo sobre o qual se quer alcançar generalizações; 6) apresentar e discutir os resultados da análise do *corpus*; 7) finalmente, concluir, elaborando generalizações a partir desses resultados, conectando-as aos estudos prévios dentro da área de conhecimento em questão.

À medida que o autor vai construindo seu texto, há uma progressão da informação do item 1 até o item 7 em quatro seções: Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão. Essa progressão pode ser descrita como a passagem de uma visão geral da disciplina como um campo de conhecimento, em direção a uma perspectiva mais específica de um problema ainda não resolvido, conforme a representação da Figura 1.

A Figura 1 demonstra essa dinâmica textual do artigo acadêmico. Em princípio, a **transição do geral para o específico**, de uma visão ampla da disciplina para a focalização do tópico de interesse, atraindo a atenção do leitor para um nicho no conhecimento na área. Já na Conclusão, há uma nova **transição do específico para o geral**, em que o foco se amplia gradativamente em direção às questões gerais da disciplina e à solução do problema apontado na introdução. Nesse ponto, são apresentadas algumas implicações da pesquisa para a área e a conclusão do estudo. Assim, as questões mencionadas na Introdução são retomadas na Discussão de tal maneira que essas duas seções podem ser vistas como imagens espelhadas uma da outra.

Ao planejarmos a redação de um artigo, é importante termos alguma estratégia de geração de idéias. Um possível ponto de partida para a construção do artigo é a **palavra-chave** ou um conjunto de palavras-chave organizadas em um **mapa semântico**.

Palavras-chave são expressões que concentram os temas centrais do nosso texto. Em termos gerais, essas expressões **orientam o leitor** sobre as principais idéias desenvolvidas no texto, ao mesmo tempo que **auxiliam o escritor** a delimitar e manter constante a linha de discussão em seu texto. Por exemplo, durante a leitura do *abstract* da página seguinte, pode-se identificar possíveis palavras-chave do trabalho:

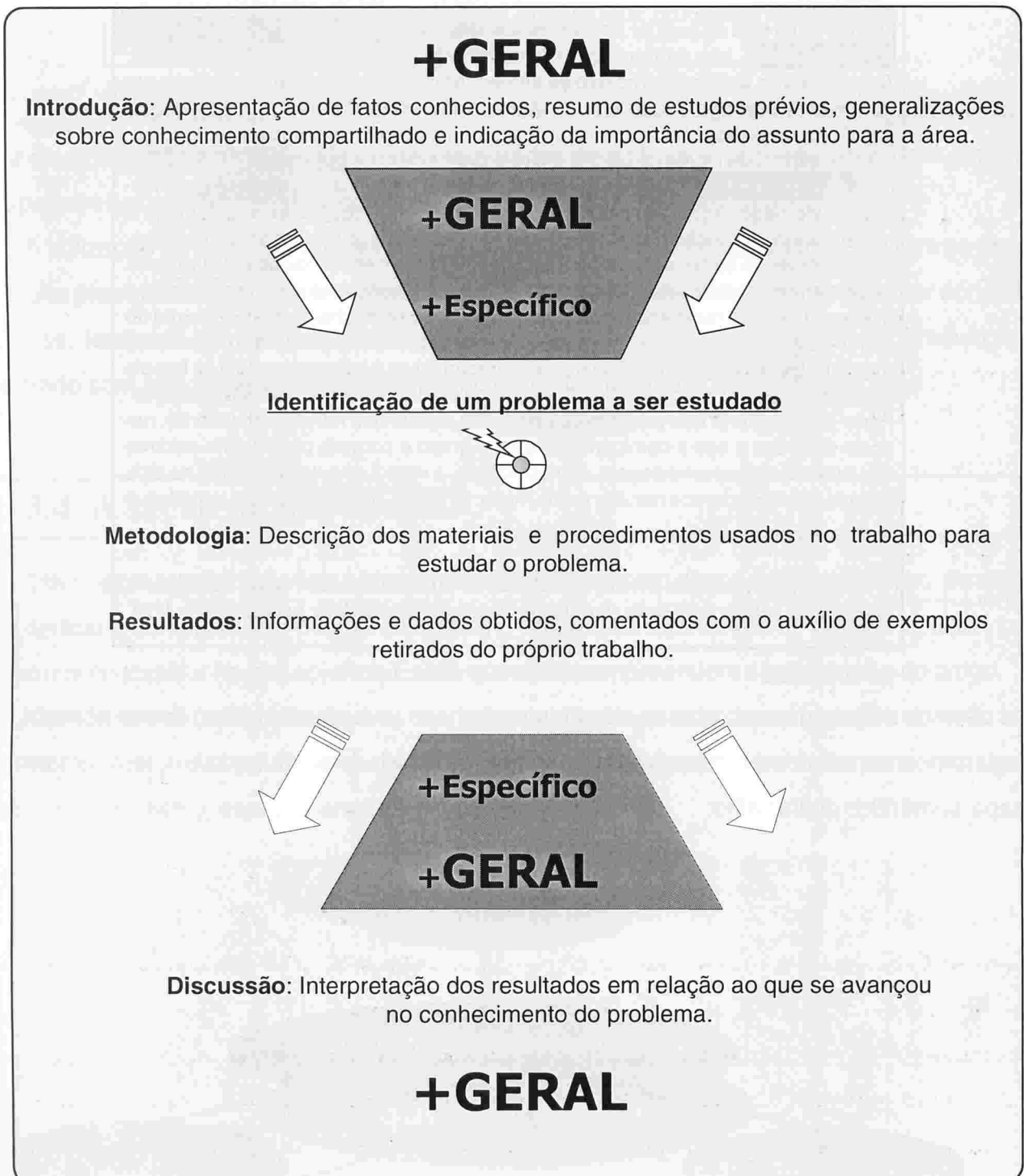


Figura 1 O artigo científico¹

¹ Adaptação da figura elaborada por Hill, Soppelsa & West (1982).

Exemplo 3.1

L# 1

ROMPENDO COM A VERTICALIDADE:**Autonomia e motivação na aula de inglês mediada por computador ***

O advento das tecnologias intelectuais eletrônicas e o crescente número de usuários da Internet vêm introduzindo novas configurações sociais e culturais nas práticas discursivas adotadas em determinados contextos (Howard, 1997). Especificamente na sala de aula de línguas, o processo de **ensino-aprendizagem mediado por computador** traz à tona noções como a de **autonomia** e **motivação** do aluno. Tais noções se evidenciam no uso de ambientes de aprendizagem alternativos em que os alunos podem colaborar e interagir em pares ou grupos em ambientes virtuais não-centralizados na figura do professor. Este estudo investiga a interação escrita de alunos de inglês da UFSM em relação a sinais de **autonomia** e **motivação** nas **aulas mediadas por computador**. Foi possível identificar a **autonomia** em instâncias de negociação entre os alunos que buscavam respostas satisfatórias a todos, na auto-correção decorrente dessas negociações, e nas tentativas de 'reparar' respostas de colegas. Aspectos de **motivação** foram encontrados em atividades que os alunos faziam além das solicitadas, participação, atenção, curiosidade e avaliação positiva mostrada pelos alunos ao final do semestre. O deslocamento do centro de atenção do professor para o grupo de alunos contribui para o desenvolvimento da **autonomia do aluno**, já que a interação do grupo durante a aula se baseia na negociação dos membros do grupo acerca do rumo a ser tomado na interação. Pode-se considerar que um **aluno autônomo** é aquele que reflete criticamente, negocia decisões e age dinamicamente com o grupo e com o/a professor/a durante seu processo de aprendizagem. Por outro lado, a introdução da tecnologia na sala de aula de inglês parece resultar numa maior **motivação do aluno** para o uso efetivo da língua estrangeira para a comunicação.

**Palestra apresentada por Désirée Motta-Roth no III Seminário do Projeto Salínguas - Pesquisa em sala de aula de línguas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1999.*

Palavras-chave aparecem repetidamente ao longo do texto por serem centrais ao trabalho

Se nos detivermos sobre as quatro palavras-chave (e suas variações) desse *abstract*, conseguiremos construir uma representação esquemática do todo do texto a que chamamos de mapa-semântico do trabalho:

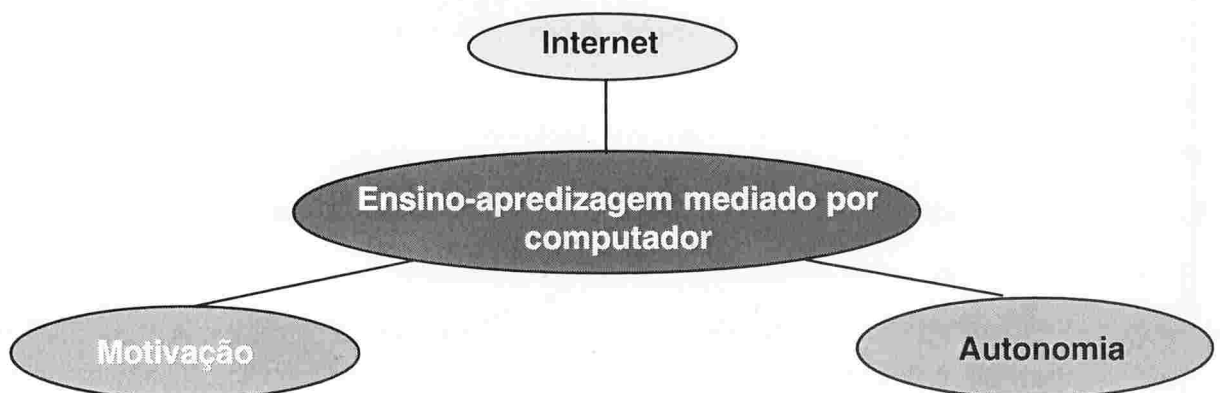


Figura 2 Exemplo de mapa-semântico

A partir da identificação dessas quatro palavras, poderíamos perguntar 'Sobre o que é o trabalho?' e formular uma resposta conforme o texto abaixo:

Exemplo 3.2

L #2

O trabalho é sobre tecnologias intelectuais eletrônicas (como os ambientes virtuais da Internet) e sua contribuição para o desenvolvimento da autonomia e da motivação do aluno de línguas nos processos de ensino-aprendizagem mediado por computador.

É importante notar que o título (*Rompendo com a verticalidade: autonomia e motivação na aula de inglês mediada por computador*) tem poder de síntese e, portanto, incorpora algumas das palavras-chave do trabalho, conforme foi possível ver no Exemplo 3.1.

A utilização de palavras-chave na geração de idéias iniciais para um trabalho tem se provado muito produtiva. A síntese de um projeto na forma de mapa semântico, formado por conceitos de base, tem sido de fundamental importância, especialmente para alunos de graduação e mestrado com pouca experiência de redação de textos acadêmicos ou de pesquisa .

3.4 A seção de introdução

Uma vez estabelecido o tema central do trabalho por meio desse mapa semântico, devemos nos dedicar a contextualizar o tema do trabalho na área de conhecimento pertinente a ele, bem como nos concentrar no seu objetivo. Essas questões compreendem a **Introdução** do artigo.

Conforme indicado na seção anterior, nosso ponto de partida para a redação do texto será o estabelecimento das palavras-chave. Vejam os exemplos de palavras-chave para um trabalho na área de Medicina, especificamente em Saúde Pública:

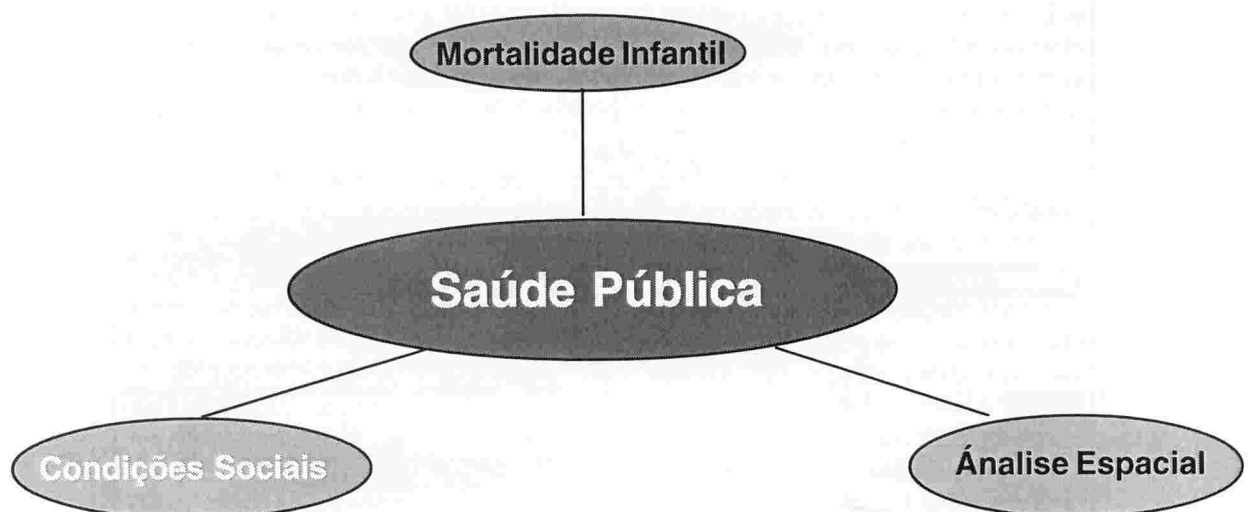


Figura 3 Mapa-semântico em Medicina (Saúde Pública)

Geralmente essas palavras-chave se repetirão no título e na introdução, auxiliando tanto o escritor quanto o leitor a identificarem o assunto tratado no texto. Os autores do artigo reproduzido abaixo (Exemplo M#1), publicado em um periódico da área de Medicina, escolheram as três palavras-chave do nosso mapa-semântico acima: **Mortalidade Infantil**, **Condições Sociais** e **Análise Espacial**. Veja como essas palavras são usadas repetidamente, ao longo do texto, para manter a continuidade das informações e a coesão (a 'costura') entre as sentenças. Observe também que as informações são apresentadas aos poucos e repetidamente: primeiramente **Mortalidade Infantil**, em seguida **Condições Sociais** e, por último, **Análise Espacial**.

Exemplo 3.3

M #1

Mortalidade infantil e condições de vida: a reprodução das desigualdades sociais em saúde na década de 90

M. da C. N. Costa, P. de A. Azi, J. S. Paim, L. M. V. da Silva

Palavras-chave: Mortalidade Infantil; Condições Sociais; Análise Espacial

INTRODUÇÃO

A estreita relação que a **mortalidade infantil** apresenta com os fatores sociais e econômicos é reconhecida há muito tempo e tem sido evidenciada em diversos estudos latino-americanos (Behm, 1980; Monteiro, 1982; Paim et al., 1987; Yunes, 1983). Em virtude da grande vulnerabilidade que as crianças com menos de um ano de idade apresentam em face das alterações ocorridas no ambiente social e econômico e das intervenções de saúde (Murray, 1988), a **mortalidade** nessa faixa etária é considerada como um indicador tanto da situação de saúde, quanto das **condições de vida de uma população** (Grant, 1992). Entretanto, estudos realizados em países em desenvolvimento têm demonstrado que essa vinculação deixou de ser tão evidente, visto que, apesar da crise econômica mundial observada a partir dos anos 80, não ocorreu uma reversão da tendência decrescente que esta **mortalidade** vinha exibindo (Ageitos et al., 1991).

Na América Latina, uma das conseqüências dessa crise foi o agravamento das desigualdades sociais. Todavia, em vários países verificou-se a manutenção e mesmo uma intensificação da queda que vinha sendo registrada nas taxas de **mortalidade infantil** (Silva & Duran, 1990). Esse panorama contribuiu para que as questões relativas às desigualdades em saúde passassem a ser privilegiadas na demonstração empírica dos diferenciais sócio-econômicos do processo saúde-doença e, por conseguinte, na identificação de grupos populacionais submetidos a riscos mais elevados (Breilh, 1990). Algumas organizações internacionais de saúde passaram a orientar os investigadores no sentido de dirigir seus esforços para a elaboração de novos métodos e técnicas que possibilitassem discriminar melhor a situação de saúde segundo as **condições de vida** (OPS, 1992; WHO, 1991).

Diante das dificuldades para operacionalizar o conceito de classe social, alguns autores têm se inclinado para o emprego de indicadores compostos por diferentes variáveis sócio-econômicas que permitem uma aproximação **das condições materiais de existência de grupos humanos de uma sociedade** (Castellanos, 1990). Outra abordagem empregada na apreensão dos processos envolvidos na determinação da doença na população tem sido aquela na qual as relações sociais também são entendidas como determinantes do **padrão de ocupação do espaço de uma cidade**. Assim, os indicadores tradicionais de saúde são estimados para áreas geográficas com menor nível de agregação, tendo como referência, ainda que nem sempre explicitada, a consideração de que o **padrão espacial da cidade** é definido pelas relações sociais decorrentes do modo de produção econômica (Santos, 1980), e que a **evolução do espaço** é concomitantemente uma condição e uma conseqüência da evolução de uma sociedade global (Santos, 1979).

As palavras-chave geralmente aparecem no **título** e ao longo da **Introdução**.

Paim (1997) imputa às condições de vida de cada classe social o papel de mediação dos determinantes estruturais da saúde. Para operacionalizar esse conceito, utiliza indicadores sociais e econômicos selecionados, considerando que uma abordagem a partir dos distintos espaços da cidade, ocupados por diferentes grupos populacionais, permite uma aproximação da realidade, apesar da sua complexidade.

Embora seja bastante antigo o emprego da distribuição espacial para descrever a ocorrência da doença, em geral, essa abordagem restringia-se à comparação de diferenças internacionais e regionais, em que fatores ambientais/ climáticos eram apresentados como principais determinantes das desigualdades encontradas. Mais recentemente, essa estratégia vem sendo uma das mais utilizadas para analisar a influência de fatores demográficos, sócio-econômicos e de atenção à saúde na determinação e explicação da variação da mortalidade infantil (Gonçalo-Perez & Herrera-Leon, 1990; Lardelli et al., 1993; Zurriaga-Llorens et al., 1990).

No Brasil, esse tipo de enfoque revelou uma grande heterogeneidade na distribuição espacial dos óbitos de menores de um ano no Rio Grande do Sul (Victoria et al., 1994), em Porto Alegre (Guimarães & Fischmann, 1986) e em São Paulo (Monteiro et. al., 1980; Yunes, 1983).

Também em Salvador, Bahia, em 1980, foi demonstrada uma acentuada desigualdade na ocorrência das mortes infantis quando distribuídas nas diferentes zonas de informação desse município (Paim et al., 1987), que se manteve entre os anos 1980-1988, apesar de os níveis desta mortalidade terem decrescido (Paim & Costa, 1993).

Considerando a complexidade e o dinamismo dos processos que envolvem a mortalidade infantil, faz-se necessário o seu contínuo acompanhamento, de modo que se possa dispor de informações que permitam a análise da situação de saúde no nível local e a adoção de medidas de controle pertinentes. Assim, o presente trabalho tem como objetivos descrever a evolução da mortalidade infantil em Salvador entre os anos de 1991 e 1997 e analisar a relação existente entre a distribuição espacial dessa mortalidade e as condições de vida da população do município em 1991 e 1994.

Na Introdução, o autor geralmente indica a relevância do tema, revisa itens de pesquisa prévia e faz generalizações sobre o assunto que será tratado no artigo. O objetivo é estabelecer uma base de conhecimento compartilhado com o leitor para contextualizar o trabalho. A Introdução define um determinado campo de conhecimento como se este fosse um vasto **território de investigação**.

Exemplo 3.4

M #1 A estreita relação que a mortalidade infantil apresenta com os fatores sociais e econômicos é reconhecida há muito tempo e tem sido evidenciada em diversos estudos latino-americanos (Behm, 1980; Monteiro, 1982; Paim et al., 1987; Yunes, 1983). Em virtude da grande vulnerabilidade que as crianças com menos de um ano de idade apresentam em face das alterações ocorridas no ambiente social e econômico e das intervenções de saúde (Murray, 1988), a mortalidade nessa faixa etária é considerada como um indicador tanto da situação de saúde, quanto das condições de vida de uma população (Grant, 1992). Entretanto, estudos realizados em países em desenvolvimento têm demonstrado que essa vinculação deixou de ser tão evidente, visto que, apesar da crise econômica mundial observada a partir dos anos 80, não ocorreu uma reversão da tendência decrescente que esta mortalidade vinha exibindo (Ageitos et al., 1991).

Na América Latina, uma das conseqüências dessa crise foi o agravamento das desigualdades sociais. Todavia, em vários países verificou-se a manutenção e mesmo uma intensificação da queda que vinha sendo registrada nas taxas de mortalidade infantil (Silva & Duran, 1990). Esse panorama contribuiu para que as questões relativas às desigualdades em saúde passassem a ser privilegiadas na demonstração empírica dos diferenciais sócio-econômicos do processo saúde-doença e, por conseguinte, na identificação de grupos populacionais submetidos a

Formando, Gene. Cent. Mercado de...

riscos mais elevados (Breilh, 1990). Algumas organizações internacionais de saúde passaram a orientar os investigadores no sentido de dirigir seus esforços para a elaboração de novos métodos e técnicas que possibilitassem discriminar melhor a situação de saúde segundo as condições de vida (OPS, 1992; WHO, 1991).

Diante das dificuldades para operacionalizar o conceito de classe social, alguns autores têm se inclinado para o emprego de indicadores compostos por diferentes variáveis sócio-econômicas que permitem uma aproximação das condições de existência de grupos humanos de uma sociedade (Castellanos, 1990). Outra abordagem empregada na apreensão dos processos envolvidos na determinação da doença na população tem sido aquela na qual as relações sociais também são entendidas como determinantes do padrão de ocupação do espaço de uma cidade. Assim, os indicadores tradicionais de saúde são estimados para áreas geográficas com menor nível de agregação, tendo como referência, ainda que nem sempre explicitada, a consideração de que o padrão espacial da cidade é definido pelas relações sociais decorrentes do modo de produção econômica (Santos, 1980), e que a evolução do espaço é concomitantemente uma condição e uma consequência da evolução de uma sociedade global (Santos, 1979).

Paim (1997) imputa às condições de vida de cada classe social o papel de mediação dos determinantes estruturais da saúde. Para operacionalizar esse conceito, utiliza indicadores sociais e econômicos selecionados, considerando que uma abordagem a partir dos distintos espaços da cidade, ocupados por diferentes grupos populacionais, permite uma aproximação da realidade, apesar da sua complexidade.

Os autores abrem a Introdução com uma generalização sobre o tema da mortalidade infantil ('A estreita relação que a mortalidade infantil apresenta com os fatores sociais e econômicos é reconhecida há muito tempo'). Ao fazer uma generalização, o autor afirma (ou nega) algo sobre o tema em questão. Por ter um caráter de generalidade e de conhecimento estabelecido (em oposição a conhecimento novo), a generalização dispensa citação do autor ou do ano da publicação que gerou a informação.

Em seguida, os autores fazem uma revisão de literatura sobre pesquisas prévias acerca do tema. Além da citação de trabalhos relevantes por meio da referência ao nome do autor e à data de publicação, essa revisão da literatura é indicada por expressões que remetem às pesquisas feitas, tais como 1) emprego de verbos e substantivos relativos ao processo experimental ('verificou-se', 'investigadores'); 2) uso do passado composto ('tem sido', 'vem sendo', etc) para aludir à atividade de pesquisa como um processo que começou no passado e se estende até o presente ('tem sido evidenciada em diversos estudos').

Uma terceira estratégia usada pelos autores para fazer alusão a um corpo de conhecimento existente é fazer um aviso da importância do assunto para a área, por meio de 1) ênfase na repercussão do problema ('grande vulnerabilidade que as crianças com menos de um ano de idade apresentam') e 2) referência explícita ao interesse de outros pesquisadores sobre o assunto ('tem sido evidenciada em diversos estudos latino-americanos', 'Algumas organizações internacionais de saúde passaram a orientar os investigadores no sentido de dirigir seus esforços para a elaboração de novos métodos e técnicas').

Aqui, a medicina é mostrada como um território 'povoado' por pesquisadores, onde muitos estudos já foram realizados e muitos achados já estão sedimentados, conforme a revisão da literatura indica. No entanto, os autores identificam lacunas ainda por preencher no conhecimento estabelecido.

Exemplo 3.5

M#1 Embora seja bastante antigo o emprego da distribuição espacial para descrever a ocorrência da doença, em geral, essa abordagem restringia-se à comparação de diferenças internacionais e regionais, em que fatores ambientais/climáticos eram apresentados como principais determinantes das desigualdades encontradas. Mais recentemente, essa estratégia vem sendo uma das mais utilizadas para analisar a influência de fatores demográficos, sócio-econômicos e de atenção à saúde na determinação e explicação da variação da mortalidade infantil (Gonçalo-Perez & Herrera-Leon, 1990; Lardelli et al., 1993; Zurriaga-Llorens et al., 1990).

No Brasil, esse tipo de enfoque revelou uma grande heterogeneidade na distribuição espacial dos óbitos de menores de um ano no Rio Grande do Sul (Victoria et al., 1994), em Porto Alegre (Guimarães & Fischmann, 1986) e em São Paulo (Monteiro et al., 1980; Yunes, 1983).

Também em Salvador, Bahia, em 1980, foi demonstrada uma acentuada desigualdade na ocorrência das mortes infantis quando distribuídas nas diferentes zonas de informação desse município (Paim et al., 1987), que se manteve entre os anos 1980-1988, apesar de os níveis desta mortalidade terem decrescido (Paim & Costa, 1993).

Considerando a complexidade e o dinamismo dos processos que envolvem a mortalidade infantil, faz-se necessário o seu contínuo acompanhamento, de modo que se possa dispor de informações que permitam a análise da situação de saúde no nível local e a adoção de medidas de controle pertinentes. Assim, o presente trabalho tem como objetivos descrever a evolução da mortalidade infantil em Salvador entre os anos de 1991 e 1997 e analisar a relação existente entre a distribuição espacial dessa mortalidade e as condições de vida da população do município em 1991 e 1994.

Identificar lacunas no conhecimento existente na área.

Identificada a lacuna na área e a necessidade de preenchê-la

Ao evidenciar dificuldades em ter parâmetros confiáveis para estudar as causas da mortalidade infantil e a necessidade de se continuar a pesquisar o assunto, os autores indicam que ainda há lacunas no conhecimento em sua área. Para sugerir falhas no conhecimento gerado pela pesquisa prévia, expressões sugerindo idéia de resultados não conclusivos ('heterogeneidade na distribuição' e 'desigualdade na ocorrência') em função da dificuldade de se estudar o problema, considerando-se as três variáveis: mortalidade infantil, condições sociais e análise espacial.

Delimitada a lacuna, os autores devem explicar como seu trabalho tenta preencher essa falha no conhecimento. Geralmente os esforços se concentram na construção de um lugar de destaque, um **nicho** para a pesquisa que passa a ser reportada, valorizando e justificando a publicação do artigo como causa natural dessa necessidade de se pesquisar mais sobre o assunto ('Assim, o presente trabalho').

Nesse parágrafo final da Introdução, os autores retomam as três palavras-chave e as inter-relacionam em uma idéia central que explicita o objetivo do trabalho:

Exemplo 3.6

M#1

Assim, o presente trabalho tem como **objetivos** descrever a evolução da mortalidade infantil em Salvador entre os anos de 1991 e 1997 e analisar a relação existente entre a **distribuição espacial** dessa mortalidade e as **condições de vida da população** do município em 1991 e 1994.

O **objetivo** do trabalho é estabelecido ao final da introdução.

Uma estratégia muito usada para finalizar a Introdução é a apresentação de uma visão geral da organização do trabalho para que o leitor possa construir um enquadramento mental para poder antecipar os pontos temáticos que serão tratados no texto que se segue, de modo agilizar a leitura. No Exemplo 3.6, os autores antecipam para o leitor a organização do texto em tópicos: 1) a evolução da mortalidade infantil em Salvador entre os anos de 1991 e 1997 e 2) a relação existente entre distribuição espacial dessa mortalidade e condições de vida da população do município entre 1991 e 1994.

Swales (1990) elaborou um modelo de Introdução bastante conhecido, que representa a organização de uma introdução com esses três momentos, em que um autor: 1) apresenta um território de conhecimento, 2) constrói um nicho para sua pesquisa 3) ocupa esse nicho com seu trabalho. A representação esquemática da Figura 4 sugere diferentes estratégias para se construir uma Introdução com base nesses três momentos, do mais geral para o mais específico (Note que a Figura 4 é um detalhamento da Introdução da Figura 1).

De início, para **apresentar um território** de conhecimento, um autor pode 1) Asseverar a importância do assunto, 2) Fazer generalização(ões) sobre ele ou ainda 3) Revisar itens de pesquisa prévia (Ver comentários sobre o Exemplo3.4). Frequentemente, os autores adotam essas três estratégias em conjunto.

Para **identificar um nicho** no campo de conhecimento, onde seu trabalho possa se inscrever, o autor revê a pesquisa prévia e pode 1) Apresentar argumentos contrários a estudos prévios, 2) Identificar lacunas no conhecimento estabelecido, 3) Fazer questionamentos sobre o assunto ou ainda 4) Continuar uma tradição de pesquisa já estabelecida (Ver comentários sobre Exemplo3.5). O autor adota uma dessas quatro linhas de argumentação para construir um espaço para seu trabalho, já que não pode, por exemplo, indicar lacunas em uma tradição de pesquisa já estabelecida e ao mesmo aderir integralmente a ela em sua pesquisa.

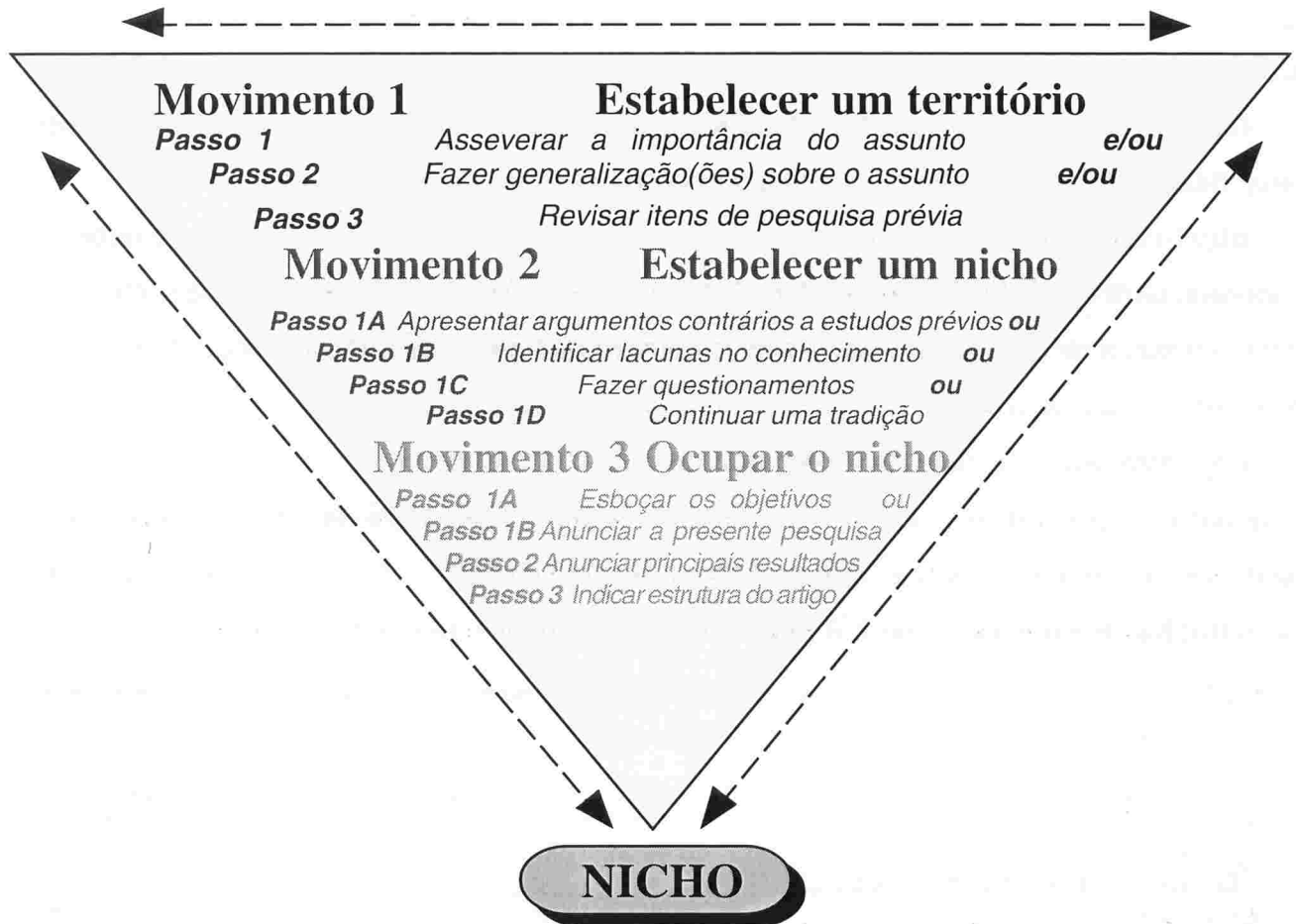


Figura 4 Modelo CARS da Introdução de Artigos (SWALES, 1990:141)

Por fim, para ocupar o nicho que construiu, o autor pode 1) Definir os objetivos ou as principais características do trabalho, 2) Anunciar os principais resultados e 3) Indicar a estrutura do artigo (Ver comentários sobre o Exemplo 3.6).

Nattinger & De Carrico (1992:164-67) listam algumas expressões características da seção de Introdução de artigos acadêmicos, tipicamente produzidos por estudantes de universidades americanas. Essas expressões são semelhantes a algumas já indicadas nos exemplos relativos ao texto (3.4, 3.5 e 3.6) e também funcionam como sinalizadores de como a informação se estrutura no texto:

Território

por muito tempo/nos últimos anos/em anos recentes, tem havido um crescente interesse em x; freqüentemente tem sido afirmado/argumentado que x; muitas das perspectivas adotadas para x prevêem/descrevem/avaliam que y; uma das mais controversas/importantes xs (na literatura recente) é y; de acordo com _____, x é/indica/significa/ y; a maioria dos estudos de x estabele-

Nicho

ce/argumenta/ propõe y; de acordo com _____, x é y

tópico: este trabalho trata/discute/afirma/argumenta que x; no presente trabalho/estudo x; meu/nosso argumento é essencialmente que x; eu/nós argumentamos que x.

objetivo (ou hipótese): o presente trabalho tem por objetivo x; este trabalho pretende/foi elaborado para x; a ênfase/a proposta/o objetivo (básica/o) do trabalho é x; eu/nós pretendemos demonstrar/ilustrar que/debater x; o objetivo do(a) trabalho/estudo/análise/discussão é x; a hipótese (central/básica) é x.

organização: este trabalho compara/contrasta/descreve/demonstra x, em primeiro lugar, ao analisar x, em seguida, ao ___r z, e finalmente ao ___r w; no restante deste artigo, x será examinado em termos de y (z e w); o presente artigo busca demonstrar que x através da análise/comparação/ demonstração de y. A seguir, deverá z e concluirá por w.

Dicas para redigir a Introdução:

1. **Seja simples e direto.** Não há necessidade de impressionar ninguém, apenas tente deixar seu leitor interessado, informado-o sobre o texto que virá adiante.
2. O **leitor tem que entender o contexto e a base** de seu trabalho. Normalmente não se exige que a introdução faça uma ampla revisão da literatura, mas **algumas** referências fundamentais são necessárias.
3. Diga claramente porque você fez o que fez e **porque isso vale a pena.**

Primeiras providências:

1. Conversar com professores e colegas mais experientes sobre possíveis idéias para o trabalho;
2. Escolher o assunto do artigo;
3. Fazer leituras preliminares; e
4. Tentar restringir o foco sobre o assunto.

Eleja prioridades:

1. Visitar bibliotecas e pesquisar na Internet (livros, coletâneas, artigos, *abstracts*, dissertações, teses, catálogos) para buscar bibliografia de referência;
2. Definir claramente o enfoque a ser dado ao assunto (Elaborar uma tese ou um mapa semântico preliminar!);
3. Reunir e organizar a bibliografia que lhe servirá de referência básica (quais textos lhe darão subsídios para escrever cada uma das seções de Introdução, a Metodologia, os Resultados e a Discussão?); e

ALERTA! TODO O CUIDADO É POUCO!

4. Ler e preparar anotações da bibliografia com REFERÊNCIAS COMPLETAS, dando crédito ao autor das idéias citadas; e
5. Observar o estilo das referências em textos em sua área, evitando inconsistências na hora de fazer a bibliografia.

Comece a escrever, escrevendo e procure:

1. Elaborar um esquema do trabalho (lembre de deixar etiquetas adesivas bem à vista para marcar idéias centrais nos livros e artigos consultados). Assim, você poderá voltar a elas sem muito esforço, sempre que precisar;
2. Desenvolver um resumo a partir desse esquema;
3. Preparar-se para escrever o trabalho propriamente dito, colocando anotações na mesma ordem em que cada assunto aparece no esquema ou no resumo;
4. Decidir sobre o tempo verbal a ser utilizado no trabalho (Presente Simples parece o mais indicado por ser um tempo 'não marcado' para presente ou passado);
5. A partir do resumo, escrever uma primeira versão ou rascunho do trabalho;
6. Escrever, revisar e **reescrever** essa primeira versão **várias vezes!** Cada escritura é uma oportunidade valiosa para aprimorar suas idéias e corrigir erros. Aproveite o exercício, pois cada versão é um passo à frente no trabalho.

Conselho: Mesmo que você, muitas vezes, tenha a nítida sensação que está enrolado, não desista. Isso faz parte do processo de produção de sentido. Uma saída é deixar o texto 'descansar' um pouco enquanto você vai dar uma 'arejada' no cérebro. Outra possibilidade, é abandonar o 'texto' naquele ponto e ir para outra

parte que precisa ser trabalhada. Mais tarde, você poderá voltar ao ponto problemático com um pouco de distanciamento e atenção renovada.

Para dar o ponto final no trabalho, é necessário :

1. Ler a versão final com critério, mas **sem piedade** (!), eliminando e reordenando trechos;
2. Dar para um/a grande amigo/a (ou orientador/a) ler e depois discutir (e acatar quando possível!) as sugestões dadas;
3. Revisar e **reescrever** a última versão **pela última vez!!!!**

Sugestão de atividades

1. Eleja um artigo para estudar.
2. Leia o artigo, procurando definir seu tópico central e sua estrutura (organização em seções).
3. Marque com canetas de diferentes cores a organização da Introdução em blocos de informação (se desejar, use o modelo CARS como referência).
4. Identifique se a Introdução traz conceitos centrais com respectivas definições.
5. Busque, no texto, pontos onde o autor cita/critica/explica idéias de outros autores. Identifique pontos forte e fracos encontradas pelo autor em pesquisas prévias, e as razões para essa avaliação. Verifique os recursos de linguagem empregados para sinalizar para o leitor a discussão em torno da literatura.
6. Resuma o(s) critério(s) para a organização da discussão da literatura.
7. Procure por sugestões dadas pelo autor para futuras pesquisas.
8. Tente elaborar um mapa semântico das idéias centrais desse texto.

Referências dos exemplos

- L#1 MOTTA-ROTH, D.; E. C. AMORETTI; G. R. HENDGES; L. COLUSSI; R. do NASCIMENTO; S. C. dos REIS & V. I. BORTOLUZZI (1999) Rompendo com a verticalidade: autonomia e motivação na aula de inglês mediada por computador. *III Seminário do Projeto Salínguas*, Rio de Janeiro: UFRJ.
- M#1 COSTA, M. da C. N.; P. de A. AZI; J. S. PAIM; L. M. V. da SILVA. (2001) Mortalidade infantil e condições de vida: a reprodução das desigualdades sociais em saúde na década de 90. *Cadernos de Saúde Pública*, **17**(3).

CAPÍTULO **4**

Artigo Acadêmico: Revisão da Literatura

Désirée Motta-Roth e Graciela Rabuske Hendges

Neste capítulo discutiremos algumas questões relacionadas à organização retórica e aos recursos lingüísticos que podem ser empregados na redação da **Revisão da Literatura**. Não apresentaremos, portanto, normas sobre a formatação das referências, seja dentro do corpo do texto ou na lista final.

A Revisão da Literatura tem um papel fundamental no artigo acadêmico, pois é através dela que você situa seu trabalho dentro da grande área de pesquisa da qual faz parte, contextualizando-o.

Essa 'contextualização' pode ser feita tanto dentro da seção de Introdução do artigo acadêmico, quanto em uma seção específica, que, em geral, é denominada Revisão da Literatura, e aparece depois da Introdução e antes da Metodologia.

Situar seu trabalho é muito importante tanto para você quanto para o leitor do seu texto: para quem escreve, porque precisará definir os autores pertinentes para fundamentar seu trabalho, o que demandará uma leitura vasta, constante e repetida; e para quem lê, porque pode identificar a linha teórica em que o trabalho se insere com base nos autores selecionados para a Revisão da Literatura.

Fazendo uma analogia, ao situar sua pesquisa na Revisão da Literatura, você estará delimitando a 'porção de areia' que lhe interessa, e na qual seu trabalho se insere, dentro da grande área do deserto do 'Saara'.

SUA DISCIPLINA



SEU TRABALHO

Assim, a Revisão da Literatura pode ser vista como o momento em que você situa seu trabalho, pois ao citar uma série de estudos prévios que servirão como ponto de partida para sua pesquisa, você vai 'afunilando' sua discussão até chegar ao tópico específico que vai investigar.

4.1 Função: Para que serve a Revisão da Literatura?

A seção de Revisão da Literatura serve para você:

- **Reconhecer e dar crédito** à criação intelectual de outra/os autora/es. É uma questão de 'ética acadêmica';
- Indicar que se qualifica como membro de uma determinada cultura disciplinar através da **familiaridade com a produção de conhecimento prévia na área**; ou,
- Abrir um espaço para evidenciar que seu campo de conhecimento já está estabelecido, mas pode e deve receber **novas pesquisas**; ou ainda,
- Emprestar ao texto uma **voz de autoridade intelectual**.

Através da Revisão da Literatura, você reporta e avalia o conhecimento produzido em pesquisas prévias, destacando conceitos, procedimentos, resultados, discussões e conclusões relevantes para seu trabalho. Nessa seção, você vai discutir as questões relacionadas ao estado da arte da área em que sua pesquisa se insere.

No entanto, dar crédito aos estudos citados, mostrar familiaridade com o conhecimento produzido na sua área, indicar pertinência do seu trabalho dentro dessa área e autoridade intelectual em um texto escrito não é uma tarefa fácil.

A experiência na disciplina de Redação Acadêmica na UFSM tem mostrado que, para alunos de pós-graduação em diferentes disciplinas, a elaboração da Revisão da Literatura é uma questão problemática, pois é difícil encontrar o tom certo para reportar e criticar pesquisas prévias. Para tanto, uma leitura aprofundada e intensa dos textos que você usará como referência será fundamental, uma vez que poderá contribuir para que você 1) selecione o tempo verbal e os verbos de citação adequados ao reportar a literatura; 2) identifique e mostre a relação que existe entre as pesquisas citadas (se sobrepõem? contrastam entre si? se complementam?); 3) justifique a presença dos estudos citados no seu texto, sinalizando a relevância dos mesmos para o tópico do seu trabalho; 4) explicita em que momentos você é o único autor do texto que está sendo construído e não os autores citados.

Em relação ao último aspecto mencionado, a necessidade de você mostrar sua autoria no texto diz respeito ao cuidado que você precisará tomar para que sua Revisão da Literatura não pareça uma 'lista de supermercado', em que você apenas lista 'itens soltos', independentes, que

são nomeados, sem que seja explicada a inter-relação entre eles. Cuide, portanto, para que seu texto não pareça uma lista:

Segundo A,....
Consoante B,...
De acordo com C,...
Para D,...
Conforme E,...
Com base em F,...

É necessário fazer com que os autores que você cita dialoguem entre si, tendo você como mediador, já que todas as pesquisas prévias reportadas na sua Revisão da Literatura devem ter sido selecionadas porque, por alguma razão, são relevantes para seu trabalho. Em função disso, nessa mediação, você poderá explicar porque as cita, em que medida contribuem para sua pesquisa, se representam trabalhos seminais na sua área e se mostram alguma lacuna que você pretende preencher com seu trabalho.

UFA! São muitas coisas a serem levadas em conta, não é? Então, para tentar ajudá-lo a organizar sua Revisão da Literatura, apresentamos a seguir algumas possibilidades de estruturação para essa seção.

4.2 Estrutura retórica: Como se organiza a Revisão da Literatura?

Dentro ou depois da Introdução, a Revisão da Literatura em geral se organiza de acordo com modelo apresentado na Figura 1.

MOVIMENTO 1 SITUAR A PESQUISA

Sub-função 1A - Estabelecer interesse profissional no tópico **ou**

Sub-função 1B - Fazer generalizações do tópico **e/ou**

Sub-função 2A - Citar pesquisas prévias **ou**

Sub-função 2B - Estender pesquisas prévias **ou**

Sub-função 2C - Contra-argumentar pesquisas prévias **ou**

Sub-função 2D - Indicar lacunas em pesquisas prévias

De acordo com os resultados do estudo de Motta-Roth & Hendges (1996:67), a Revisão da Literatura, que corresponde ao Movimento 1 – Situar a pesquisa (Figura 1), divide-se em dois momentos, indicados no modelo pelas sub-funções 1 e 2: no primeiro momento, a Revisão da Literatura apresenta uma orientação mais ampla do que no segundo, pois a sub-função 1 serve para estabelecer o conhecimento na área em termos gerais de interesse e generalizações quanto ao tópico, enquanto que a sub-função 2 serve para relacionar pesquisas prévias específicas ao assunto do trabalho em questão. Assim, nas sub-funções 1A e 1B, a literatura na área é citada de modo mais geral, enquanto que nas sub-funções, que vão de 2A a 2D, são citadas questões mais específicas apontadas por estudos prévios.

Além disso, ao contrário do que acontece com a sub-função 1 (especialmente ao fazer generalizações - sub-função 1B), em que a presença do nome do autor das informações citadas não é obrigatória, a sub-função 2 exige essa identificação da fonte.

Para que você possa entender melhor essa configuração da Revisão da Literatura, apresentamos a seguir uma explicação detalhada das diferentes sub-funções do modelo exposto na Figura 1, destacando os itens lexicais que geralmente as caracterizam e ilustrando sua ocorrência em um fragmento da seção de Revisão da Literatura de um artigo acadêmico de Economia (Exemplo 4.6).

SUB-FUNÇÃO 1A - Estabelecer interesse profissional no tópico

No caso da sub-função 1A, ao Estabelecer o interesse profissional no tópico visa-se chamar a atenção para a relevância desse tópico como forma de seduzir leitores em potencial. Para tanto, pode-se usar diferentes marcadores, os quais podem indicar o número ou a quantidade de estudos já realizados em relação ao tópico que será investigado, como *frequentemente*, *bastante*, *muitos*, *número considerável*, *crescente*; ou mostrar o interesse em si, usando os substantivos *atenção*, *preocupação* e, obviamente, *interesse* (Swales, 1990:144; Motta-Roth & Hendges, 1996:73).

Exemplo 4.1

Nos últimos anos, há um número crescente de estudos que têm investigado alternativas para o desenvolvimento sustentável.

Além disso, o tempo verbal pretérito perfeito composto também caracteriza essa sub-função: *tem sido estudados*, *muitos estudos têm investigado*, *têm atraído a atenção*, *X ou Y tem sido apresentados pela literatura*, indicando a adoção habitual de um procedimento no passado recente (Motta-Roth & Hendges: idem).

SUB-FUNÇÃO 1B - Fazer generalizações do tópico

Já as generalizações do tópico (sub-função 1B) consistem em afirmações de caráter amplo sobre o estado da arte, que dispensam maiores evidências que as suportem, pois sugerem conhecimento prévio, compartilhado, estabelecido entre escritor e leitor (Motta-Roth & Hendges, 1996:67). São asserções sobre o conhecimento na área, que, em geral, é um conhecimento acordado, tido como 'senso comum' entre os pesquisadores que fazem parte dela.

Segundo Swales (idem:146), essas asserções podem ser sobre o conhecimento ou prática da disciplina específica, sendo identificado por lexemas explícitos como *reconhecido*, *muita evidência*, *completamente compreendido*, *procedimento padrão*, ou sobre um fenômeno dessa disciplina – *resultados comuns*, *muitas situações*. Além disso, outro elemento que contribui para sua identificação no texto são os verbos no presente do indicativo (Motta-Roth, 1995:179).

Exemplo 4.2

O desenvolvimento sustentável é reconhecido como alternativa fundamental para solucionar os problemas relacionados à miséria mundial e à degradação ambiental.

SUB-FUNÇÃO 2A - Citar pesquisas prévias

Considerando as variantes da sub-função 2 (2A, 2B, 2C e 2D), cada uma servirá para o escritor inserir seu trabalho de forma mais ou menos objetiva na área que investiga.

Em estudo recente sobre a seção Revisão da Literatura de artigos acadêmicos eletrônicos em inglês nas áreas de Lingüística e Economia, Hendges (2001:79) verificou que, das quatro formas de inserção do trabalho no contexto das pesquisas prévias, os artigos de Economia estariam orientados para o extremo mais objetivo ao longo de um eixo de progressão que varia entre dois extremos de mais objetivo e mais avaliativo (um *continuum*), pois apenas citam pesquisas prévias (sub-função - 2A) na Revisão da Literatura, enquanto que os textos de Lingüística, são mais avaliativos, uma vez que, além de Citar pesquisas prévias (sub-função - 2A), usam a estratégia de Indicar lacunas em pesquisas prévias (sub-função - 2D).

Ao Citar pesquisas prévias (sub-função 2A), a referência é mais objetiva do que ao Indicar lacunas em pesquisas prévias (sub-função 2D), pois, nesse último caso, o escritor mostra alguma falha no conhecimento produzido previamente, avaliando-o. Ao Citar pesquisas prévias, o escritor pode fazer referência a conceitos, procedimentos (incluindo o uso de modelos, tipologias e até programas de ensino mediado por computador), resultados e/ou conclusões das pesquisas que cita, os quais servirão como suporte teórico para sua discussão.

Exemplo 4.3

Coelho (2000) propôs um modelo para o desenvolvimento sustentável aplicado a diferentes regiões do país. Os resultados do estudo revelam que o modelo é eficiente.

SUB-FUNÇÃO 2B - Estender pesquisas prévias

Já para mostrar concordância entre o estudo em questão e pesquisas prévias, o autor pode continuar a tradição em pesquisa na área (sub-função 2B).

Exemplo 4.4

A fim de testar a eficiência de um modelo de desenvolvimento sustentável, Coelho (2000) realizou um estudo aplicado ao nordeste do país, obtendo resultados bastante eficientes. Portanto, o presente trabalho dá continuidade ao trabalho de Coelho (2001), aplicando seu modelo à região norte.

Segundo Swales (1990:148), essa estratégia é evidenciada com bastante frequência pelo uso de *portanto*, expressão sinalizadora classificada por Vande-Kopple (1985:83) como conetivo textual. Os conetivos textuais ajudam os leitores a reconhecer como o texto está organizado e como as diferentes partes que o constituem se conectam entre si (idem:ibidem).

SUB-FUNÇÃO 2C- Contra-argumentar pesquisas prévias

Além de ser frequentemente usado para mostrar concordância, o conetivo textual também é usado para introduzir as sub-funções 2C - Contra-argumentar pesquisas prévias e 2D - Indicar lacunas em pesquisas prévias, indicando, é claro, uma oposição em relação a essas pesquisas. Nesse caso, o principal representante é *porém*, seguido de *todavia*, *já*, *infelizmente* e *mas* (Swales, 1990:154).

Exemplo 4.5

A fim de testar a eficiência de um modelo de desenvolvimento sustentável, Coelho (2000) realizou um estudo aplicado ao nordeste do país, obtendo resultados bastante eficientes. Carneiro (2001), porém, observou que na região norte o mesmo modelo apresenta desempenho negativo. Assim, este trabalho propões um novo modelo para o desenvolvimento sustentável.

Ao usar a contra-argumentação, o escritor mostra que discorda de algum aspecto em estudos anteriores, apresentando uma nova alternativa em seu trabalho.

SUB-FUNÇÃO 2D- Indicar lacunas em pesquisas prévias

Quando você indica lacunas, revela que o estudo anterior não é conclusivo e apresenta alguma limitação, a qual você procurará compensar com seu trabalho. Para tanto, além dos conetivos textuais, outros marcadores metadiscursivos usados para indicar lacunas são os quantificadores negativos *não*, *pouco*, *muito pouco*, que sinalizam a presença de alguma falha na pesquisa prévia (Swales, 1990:155). Além disso, os verbos *falhar*, *faltar*, *limitar*; os adjetivos e locuções adjetivas

inconclusivo, complexo, duvidoso, escasso, limitado, questionável, insuficiente, impreciso; os substantivos *falha, limitação* e o advérbio de negação *não* também são lexemas explícitos que permitem identificar a sub-função 1D.

É possível verificar também que o tempo verbal característico no caso dessa sub-função é o pretérito perfeito composto, indicando que, embora existam pesquisas feitas, até o momento os resultados ou conclusões obtidos são insuficientes (Exemplo 4.6).

Exemplo 4.6

E#1

LITERATURA ANTERIOR SELECIONADA

O número de estudos sobre os mercados emergentes de ações vem crescendo rapidamente. A maior parte dos estudos limita-se aos mercados asiáticos. A maior parte dos estudos anteriores limita-se às correlações entre os mercados. Esse tipo de estudo assume, implicitamente, que as relações entre os mercados são lineares e que há integração total, o que, obviamente, não pode ser verdadeiro. Uma lista incompleta de estudos recentes inclui: Aggarwal e Leal (1995); Mullin (1993); Divecha, Drach e Stefek (1992); Speidell e Sappenfield (1992); Cheung e Ho (1991) e Bailey e Stulz (1990). A conclusão em geral é que as correlação entre os mercados emergentes e os mercados nos E.U.A. e Japão está crescendo com o tempo mas que ainda é suficientemente baixa para permitir importantes ganhos de diversificação. É claro que uma correlação maior não implica necessariamente em maior integração uma vez que outros fatores comuns podem estar influenciando os mercados. Um candidato em potencial são os fluxos de capitais entre os países. Apesar do interesse crescente nos mercados emergentes, os fundos de pensão americanos não investem mais do que 5 por cento de suas carteiras em ativos internacionais indicando um tremendo potencial de crescimento dos fluxos de capitais para os mercados emergentes no futuro (Errunza, 1994). Outros autores sugerem que as correlações baixas podem dever-se ao aspecto não linear das relações entre os mercados (Mullin, 1993; Cheung, 1993). As correlações não parecem ser estáveis no tempo (Aggarwal e Leal, 1995; Cheung, 1993) e os mecanismos de transmissão entre os mercados são influenciados pela volatilidade dos mercados desenvolvidos (Bekaert e Harvey, 1995; Aggarwal, Inclan e Leal, 1995). (...)

Lacuna no conhecimento

Interesse no Tópico

Discordância: contra-argumentando

Citação mais objetiva

Generalizações

Citação mais objetiva

Como você pôde observar, há diferentes formas de abordar a literatura na sua área, e você tem diferentes opções para revisá-la. Além dos marcadores que já indicamos, há outros, conforme indicado na seção que segue.

4.3 Características lingüísticas da Revisão da Literatura

Em geral, pelo menos 70% de todas as citações recaem sob uma dessas três categorias, a saber¹:

¹ Os padrões a) e b) são mais comuns nas ciências humanas e menos, nas tecnológicas. No entanto, para evitar uma repetição estrutural do texto, escritora/es tendem a misturá-las (Swales & Feak, 1994).

■ **Passado** – atividade do pesquisador como agente – referência a estudos específicos: Swales (1990) investigou a concepção de gêneros do discurso... (ênfase no que pesquisadores anteriores fizeram)

■ **Pretérito Perfeito Composto** – atividade do pesquisador não como agente – referência a áreas de pesquisa: A concepção de gêneros do discurso tem sido investigada (Swales, 1990; Berkenkotter & Huckin, 1995; Hyon, 1996)...; Muito/as pesquisadore/as têm-se dedicado a investigar a concepção de gêneros do discurso...

■ **Presente** – sem referência à atividade do pesquisador – referência ao estatuto corrente do saber: A concepção de gêneros do discurso é complexa (Todorov, 1976; Swales, 1990)...; Parece haver um conjunto complexo de elementos envolvidos na concepção de gênero... (ênfase no resultado de pesquisas)

Dentre os itens lexicais usados para fazer referência, os verbos desempenham uma função essencial, pois a partir de um determinado verbo de citação é possível avaliar negativa ou positivamente o trabalho citado. Em geral, esses verbos podem ser usados em quatro situações:

1. com o nome do autor na posição de sujeito: **Coelho (2000)** mostra que o desenvolvimento sustentável é eficiente.

2. com o nome do autor como agente da passiva, com o uso de por: Esse modelo foi desenvolvido por Coelho (2000).

3. com o um termo generalizado, como, por exemplo, pesquisadores, autores (depois da afirmação generalizada, normalmente o escritor passa a citar autores que sustentem a afirmação): **Vários estudos** na literatura usam modelos similares. Coelho (2000), por exemplo, elaborou...

4. com termos que substituem o agente pelo processo ou produto, como, por exemplo, metodologia, resultados, conclusões: **Os resultados** indicam que o modelo é eficaz (Coelho, 2000).

Essas situações estão relacionadas também ao formato das citações na construção da sua Revisão de Literatura:

Citação Condicional

- (Ainda) No entendimento de/De acordo com/ Segundo/ Para Novaes (1998), X é/consiste em...
- Conforme indicado/apontado/observado por Santos & Pereira (1996) , X é/consiste em...
- Conforme Pereira & Santos (1996) corretamente afirmam/acentuem, X é/consiste em...
- Segundo Forattini (1992), é possível que...

Citação Indireta

- Uma crítica nesse sentido é feita por Peirce (1992, p. 686-687)...
- Isto está de acordo com o que foi citado por Gonzalez (1981, 1984)
- As proposições de Goodman (1970) e Smith (1978) acentuam/privilegiam...
- Tal abordagem foi/tem sido sugerida por Gould & Gerwood (1982) e seus conceitos foram estendidos por Beltrano (1987)...
 - X foi proposto/A questão foi analisada por Souza (1995) em termos de...
 - Isso se relaciona com o que Oliveira (1980) denomina...
 - Entre n características, Silva separou ...
 - Outros trabalhos citam diferentes valores, variando principalmente em função do parâmetro considerado. William-Linere (1990) encontrou x, Palik & Murpoy (1990) encontraram y
 - X é ... (Fulano, 1899) / Isso tem revelado que... (Wielewicki, 1995, p.6)
 - Sabe-se que A é diferente de B [generalização](cf. Alves, 1995, p.6)
 - Há mais de três décadas, tem havido crescente interesse (cf. Fulana, 1995; Beltrano, 1996)
 - Certamente, a capacidade de x ... é limitada...(Esteves, 1980)
 - Este sistema mostra Y..., porém algumas vezes, apresenta problemas...(Bird, 1993)
 - Somente quatro espécies de ... já foram reportadas (Carini & Pinto, 1926)
 - Esta espécie foi encontrada/descoberta em (localização completa) (Fulano, 1953)

Citação Direta

- Dodson (1975) apresenta/argumenta/postula/defende/coloca/afirma/relata/cita que...
- Westoll (1990) se refere a dois tipos de...: x e y/descreve X em termos de x e y...
- Mitchell (1980) considera que.../ Silva (1997) descobriu que...
- Guimarães (1994) tem concentrado seu...
- Gnerre (1991) e Illich & Sanders (1988) apresentam/informam...
- Fulano (1996) menciona/discute a questão da...
- Beltrano (1995b) sumariza sua visão sobre isso com base em...

Os verbos de citação usados nessas citações podem ser classificados com base em diferentes critérios. Thomas & Hawes (1994:146), por exemplo, dividem os verbos de citação em três grupos: 1) Verbos de atividade do mundo real ou experimental; 2) Verbos de atividade discursiva e 3) Verbos de atividade cognitiva¹. Grosso modo, os Verbos de pesquisa ou de atividade experimental estão ligados ao relato de procedimentos e resultados de pesquisas prévias (p. ex. *Mensurar, medir, calcular, encontrar, obter*); os Verbos textuais ou de atividade discursiva podem reportar tanto hipóteses, quanto resultados e conclusões de pesquisas prévias, envolvendo sempre uma expressão verbal (p. ex. *Afirmar, apontar, negar, mencionar*); e os Verbos mentais ou de atividade cognitiva se referem a processos mentais e reportam generalizações que são senso comum na área (p. ex. *Acreditar, pensar, considerar*). Além dessas três categorias, os autores (idem:146) identificam uma série de subcategorias e subclasses na sua análise, as quais desempenham diferentes funções. A seguir discutiremos essas categorizações conforme as observações feitas por Thomas & Hawes (1994).

a. Verbos de Atividade Experimental

1.1 Verbos de procedimento: são verbos que você pode usar para relatar métodos ou procedimentos usados em pesquisas prévias: *categorizar, conduzir, correlacionar, comparar, completar, avaliar, usar, examinar, estudar, analisar, investigar*. É interessante mencionar que os últimos quatro verbos só estarão citando elementos da metodologia de estudos prévios se vierem associados às variáveis (sujeitos, objetos) pesquisadas nesses estudos.

Exemplo 4.7

Coelho (2000) investiga três regiões do país - Sul, Sudeste e Centro-Oeste, usando um modelo de desenvolvimento sustentável.

1.2 Verbos de Resultado: são verbos que você pode usar para relatar resultados de pesquisas prévias e se dividem em dois grupos:

1.2.1 Verbos de objetividade: se você quiser reportar resultados de pesquisas prévias de forma mais neutra, pode usar os verbos de objetividade, pois não fornecem indicações explícitas da sua reação ou do efeito que as afirmações do autor citado provocam em você: *encontrar, observar, obter*.

Exemplo 4.8

Coelho (2000) obteve resultados variados ao comparar as três regiões.

¹ No original, em inglês: Real-world or Experimental Activity Verbs, Discourse Activity Verbs e Cognition Activity Verbs.

1.2.2 Verbos de efeito: ao usar os verbos de efeito, você estará mostrando que foi convencido pelos resultados encontrados em estudos prévios: *mostram, demonstram, estabelecem, revelar*.

Exemplo 4.9

Os resultados mostram que há variações entre as regiões investigadas.

b. Verbos de Atividade Discursiva

2.1 Verbos de qualificação: são verbos que você pode usar para citar limitações ou restrições apontadas por autores de pesquisas prévias, indicando a necessidade de maior investigação sobre o tema: *levantar a questão, chamar a atenção para x*.

Exemplo 4.10

Coelho (2000) chama a atenção para as variações apresentadas pelas três regiões do país.

2.2 Verbos de incerteza:

2.2.1 Verbos pré-experimento: são verbos que você pode usar para citar hipóteses levantadas em pesquisas prévias, que servirão como ponto de partida para a discussão na sua pesquisa: *estimar, hipotetizar, predizer, propor*.

Exemplo 4.11

Coelho (2000) estima que as três regiões do país mostrarão desempenho semelhante.

2.2.2 Verbos pós-experimento: são verbos que você pode usar para tirar conclusões ou fazer afirmações a partir de pesquisas prévias: *sugerir, indicar*.

Exemplo 4.12

Os resultados sugerem que o modelo de Coelho (2000) precisa ser adaptado.

2.3 Verbos de certeza

2.3.1 Verbos de argumento: são verbos que você pode usar para assinalar que a proposição citada funciona como argumento de apoio para sua pesquisa, e por isso são interpretados por você para atender suas necessidades de embasamento: *apresentar suporte/fundamentação, citar/fornecer evidência, manter, concluir*.

Exemplo 4.13

Coelho (2000) fornece evidência de que seu modelo de desenvolvimento sustentável é eficiente.

2.3.2 Verbos de informação: são verbos que você pode usar para relatar, de forma mais neutra, o que foi feito anteriormente, sem indicar explicitamente qualquer intenção persuasiva:

documentar, reportar, referir, notar.

Exemplo 4.14

Carneiro (2001) se refere ao modelo proposto por Coelho (2000), para o desenvolvimento sustentável.

c. Verbos de Atividade Cognitiva

Os Verbos de atividade cognitiva, como sugere o próprio nome, estão associados a atividades mentais experimentadas pelos autores das pesquisas prévias e são *acreditar, considerar, ponderar, pensar, entender, reconhecer*. Segundo Thomas & Hawes (idem:145), esses verbos são usados para reportar visões ou idéias aceitas por um grande número de pesquisadores da área. Em geral, os verbos de atividade cognitiva ocorrem nas sentenças iniciais, apresentando generalizações que podem ser subseqüentemente refinadas pela referência a outros estudos.

Exemplo 4.15

Vários estudos consideram o desenvolvimento sustentável como uma alternativa eficaz para solucionar a miséria mundial.

Em síntese, essas categorias poderiam ser resumidas como:

- **Verbos relacionados a Processos Investigativos:** mede, calcula, obtém, coleta, seleciona, sistematiza, analisa, demonstra.
- **Verbos relacionados a Processos Verbais:** propõe, postula, hipotetiza (pré-experimentais), indica-sugere (pós-experimentais), afirma, cita evidências, sustenta, escreve, denomina, desafia a visão, demonstra;
- **Verbos relacionados a Processos Cognitivos:** acredita, pensa, focaliza, interpreta, observa;

Além das questões já mencionadas, é necessário levar em conta ainda que suas citações terão basicamente duas configurações: 1) literal ou 2) não-literal. Caracterizam-se como (1) citações literais aquelas em que você transcreve exatamente fragmentos do texto que você está usando como referência, inclusive com os erros (para indicar que o erro está na versão original e que não foi você quem o cometeu, você deve colocar *sic*, entre parênteses, logo depois do erro). As citações literais podem aparecer tanto no corpo do texto quanto em bloco, dependendo do número de linhas que ocupam. Segundo o manual da Universidade Federal de Santa Maria (2000) para a elaboração de monografias, dissertações e teses, quando o número de linhas que a citação ocupa no texto é inferior ou igual a cinco, deve ser mantidas no corpo do texto, entre aspas. Quando o número de linhas é superior a cinco, a citação deve ser destacada em bloco, sem aspas.

As (2) citações não-literais são paráfrases ou resumos das informações da obra usada como

referência e nesse caso jamais se usa aspas. Em ambos os casos, você precisa tomar cuidado para não plagiar a idéia dos textos consultados, 'esquecendo' de fazer a devida referência.

Exemplo 4.16

Coelho (2000) chama atenção para a necessidade de elaborar alternativas de desenvolvimento sustentável no país.

Sugestão de atividades

1. Estabeleça duas referências bibliográficas básicas para seu trabalho.
2. Verifique como os autores escolhidos por você fazem a revisão da literatura, *signalizam fatos, idéias, opinião, avaliação, etc.*;
3. Identifique os conceitos centrais com os quais o/a autor/a trabalha e defina o conceito de suas cinco palavras-chave do trabalho;
4. Examine seu material de referência, verificando os recursos da linguagem empregados pelo autor para sinalizar diferentes funções retóricas: quando cita? Quando avalia?
5. Analise a revisão da literatura dos textos que você selecionou e tente identificar como é feita a revisão de pesquisas e conceitos na área em termos de citação em bloco, direta ou indireta;
6. Identifique o tempo verbal (passado, pretérito perfeito composto, presente), adotado mais freqüentemente;
7. Elabore um esquema da organização retórica (similar ao modelo de introduções) desses textos. Analise como os autores revêem pesquisas e conceitos na área em termos de três *continua* 'certa/incerta', 'boa/má', 'importante/não-importante' (Hunston, 1994).
8. Escreva um texto de revisão da literatura do material que você selecionou, a partir das seguintes questões:
 - Quais os pontos/conceitos centrais dos trabalhos consultados?
 - A que conclusões os autores chegam?
 - Que evidências ou razões os autores dos trabalhos apresentam para reforçar suas conclusões/opiniões?
 - A posição dos autores parecem válidas/coerentes/omissas se considerarmos as evidências apresentadas por eles?
9. Comente o texto que você escreveu, verificando os recursos da linguagem empregados por você para sinalizar para o leitor duas funções retóricas diferentes: quando você relata (fatos/idéias) e quando opina/avalia.
10. Examine o esquema elaborado por você da organização retórica do seu material de referência e avalie em que medida o esquema abaixo corresponde a todos esses textos:

Passo 1 - Apresentar abordagem(ns) teórica(s)

MOVIMENTO 2 AVALIAR ABORDAGEM TEÓRICA

Passo 2 - Avaliar abordagem(ns) teórica(s)

Passo 3 - Levantar questões que se relacionam (semelhança ou diferença)

Passo 4 - Demarcar caminho teórico

Passo 5 - Demonstrar aplicabilidade desse caminho teórico ao objeto de estudo

11. Identifique conceitos, definições e termos básicos usados no seu texto. Explique **sua** opção para fazer referência a outros autores.

12. Aqui vão algumas expressões ou sintagmas lexicais que podem caracterizar referência. As expressões de citação abaixo variam em intensidade quanto ao grau de avaliação sugerido por elas. Como você utilizaria cada uma dessas formas de citar? Que outras lhe ocorreriam?

Asseverar: eu/nós mantenho/argumento que x; é possível/pode-se argumentar/dizer/crer/contradizer que x; aparentemente é/parece possível/provável/indiscutível/discutível que x;

Concordar: conforme x acertadamente propõe; eu/nós na verdade/de alguma forma/veementemente concordo/apóio (a idéia de) x; x fornece evidências/parece reforçar a idéia de y e de que z.

Discordar: conforme x nos leva a crer; eu/nós na verdade/de alguma forma/veementemente/discordo com x; conforme argumentado por x (um tanto quanto) erroneamente/equivocadamente; x não apóia o argumento/a conclusão de y e de que z; embora x proponha y, eu/nós acreditamos z.

Comparar: tanto x quanto y são (bastante) similares quanto a z; x é como/parece com y; tanto ___ e ___; x e y têm alguns aspectos de z; x e y têm em comum z; x não difere de y em relação a z.

Contrastar: x é (um tanto) diferente de y (em relação a z); x não é o mesmo caso de/o mesmo que y; x de forma alguma se assemelha a y; x contrasta com y (em z); x difere de y em relação ao aspecto z.

Recomendar: recomenda-se/sugere-se que x seja/tenha/faça y; o que se deveria recomendar/sugerir é que x; uma sugestão é que x (faça y).

Validar: como prova/evidência/exemplo (para isso) (pode-se citar/enumerar); de acordo com; conforme x argumenta; x produz evidências para Y.

Classificar: x pode/tavez possa/poderá ser dividido/classificado em y (e z); x e y são categorias/divisões de z; há x categorias em y.

Generalizar: em termos gerais; na maioria dos casos; pode-se generalizar x; em geral; na maior parte.

Demonstrar: x demonstra/mostra que y; x é ilustra y.

Referências dos exemplos

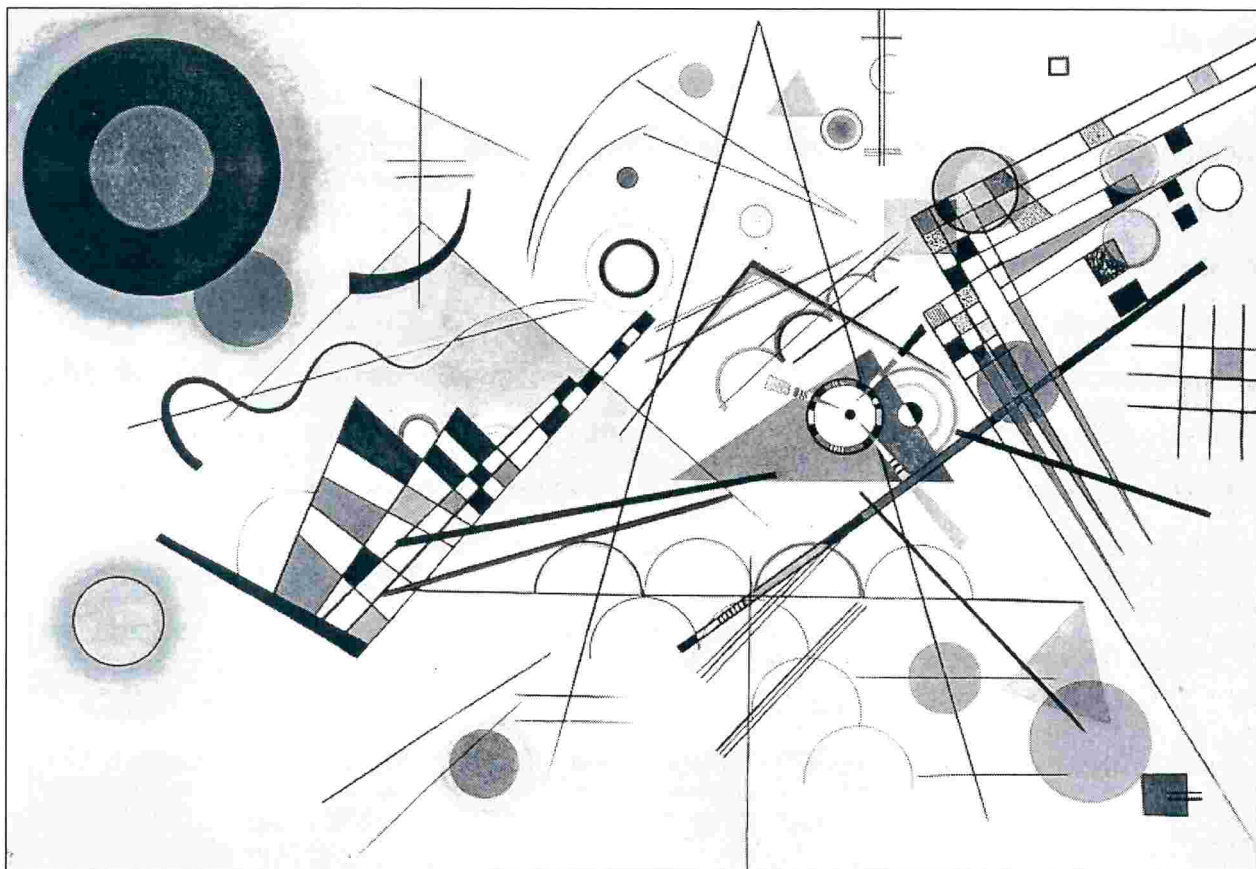
E#1 LEAL, R. P. & BOCATER, P. F. (1995) Causalidade nos mercados de ações latino-americanos. *Revista Eletrônica de Administração*, 1(1). <http://read.adm.ufrgs.br/read01/artigo/leal.htm#leal>

CAPÍTULO
5

Artigo Acadêmico:

Metodologia

Désirée Motta-Roth



Wassily Kandinsky: Composição VIII

5.1 A metodologia no artigo acadêmico

Uma pesquisa é um conjunto de ações determinadas para o propósito de se investigar, analisar e [criticamente] avaliar uma determinada questão ou problema em uma dada área do conhecimento. Pode-se definir pesquisa como um processo planejado de investigação que consiste de três momentos: 1) o levantamento de perguntas, hipóteses ou problemas; 2) a coleta dos dados; e 3) a análise e interpretação dos dados. O artigo acadêmico tenta recontar esses três momentos de maneira clara para que o leitor possa aprender com a leitura do estudo e, se for o caso, replicá-lo em sua própria pesquisa.

Há diferentes maneiras de se estruturar uma investigação, dependendo do que pretendemos estudar (um fenômeno químico, uma doença ou uma determinada modalidade de uso da linguagem) e de como concebemos a natureza e o estatuto do conhecimento gerado em pesquisa (Nunan, 1992:5). O texto naturalmente deverá corresponder a essas escolhas metodológicas.

É importante que os procedimentos que você definiu para a pesquisa de fato sejam válidos, isto é, prestam-se efetivamente a verificar o que você, em princípio, se propôs a investigar. Por outro lado, é fundamental que esses procedimentos de fato sejam confiáveis, isto é, ofereçam dados consistentes, que não estejam afetados por condições que lhe passaram totalmente despercebidas e que, portanto, não foram computadas em seu estudo como uma variável a ser analisada também (Idem:14).

Vejamos o exemplo dado por Nunan (1992:12) de uma pesquisa em Ciências Sociais sobre a incidência de crimes em uma dada cidade em região de imigração. A conclusão de que imigrantes respeitam mais as leis do que os cidadãos nativos, com base na análise dos registros policiais em relação à densidade demográfica de uma dada comunidade, pode ser equivocada porque as relações causais entre os registros policiais e os dados demográficos não foram demonstrados conclusivamente *a priori*. Talvez, haja menos registros de crimes por imigrantes simplesmente porque eles são mais cautelosos do que os cidadãos nativos e, portanto, menos sujeitos a serem apanhados em flagrante. Em outras palavras, os resultados obtidos no levantamento desses dados podem ser explicados de outras maneiras além daquela encontrada pelo pesquisador.

Nunan (idem:12) acrescenta ainda que:

[e]m última análise, a medida em que estamos preparados para aceitar ou rejeitar determinados métodos de investigação e os estudos que utilizam esses métodos dependerá da visão que temos do mundo.

Embora o processo de qualquer pesquisa tenha sido definido acima de modo geral como compreendendo 1) o levantamento de perguntas, hipóteses ou problemas; 2) a coleta dos dados; e 3) a análise e interpretação dos dados, essa citação nos sugere, portanto, que existem variações no modo de concebermos uma pesquisa. Uma diferença básica está no caminho que definimos para trilharmos na investigação. Podemos iniciar pelo item 1, elaborando perguntas ou hipóteses e, a partir daí, buscar evidências que respondam às perguntas ou confirmem ou refutem as hipóteses elaboradas. Por exemplo, podemos partir de uma hipótese de que as possíveis causas da mortalidade infantil em uma determinada região são as condições sanitárias da habitação dessa população, e realizar a análise de dados sobre fatores relacionados a essas condições, o saneamento básico nas moradias, por exemplo. Se trilharmos esse roteiro, então estaremos fazendo o que se pode chamar de **pesquisa dedutiva** (da teoria para os dados).

Caso optemos por um roteiro oposto, iniciaremos pela análise de dados para chegarmos a uma teoria ou aos princípios que parecem reger a organização desses dados. Por exemplo,

analisaremos a distribuição da mortalidade infantil em uma determinada região para deduzirmos suas causas. Se escolhermos esse caminho, então adotaremos o que se pode chamar de **pesquisa indutiva** (dos dados para a teoria).

Outra diferenciação entre maneiras de se pensar uma pesquisa diz respeito ao tradicional debate entre pesquisadores que adotam uma abordagem de base qualitativa e aqueles que adotam uma abordagem de base quantitativa.

Pode-se dizer, a grosso modo, que esses pesquisadores diferem em relação à/ao:

1. Natureza da realidade

1.a Quantitativo: “há apenas uma realidade tangível lá fora”.

1.b Qualitativo: “há múltiplas construções da realidade”.

2. Validade interna:

2.a Quantitativo: uma relação é postulada e então testada em comparação com a realidade (controle).

2.b Qualitativo: credibilidade é o teste para realidade: engajamento prolongado, observação persistente e triangulação (interpretação).

3. Validade externa:

3.a Quantitativo: a generalização dos resultados a outros contextos e/ou sujeitos é possível: neutralização das variáveis de tempo e contexto.

3.b Qualitativo: especificidade do contexto: a possibilidade de se aplicar os resultados a outros contextos depende da similaridade entre eles. O julgamento da pesquisa se dá com base na descrição dos dados pelo pesquisador.

4. Grau de fidedignidade:

4.a Quantitativo: inevitavelmente depende da medida em que existe validade interna e externa: critérios de estabilidade, consistência, e previsibilidade, demonstrado pela possibilidade de se replicar o estudo.

4.b Qualitativo: resultados são confiáveis se as hipóteses por triangulação são testadas através de uma observação continuada, revisão de colegas, checagem por parte dos sujeitos, auditoria da pesquisa.

Em Lingüística (e talvez em todas as outras áreas) ambas as metodologias são necessárias em vista da natureza complexa do fenômeno a ser estudado: a linguagem. O uso de múltiplos métodos em um mesmo estudo pode resultar da necessidade de se apropriar a

metodologia à questão a ser investigada.

Há maneiras de se classificarem diferentes métodos de investigação e os autores não têm uma visão consensual sobre qual o número e o nome exatos dos métodos. Cordeiro (1999) nomeia várias tendências metodológicas, das quais destaca algumas para as ciências sociais:

1. **Método Estudo de Caso:** possibilita o estudo intensivo de um indivíduo (um ser humano) ou grupo (tribo, empresa, comunidade, instituição, etc) com vistas a obter generalizações a partir de uma análise compreensiva do tópico de pesquisa como um todo. Por exemplo: estudo do comportamento de uma tribo indígena em termos de sua aculturação por posseiros da região (Idem:55);
2. **Método Pesquisa-Ação:** possibilita a participação dos membros da comunidade estudada, durante a pesquisa, na análise e interpretação dos dados de modo que os resultados possam influenciar a comunidade no sentido de propor soluções para os problemas detectados. Por exemplo: a comunidade participa do levantamento sócio-econômico da cidade, identificando problemas e utilizando esses dados para propor soluções (Idem:55).

Embora esses dois métodos sejam descritos por Cordeiro como usados em Ciências Sociais, eles também são usados nas Ciências Humanas, como a Linguística.

Talvez a única regra que se pode generalizar em um livro introdutório sobre redação acadêmica, sem entrar em questões epistemológicas da filosofia ou da sociologia das ciências, é que o método a ser usado em sua pesquisa deverá responder (se opondo criticamente ou se alinhando informadamente) aos debates em curso na disciplina em questão.

5.2 O que descrever na seção de Metodologia?

Uma vez definida a abordagem que se vai adotar na investigação, podemos definir a metodologia a implementar. O objetivo da Metodologia é apresentar os materiais e os métodos (sujeitos, instrumentos, procedimentos, critérios, etc) empregados na pesquisa para se obterem e analisarem dados. A função retórica dessa seção é descrever o método de coleta e análise dos dados, e os materiais e os procedimentos usados para chegar aos resultados, com maior ou menor detalhamento, dependendo do objeto de estudo. Em geral, a metodologia é uma narrativa, em ordem cronológica, das ações desenvolvidas na pesquisa. Assim, o autor faz indicação de quando cada uma das ações foi realizada, sinalizando essas ações por verbos no passado relacionados à atividade de pesquisa (por exemplo, 'coletou/coletaram-se', 'analisou/analisaram-se', 'examinou/examinaram-se') e expressões que demarcam a ordenação entre essas ações (por exemplo, datas e advérbios como 'Primeiramente', 'Em seguida', 'Por fim').

Exemplo 5.1

A #1

9 - MÉTODO

A presente pesquisa é do tipo descritiva, exploratória, aplicada, de cunho qualitativo. Após a realização de um piloto na mesma instituição, no período de julho a outubro de 1999, cujos sujeitos pesquisados foram treze gerentes de diferentes áreas do Hospital, (...), definiram-se alguns conceitos fundamentais a serem trabalhados, adicionais aos propostos a priori, que também foram confirmados.

No estudo piloto, haviam sido identificados quais eram os "elementos chave" referentes a conflitos, ou seja, que sentimentos ou conceitos os gerentes possuem e a quais associam a situação conflituosa.

Foram identificados conceitos como personalidade, comunicação e poder, cujos autores identificados para abordagem destes referenciais foram Berne (1963, 1976, 1977, 1983, 1985), Steiner (1976, 1997) e Krausz (1980, 1991).

Essas identificações de conceitos serviram de base para a construção do instrumento de pesquisa. Tratou-se de formulário semi-estruturado, com questões abertas que permitem ao entrevistador captar a perspectiva dos participantes. O passo seguinte foi a análise das respostas. As questões dissertativas foram agrupadas de acordo com o referencial teórico pertinente. Este agrupamento foi realizado através de diferentes "tipologias.

A metodologia fornece uma descrição dos sujeitos, materiais e categorias, e das ações ou procedimentos, geralmente seguindo uma ordem cronológica dos fatos

No Exemplo 5.1, o autor sucintamente descreve:

- **sujeitos** (treze gerentes de diferentes áreas do Hospital);
- **materiais** (o instrumento de pesquisa foi um formulário semi-estruturado, com questões abertas, dissertativas);
- **categorias** (conceitos fundamentais, "elementos chave" referentes a conflitos, conceitos como personalidade, comunicação e poder);
- **ações** (definiram-se, foram confirmados, haviam sido/Foram identificados, [as respostas] foram agrupadas (de acordo com o referencial teórico pertinente);
- **procedimentos** (Essas identificações (...) serviram de base, análise das respostas, agrupamento foi realizado);
- **ordem cronológica dos fatos** (Após a realização de um piloto, a priori, O passo seguinte);
- **tempo e espaço** (no período de julho a outubro de 1999, na mesma instituição).

Swales (1990:168) cita estudos prévios sobre gêneros acadêmicos para explicar que a metodologia tem um estilo diferenciado das outras seções, pois nela o autor tende a apresentar os procedimentos e os materiais usados na pesquisa em uma lista de itens, em uma linguagem sintética. Nesses termos, a metodologia se aproxima de uma narrativa em que o autor vai relatando para o leitor cada passo dado ao longo do processo de coleta e de análise dos dados, sem interpretações ou deduções de dados, mas apenas descrição dos recursos usados e narrativa das ações realizadas com esses recursos para coletar e analisar os dados, sem mencionar ainda quais os dados obtidos ou como eles foram interpretados. Os dados obtidos e sua respec-

tiva interpretação serão apresentados mais adiante na seção de Resultados e Discussão.

Swales & Feak (1994:165) postulam que a metodologia pode gerar um acalorado debate em algumas áreas como as Ciências Sociais, Saúde Pública e a Educação. Muitas vezes, a parte inovadora e, portanto, mais importante em um estudo, é a publicação de algum avanço no método de pesquisa. Em outras áreas como a Química e a Física, os pesquisadores demonstram ter práticas de construção de conhecimento mais padronizadas e uniformes (Motta-Roth, 1995). Em função dessas diferenças de concepção de conhecimento estabelecido e compartilhado num e noutro caso, as seções de metodologia podem variar consistentemente.

Cordeiro (1999) sugere algumas estratégias para a definição da metodologia em três tipos de pesquisa: 1) exploratórias, 2) descritivas (ou de campo) e 3) experimentais.

A pesquisa exploratória pode ser definida como bibliográfica e documental. Nesse caso, a metodologia envolverá o procedimento de levantamento da bibliografia e os documentos referentes ao problema em questão. Pesquisas desse tipo podem servir de base para subseqüentes pesquisas experimentais, uma vez definido o que se sabe na bibliografia já publicada sobre o assunto. O material de análise ou *corpus* da pesquisa poderá compreender, portanto, a literatura sobre o assunto, os documentos de arquivos públicos/particulares, a imprensa escrita, as fontes estatísticas, as correspondências, as fotos e gravações em áudio e vídeo de pessoas envolvidas na questão (Idem:97-8). Esse tipo de pesquisa é muito comum na área de Estudos Literários e na História. Um exemplo seria o estudo das práticas sociais e comerciais na época das descobertas de novos territórios (como o Brasil) a partir de bibliografia de outros autores e documentos ligados às viagens de navegação.

Na pesquisa descritiva ou de campo, tentaremos observar fatos humanos ou sociais (ou físico-químicos?) tal qual ocorrem, atentando para as variáveis que afetam esses fatos e registrando-as, para tentar confirmar ou rejeitar nossa hipótese. Esse tipo de pesquisa, muito usado nas Ciências Sociais, é desenvolvida por meio de instrumentos de observação como o questionário e a entrevista. Um exemplo desse tipo seria entrevistar mulheres sobre técnicas e drogas para evitar a concepção (Idem:109-10).

Por fim, as pesquisas experimentais são principalmente usadas para estudar fenômenos das ciências exatas. Nesse tipo de pesquisa, há a manipulação de variáveis, produzindo fenômenos sob condições controladas. O pesquisador pode assim recriar artificialmente o contexto do fenômeno a ser pesquisado. Uma pesquisa desse tipo poderia consistir em um estudo comparativo entre as mudanças ocorridas em duas cidades semelhantes a partir da instalação de uma indústria em apenas uma delas (Idem:118).

Seja qual o tipo de sua pesquisa, lembre-se de anotar **todos** os procedimentos adotados na ordem em que ocorreram. Isso facilitará a redação da metodologia em seu artigo.

Sugestão de atividades

1. Analise a metodologia dos textos que você escolheu como referência para seu próprio trabalho. Verifique que sujeitos, instrumentos, procedimentos e critérios estão envolvidos na pesquisa;

2. Identifique os 'sintagmas lexicais' que sinalizam a presença, no texto, desses sujeitos, instrumentos, procedimentos e critérios envolvidos na pesquisa, conforme os exemplos abaixo de sinalizadores (de coleta e análise):

COLETA: *Os dados são coletados a partir dos procedimentos que apresentamos a seguir...; os critérios utilizados para coleta dos dados foram...; Em primeiro lugar ...; Em segundo lugar...; Em seguida...; O próximo passo....; primeiramente, os sujeitos x e y foram selecionados por critérios de z; em seguida, todas as populações envolvidas foram x; cada sujeito foi então y.*

ANÁLISE: *Para a análise dos dados, adota(m)-se o(s) seguinte(s) critério(s)...; os critérios utilizados para análise dos dados foram...; Tomaremos por base...; primeiramente/em primeiro lugar...; a seguir/em seguida/em segundo lugar...; finalmente/por fim....*

3. Observe as sentenças abaixo (Swales & Feak, 1994:66-67), relacionadas à descrição de um processo:

Um espécime é coletado.
O espécime é catalogado.
O espécime é analisado.
Os resultados são anotados.
Um formulário é preenchido com os dados coletados.
O formulário é enviado à pessoa encarregada de verificar a
adequação do mesmo.
O formulário é lido.
O formulário é revisado.
O formulário é arquivado.

Colocadas justapostas, essas nove sentenças não perfazem um bom texto descritivo de processo: 'Um espécime é coletado. O espécime é catalogado. O espécime é analisado. Os resultados são anotados.'

Seria preferível usar nexos de ligação para ordenar essas ações como em: 'Em primeiro lugar, a amostra é coletada, seca e pesada.' Ou 'A amostra é limpa, seca e, em seguida, pesada.'

Pense em como reescrever essas sentenças na forma de uma pequena narrativa dos procedimentos envolvidos em um experimento.

4. Observe o exemplo abaixo e tente reconhecer elementos pertinentes à metodologia desse estudo na área de Zootecnia. Tente identificar, se possível, a menção de elementos relativos a:

- **sujeitos;**
- **materiais;**
- **categorias;**
- **ações;**
- **procedimentos;**
- **ordem cronológica dos fatos;** e
- **tempo e espaço.**

Z#1

Materiais e método

Foram utilizados 12 cães, adultos, clinicamente sadios, sem raça definida, quatro machos e oito fêmeas, com peso variando de 9 a 18kg, oriundos do Biotério Central da Universidade Federal de Santa Maria. Seis cães foram separados em um grupo para avaliação até 30 dias de pós-operatório e os demais, até 60 dias. Esses animais permaneceram sob observação clínica num período de sete dias, e após serem vermifugados, foram mantidos em alojamentos individuais com alimentação e água à vontade. Após jejum prévio de 12 horas, os animais foram tranqüilizados com maleato de acepromazina (Acepran 1%. Univet S.A. São Paulo, SP.) (0,1 mg/kg de peso corporal), via intravenosa (IV) e raspados os pêlos da região torácica lateral direita. Realizou-se a indução anestésica com tiopental sódico (Thionembutal. Abbot Laboratório do Brasil. São Paulo, SP) 2,5% (12,0 mg/kg de peso corporal, IV) e após intubação orotraqueal, foram mantidos sob anestesia inalatória num plano cirúrgico com halotano (Halotane. Cristália do Brasil. São Paulo, SP) e ventilados por pressão positiva com oxigênio. Com a contenção dos animais em decúbito lateral esquerdo, realizou-se anti-sepsia do campo operatório com álcool-iodo-álcool.

Para a preparação da solução supersaturada de açúcar (Açúcar Cristal Peneirado. Copersucar. São Paulo, SP) a 300%, foram utilizados 300 gramas de açúcar cristalizado em 100 mililitros de água tri-destilada, obtendo-se no final uma solução na proporção 3:1. Para montagem do banco de enxerto, segmentos de músculo diafragma foram obtidos de cães necropsiados no setor de patologia e que aparentemente não apresentavam alterações nessa musculatura. Para a preparação do segmento, removeu-se todo o músculo diafragma preservando somente a porção do ventre muscular. Em seguida o segmento foi banhado abundantemente com solução fisiológica NaCl 0,9% e colocado em frasco contendo solução supersaturada de açúcar a 300%, onde permaneceu imerso para conservação e armazenamento, num período não inferior a 30 dias, em temperatura ambiente. O segmento de músculo diafragma homólogo foi removido do frasco com solução de açúcar 15 minutos antes do implante, enxaguado abundantemente com solução salina e imerso numa cuba rim estéril

contendo solução fisiológica NaCl 0,9% à temperatura ambiente para hidratação. O músculo diafragma homólogo foi preparado confeccionando-se um segmento de dimensões suficientes para ocluir o defeito diafragmático provocado.

O acesso ao músculo diafragma foi mediante toracotomia no 10º espaço intercostal direito. Após a identificação do músculo diafragma e com auxílio de uma lâmina radiográfica estéril de dimensões 4,0 x 4,5 cm, demarcou-se uma área do músculo diafragma direito com quatro pontos de reparos de fio poliamida (Fio de Nylon Grilon - Indústria Nacional de Plásticos, SP) 0,25 em cada ângulo da extremidade. Em seguida, removeu-se com bisturi por entre os pontos de reparo um segmento do músculo diafragma, que resultou num defeito de mesmas dimensões. O segmento de músculo diafragma homólogo foi fixado às bordas da ferida diafragmática pelos quatro pontos anteriormente empregados como reparos. A seguir, completou-se a sutura com o mesmo tipo de fio utilizando-se pontos de Wolff com sobreposição de bordas de modo que os nós permanecessem sobre o face torácica do enxerto.

A toracorráfia foi realizada com pontos simples contínuos de fio poliamida⁵ 0,30, sendo o de pele, com pontos simples separados com o mesmo tipo de fio. O restabelecimento da pressão negativa intratorácica ocorreu no terço médio do sétimo espaço intercostal com agulha 25 x 8, adaptada a seringa de 60ml, por meio de torneira de três vias.

Foram utilizados ampicilina sódica (Ampicilina sódica Ariston. Ariston Indústria Química. São Paulo, SP) (20,0 mg/kg de peso corporal, IV), 30 minutos antes do início da cirurgia e anti-inflamatório flunixin meglumine (Banamine. Schering-Plough. Rio de Janeiro, RJ) (1,0 mg/kg de peso corporal, IV), logo após o término da cirurgia e por via intramuscular, durante dois dias.

No pós-operatório, a ferida cirúrgica cutânea foi submetida a curativo local com timerosal (Merthiolate 1:1000. Eli Lilly do Brasil. São Paulo, SP) a 1:1000 durante 10 dias e os pontos de pele retirados com oito dias de pós-operatório.

Os animais foram observados diariamente mediante avaliação clínica, sendo seis cães até o 30º dia de pós-operatório e os demais, até 60º dia, quando foram reoperados para avaliação macroscópica e coleta de fragmentos para estudo em microscopia óptica da área de enxertia. Os cortes histológicos foram corados pelas técnicas de hematoxilina-eosina (HE) e tricrômico de Masson (TM).

5. Observe que o fato de verbos aparecerem juntos, em seqüência na mesma sentença, pode acarretar ambigüidade. Como resolver esse problema nos exemplos abaixo?

- A. O líquido é/foi coletado e guardado durante 24 horas.
- B. A amostra é coletada e guardada em um frasco estéril.
- C. Em pesquisas de mercado, os sujeitos são selecionados e entrevistados por telefone.

6. Tente escrever a primeira versão da sua seção de metodologia. Leia o que você escreveu e tente analisar os critérios que você utilizou para descrever os passos de seu estudo. Se você envolveu sujeitos em sua pesquisa, observe se você os descreveu precisamente em relação aos fatores relevantes ao estudo (idade, sexo, origem sócio-econômica, grau de escolarização, etc).

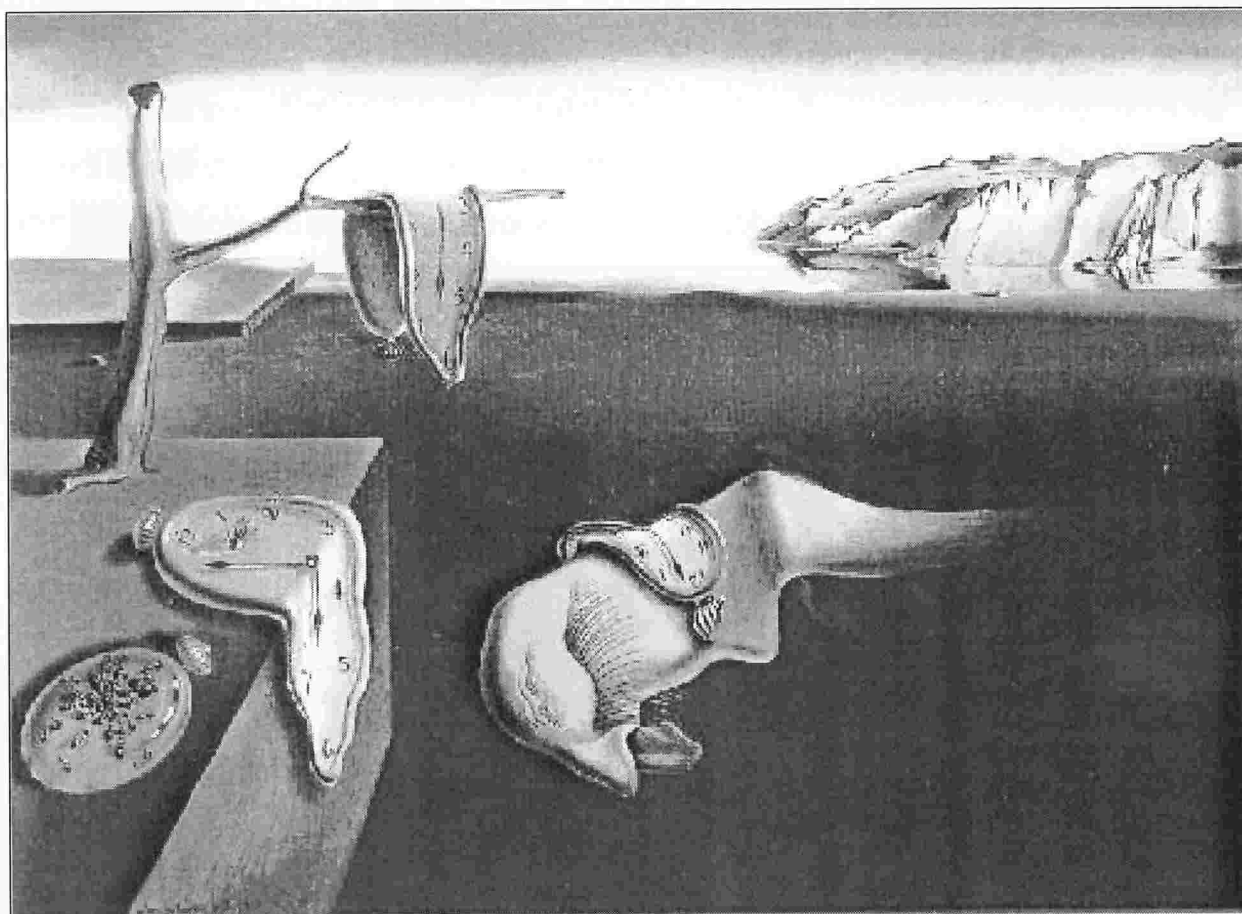
Referências dos exemplos

- A#1 FALK, M. L. R. (2001) A competência gerencial nos conflitos interpessoais. *Revista Eletrônica de Administração*, 22, v.7, nº4, Setembro. ISSN 1413-2311. Programa de Pós Graduação em Administração da UFRGS. <http://read.adm.ufrgs.br/read22/artigos/artigo1.htm>
- Z#1 MAZZANTI, A.; PIPPI, N.L.; RAISER, A.G.; GRAÇA, D.L.; FARIA, R.X.; OLIVEIRA, L.O.; GUIMARÃES, L.D. (2001) Reparação do diafragma de cães com segmento muscular homólogo ortotópico conservado em solução supersaturada de açúcar. *Arq. Brasileira de Medicina Veterinária e Zootecnia*, v.53, nº1, Fevereiro. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-9352001000100004&lng=en&nrm=iso

CAPÍTULO
6

Artigo Acadêmico: Resultados e Discussão

Désirée Motta-Roth e Graciela Rabuske Hendges



Salvador Dali: A Persistência da Memória

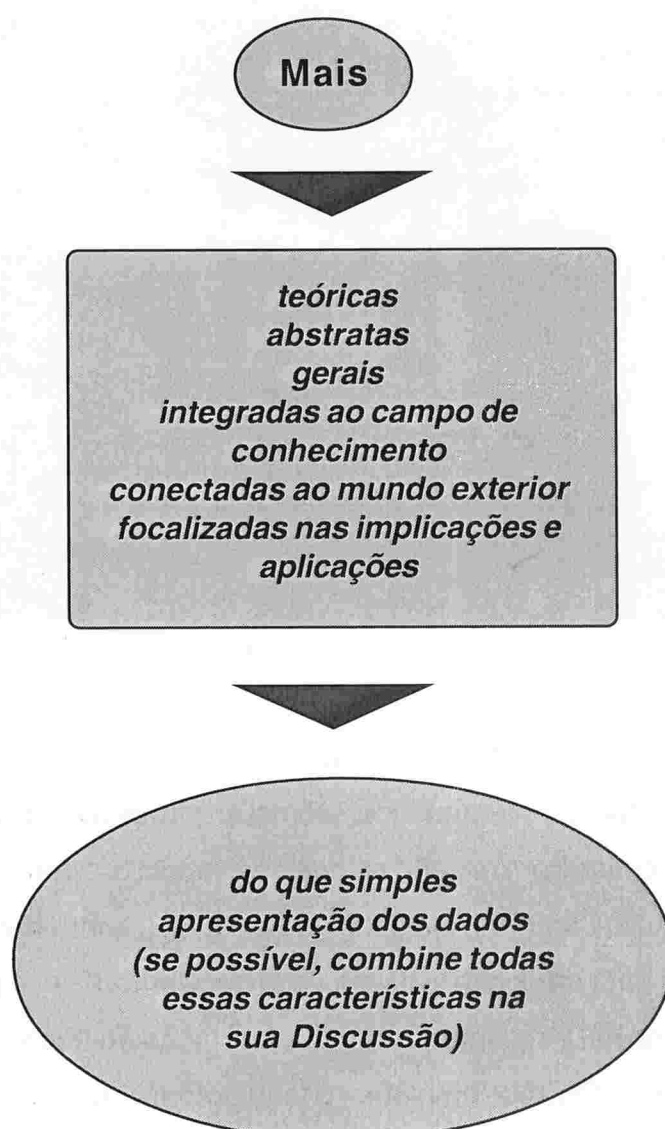
No capítulo de Resultados e Discussão, os dados obtidos no estudo são apresentados, comentados, interpretados – com o auxílio de um número (variável) de exemplos – e discutidos em relação ao que se avançou no conhecimento do problema, em relação ao estado da arte. Conforme indicado no Capítulo 3, sobre a seção de Introdução do artigo acadêmico, aqui há uma transição: de uma visão concentrada nos procedimentos, o foco vai se ampliando dos dados para sua interpretação em relação ao que se sabe sobre o assunto a partir de pesquisas na área. Ou seja, amplia-se o foco gradativamente dos resultados do estudo em direção às questões gerais da disciplina, apontadas na Introdução.

Como ponto de partida para discutir os resultados, aconselhamos que você leia artigos nas suas respectivas áreas de interesse que enfoquem tópicos específicos. Isso seria o mais adequado em vista da relação essencial e determinante que se estabelece entre duas dimensões:

de um lado, estilo e estratégia adotados na Discussão e, de outro, objeto de estudo e questões a serem respondidas.

Outro fator determinante é a ordem em que se apresentam as várias seções do artigo acadêmico. Ao chegar à Discussão, é possível prever a existência de uma grande porção de conhecimento compartilhado entre autor e leitor (Swales & Feak, 1994:195) em torno do objetivo do estudo, metodologia adotada e resultados obtidos. Assim, pode-se eleger com maior liberdade os pontos que se quer enfatizar na discussão dos resultados.

De modo geral, se os Resultados concernem **fatos**, então a Discussão gira em torno de **pontos**; fatos são *descritivos*, enquanto pontos são *interpretativos* (idem). Nesse sentido, a Discussão é mais do que um sumário dos resultados, indo além deles. Discussões devem ser (idem:196):



Se a visão adotada na Introdução é a de pirâmide invertida, isto é, do mais geral para o mais específico, aqui deve-se fazer o caminho inverso, adotando a perspectiva do todo dos resultados e do trabalho.

6.1 Estrutura retórica: Como se organiza a seção de Resultados e Discussão?

Vários autores, analisando artigos acadêmicos de diferentes áreas, propõe modelos que descrevem o tipo e a organização da informação da seção de Resultados e Discussão (Hopkins & Dudley-Evans, 1988; Brett, 1994; Holmes, 1997; Silva, 1999), os quais são interpretados de acordo com as idiosincrasias das disciplinas investigadas.

De modo geral, entretanto, podemos perceber que grande parte das informações que esses modelos apresentam são recorrentes. Assim, podemos sintetizá-las basicamente em termos de oito movimentos, conforme a Figura 1.

-
- MOVIMENTO 1** - Recapitulação de informação metodológica
 - MOVIMENTO 2** - Declaração dos resultados
 - MOVIMENTO 3** - Explicação do final in(esperado)
 - MOVIMENTO 4** - Avaliação da descoberta
 - MOVIMENTO 5** - Comparação da descoberta com a literatura
 - MOVIMENTO 6** - Generalização
 - MOVIMENTO 7** - Resumo
 - MOVIMENTO 8** - Conclusão
-

Figura 1 Síntese da organização retórica da seção de Resultados e Discussão

Com exceção de movimentos essenciais como Declaração dos resultados, Explicação do final in(esperado), Comparação da descoberta com a literatura e Conclusão, todos os outros podem ser usados com maior ou menor frequência, dependendo das circunstâncias do estudo. Esses movimentos são essenciais, pois a função do gênero artigo acadêmico é relatar RESULTADOS de uma pesquisa, avaliando-os em relação à literatura na área e fornecendo uma conclusão quanto ao significado dos mesmos.

O **Movimento 1** - Recapitulação de informação metodológica, é aquele em que você 'relembra' as etapas de análise do seu estudo, indicadas previamente na metodologia, uma vez que seus resultados serão apresentados de acordo com essas etapas. Dessa forma, ao retomá-las, você poderá usar essa mesma ordem de etapas para estruturar a seção de Resultados e Discussão.

Depois do embasamento metodológico, você vai então apresentar os resultados do seu estudo (**Movimento 2** - Declaração dos resultados). Essa etapa é basicamente descritiva e, em geral, envolve valores numéricos ilustrados por tabelas, gráficos. Pode compreender a (a) comparação entre duas ou mais variáveis analisadas; a (b) indicação de mudança com o passar do tempo; a (c) relação entre variáveis.

Exemplo 6.1

Declaração dos resultados: síntese introdutória

B#1

Resultados

Tabela inicial: visão geral dos resultados.

Na área total amostrada da restinga de Jurubatiba, encontraram-se dez espécies de bromélias, pertencentes a cinco gêneros (tabela 1). As espécies de bromélias com maior abundância na restinga de Jurubatiba foram *Aechmea nudicaulis*, *Neoregelia cruenta* e *Tillandsia stricta* (tabela 1). As dez espécies de bromélias encontradas na área amostrada do PNRJ utilizam os mais diversos tipos de substratos; algumas espécies têm hábito epifítico, outras ocupam o solo arenoso das áreas abertas ou o solo coberto por folhiço da área de mata, havendo aquelas que ocupam mais de um tipo de substrato (tabela 1).

Com relação à biomassa das bromélias amostradas, houve diferença significativa entre os valores médios das espécies na área amostrada do PNRJ (ANOVA; $F = 18,445$; $p < 0,001$), sendo *Bromelia antiacantha* a espécie com maior biomassa (tabela 2). Quando comparadas par a par, os valores de biomassa foram significativamente diferentes para algumas espécies (tabela 2). O volume de água no interior das espécies de bromélia na restinga foram significativamente diferentes (ANOVA, $F = 13,534$, $p < 0,001$). No teste de comparações múltiplas, algumas espécies diferiram significativamente (tabela 2). A espécie de bromélia que teve o maior volume de água reservado no interior do vaso foi *Neoregelia cruenta* (tabela 2).

A composição das espécies de bromélia variou entre as zonas da restinga, sendo as zonas AAE e MPI (ambas possuindo nove espécies de bromélias) as áreas com maior riqueza de espécies, seguidas da zona AAC, com riqueza de oito espécies. A zona PHR foi a única das zonas de vegetação da restinga de Jurubatiba onde não ocorreu nenhuma espécie de bromélia. (...)

Comparação

No **Movimento 3** - Explicação do final in(esperado), como o próprio 'nome' do movimento já antecipa, você já começa a passar para uma etapa mais subjéitiva da seção de Resultados e Discussão do seu texto, em oposição a etapa de descrição objetiva do movimento anterior. Nesse momento, você interpreta, discute os dados, tentando explicar as possíveis causas, razões e circunstâncias dos mesmos. Essa discussão pode estar voltada tanto para a os dados esperados quanto para aqueles inesperados. Os dados serão esperados quando forem similares à hipótese, a qual já deverá ter sido apontada nas seções anteriores do seu artigo, e serão inesperados quando forem diferentes da hipótese.

Depois de explicar os resultados do seu estudo, você poderá avaliá-los (**Movimento 4**), indicando em que medida são significativos e quais são suas conseqüências para área em que seu estudo se insere. Para dar suporte às suas declarações, você poderá fazer referência a pesquisas prévias na área, comparando sua descoberta com a literatura no **Movimento 5**: seus resultados são (a) similares?; (b) nem similares nem diferentes?; (c) diferentes?.

A partir daí você poderá elaborar generalizações (**Movimento 6**), que podem ser direcionadas especificamente para seu estudo, ou ainda para a sua área como um todo. Nesse último caso, no entanto, é preciso levar em consideração que as generalizações só poderão ser elaboradas se o *corpus* do seu trabalho for de fato representativo na sua área.

O **Movimento 7** - Resumo destaca os 'melhores momentos' do trabalho.

Quanto à Conclusão (**Movimento 8**) é importante fazer algumas observações. Essa seção

pode aparecer como uma sub-parte da Discussão dos Resultados, sem uma sinalização formal, ou ela pode aparecer explicitamente sinalizada como uma seção independente (e aí talvez seja mais adequado usar o título *Observações Finais*).

No primeiro caso, a Discussão/Conclusão (Day, 1988:44):

- a) resume e interpreta os resultados obtidos no trabalho (e não recapitula-os);
- b) demonstra como seus resultados e interpretações concordam ou contrastam com pesquisas prévias, oferecendo possíveis razões para os resultados obtidos;
- c) não é tímida/o; discute as implicações teóricas do trabalho, bem como possíveis aplicações práticas do mesmo;
- d) é apresentada tão claramente quanto possível e apresenta resumidamente as evidências para a conclusão;
- e) recomenda futuros aprofundamentos das questões discutidas no trabalho, deixando aberta uma lacuna a ser preenchida por futuras pesquisas.

A seção (e, portanto, o artigo) comumente fecha com um breve sumário ou conclusão do que foi feito e a significação disso para a área. O tempo verbal, nessa seção, geralmente varia entre o presente e o pretérito, com o trabalho de outros pesquisadores sendo descrito no presente e os seus resultados descritos no passado.

No segundo caso, quando a Conclusão aparece como uma seção independente, um formato básico para se seguir na conclusão é, em primeiro lugar, resumir os pontos principais e depois discutir as implicações para subseqüentes pesquisas sobre o tópico (Barks, 1993), realizando-se os itens d e e acima.

Em qualquer caso e especialmente nas Ciências Humanas, você dificilmente está na posição de oferecer a **verdade**. Assim, na maioria das vezes, o que você pode fazer é iluminar uma **parte** da verdade conforme seu estudo lhe permite vê-la, com base em sua reflexão e observação. Segundo Popper (1959:48), em ciência, qualquer afirmação deve ser testável ou passível de ser testada. Ele se recusava a aceitar resignadamente a existência de qualquer verdade **absoluta** na ciência já que parecem impossíveis de serem testadas. Popper (idem) argumentava que, em ciência, não existe uma prova de verdade absoluta já que uma explicação alternativa subseqüente talvez venha a ser tão boa quanto, ou melhor do que a anterior, assim a ciência avança apenas por tentativas de refutarmos o paradigma vigente. Ou seja, deve haver a possibilidade de um sistema científico ser refutado pela experiência. Portanto, ofereça sua argumentação, partindo do pressuposto de que se, por um lado, ela deve ser consistente, séria e com profundidade teórica, por outro, ela é a melhor explicação que você encontra, naquele momento,

a partir de sua observação e reflexão. Além disso, você está oferecendo essa explicação para futuras refutações. Nesse sentido, suas sugestões para futuras pesquisas, envolvendo pontos que não puderam ser exhaustivamente explicados no estudo (limitações de seu estudo) serão de grande valor.

Exemplo 6.2

B#1

Discussão

A variação espacial indicada pelo crescente aumento na riqueza de espécies de bromeliáceas desde a zona PHR até o cordão de mata (MPI) pode estar relacionada, em parte, com a diminuição da salinidade e da deposição de salsugem, que ocorre em grande quantidade na zona PHR e decresce em direção às zonas interiores (Hay & Lacerda 1984, Pammenter 1984, Gómez & Winkler 1991), e com a variação espacial na disponibilidade de suporte para as espécies de bromélias epífitas. Os dados no presente estudo indicam que, para a restinga de Jurubatiba, as bromélias não constituem espécies da zona halófila psamófila. Outros estudos também têm mostrado que espécies desta família não são observadas nesta zona de restinga (Rawitscher 1944, Pfadenhauer 1978, Waechter 1985, Henriques et al. 1986, Araujo & Oliveira 1988, Araujo et al. 1998), a qual está susceptível à ação das ondas em épocas de tempestades (Araujo 1992) e à alta salinidade (Pammenter 1984), sendo o solo bastante pobre em nutrientes e água (Waechter 1985).

A presença de moitas acarreta um aumento de sombreamento e de porcentagem de cobertura vegetal, oferecendo microhabitats com maior disponibilidade de nutrientes, umidade e temperatura mais amena (Franco et al. 1984, Hay & Lacerda 1984, Fialho & Furtado 1993, Montezuma 1997, Zaluar 1997) e substratos potenciais para as espécies epífitas. A maior riqueza de bromélias nas zonas de vegetação AAC, AAE e MPI pode ser explicada pela maior cobertura do solo pelas moitas (Henriques et al. 1986, Montezuma 1997, Araujo et al. 1998), altura do dossel e presença de substratos para epífitas, que cria diferentes e particulares condições para o estabelecimento de maior número de espécies de bromélias.

A espécie heliófila *T. stricta*, que suporta alta incidência de luz direta (Leme 1984), provavelmente ocorre no interior das moitas desta restinga por ser sensível aos efeitos intensos da salinidade e por encontrar nesses microhabitats substratos apropriados para se estabelecer. *Bromelia antiacantha* ocorreu basicamente nas zonas FPP e MPI, assim como no estudo de Araújo et al. (1998). A presença de indivíduos desta espécie na zona FPP sugere maior tolerância à alta salinidade. As espécies *N. cruenta* e *A. nudicaulis* ocorrem em elevada abundância na região entre-moitas das zonas AAC e AAE no PNRJ, o que também pode ser observado por Henriques et al. (1986).

Tal fato sugere que estas duas espécies possuem capacidade de sobreviver a altas incidências de luminosidade e elevada temperatura da areia, pois acumulam uma grande quantidade de água entre as suas folhas, o que manteria a temperatura mais amena, além de facilitar a absorção de nutrientes através de tricomas presentes nas folhas (Benzing 1980). Alguns estudos (Hay & Lacerda 1980, 1984, Zaluar 1997) mostram que algumas espécies de bromélias em restinga são capazes de se estabelecer nos primeiros estágios de sucessão do desenvolvimento de moitas, pois absorvem os nutrientes através de células especializadas nas folhas (Benzing 1980, Hay & Lacerda 1984).

Das dez espécies de bromélias ocorrentes no PNRJ amostradas neste estudo, quatro (*T. stricta*, *T. usneoides*, *T. gardneri* e *V. neoglutinosa*) possuem larga distribuição no litoral brasileiro, ocorrendo nas porções sul e norte do litoral (Aragão 1967). As espécies *B. antiacantha* e *A. nudicaulis* ocorrem restritas à porção sul do litoral do Brasil (de Ilhéus para o sul) (Aragão 1967), sendo a primeira presente em todo o litoral do Rio de Janeiro (Araujo & Henriques 1984). No estado do Rio de Janeiro, a espécie *A. lingulata* ocorre nas restingas de Cabo Frio (Fontoura et al. 1991), Macaé, Araruama (Araujo & Henriques 1984) e Massambaba (L. Cogliatti-Carvalho et al., dados não publicados). *Aechmea nudicaulis* e *N. cruenta* ocorrem

Referência a pesquisas prévias: resultados similares

Referência a pesquisas prévias: resultados similares

Referência a pesquisas prévias

Explicação das possíveis causas do resultado

Explicação das possíveis causas do resultado

Explicação das possíveis causas do resultado

nas restingas de Macaé, Cabo Frio, Maricá (Araujo & Henriques 1984, Fontoura et al. 1991) e apenas a segunda espécie em Grumari (Fontoura et al. 1991). No estado do Rio de Janeiro, *A. bromeliifolia* tem sua distribuição nas restingas de São João da Barra e Macaé (Fontoura et al. 1991). *Tillandsia recurvata* ocorre, no estado do Rio de Janeiro, em Macaé, Cabo Frio, Araruama e Grumari (Araujo & Henriques 1984).

As zonas AAC e AAE foram as mais similares em termos da composição de espécies de bromélias, o que seria esperado já que ambas são contínuas e estruturalmente similares, sendo caracterizadas pela formação de moitas esparsas. Localidades próximas geralmente refletem maior similaridade florística (Pereira & Araujo 1995). Embora na zona AAC tenha ocorrido a maior abundância total de espécies, a zona AAE teve a maior densidade total. A AAE sofre menos influência do mar e está mais protegida da ação do vento quando comparado à AAC, o que pode amenizar a ação deletéria destes fatores ao desenvolvimento da vegetação (Montezuma 1997). Além disso, a presença do lençol freático pouco profundo na zona AAE propicia a formação de moitas (Henriques et al. 1986, Pereira & Araujo 1995, Montezuma 1997), criando microhabitats com condições de luminosidade, temperatura, umidade e salinidade mais favoráveis para o estabelecimento das espécies de bromélias. Em áreas mais abertas como a AAC, o espaçamento entre as manchas de vegetação é maior (Zaluar 1997), elevando os níveis de incidência luminosa e de temperatura, o que pode representar condições adversas para a sobrevivência de diversas espécies vegetais (Fialho 1990). Além disso, a AAC possui um menor percentual de matéria orgânica e nutrientes no solo do que a AAE, embora estes sejam, de modo geral, baixos nestas duas zonas (Hay & Lacerda 1984). A abundância, a diversidade e a densidade de bromélias são menores na MPI do que em AAC e AAE, provavelmente devido à maior discrepância entre as abundâncias de bromélias terrestres e epífitas naquela zona. Na zona de MPI, a dominância é de espécies terrestres, com maior representatividade de apenas duas espécies (*A. lingulata* e *A. bromeliifolia*), enquanto as densidades das espécies epífitas são bastante baixas. A MPI possui maior quantidade de nutrientes e água no solo, sendo uma zona supostamente mais úmida quando comparada à região de moitas e entre moitas nas zonas AAC e AAE (Henriques et al. 1986). Algumas espécies (*V. neoglutinosa*) são inexistentes na MPI, enquanto que nas demais zonas (AAC e AAE) a presença de epífitas promove maior verticalização na utilização do ambiente pelas plantas. As áreas com menor índice de similaridade de bromélias (FPP e MPI) foram as mais distantes entre si, e são compostas por tipos de vegetação, condições edáficas e de salinidade bastante peculiares a cada zona (Araujo et al. 1998).

A maior biomassa de bromélias encontrada na zona FPP ocorreu provavelmente devido à elevada densidade nesta zona da espécie *B. antiacantha*, que possui o maior valor de biomassa entre as espécies de bromélias amostradas. AAE foi a zona de vegetação que possuiu o maior volume de água armazenado por hectare, e este fato provavelmente se deve à presença das espécies de bromélia-tanque *N. cruenta*, *A. nudicaulis* e *A. lingulata*, que ocorreram em alta densidade nesta zona e possuem elevada capacidade de reserva de água. Diversos estudos têm indicado que as bromélias-tanque são uma importante fonte de recursos para várias espécies que vivem diretamente associadas a elas (Picado 1913, Lopez 1997, Oliveira & Rocha 1997, Richardson 1999) ou que passarão parte do dia ou da noite no interior do vaso (Britto-Pereira et al. 1988), especialmente em locais onde o ambiente externo é pouco favorável ao desenvolvimento e sobrevivência destes organismos (Fialho 1990, Fialho & Furtado 1993, Oliveira et al. 1994 a, b, Oliveira & Rocha 1997). O volume de água armazenado no vaso de bromélias depende da forma da roseta, da disposição das folhas e do tamanho e grau de dilatação das bainhas foliares (Leme 1984), características que, no caso de *N. cruenta*, *A. nudicaulis* e *A. lingulata*, permitem o acúmulo de um grande volume de água. Além disso, na AAE, o nível do lençol freático é mais alto, chegando a tornar o terreno alagado em épocas de chuva (Henriques et al. 1986, Montezuma 1997), o que pode provavelmente contribuir para o maior volume de água no vaso das bromélias-tanque nesta zona, já que torna o ambiente menos xérico. Em ambientes como as restingas, em que as condições ambientais são extremas devido à alta temperatura e à alta exposição à luz solar (Fialho 1990), as espécies de bromélias que armazenam grandes volumes de água, como *N. cruenta*, *A. nudicaulis* e *A. lingulata*, tornam-se uma importante fonte deste recurso para diversas outras espécies animais e vegetais.

Explicação das possíveis causas dos resultados, comparação entre variáveis

Avaliação da descoberta

Conclusão

Conclui-se que a estrutura e a composição de Bromeliaceae do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba varia fortemente entre as cinco zonas estudadas, devido ao aumento da complexidade do ambiente com o distanciamento da linha de praia, o que favorece a ocorrência de maior número de espécies, especialmente de bromélias epífitas. Os dados também sugerem que cada zona é composta por um conjunto particular de espécies de bromélias, resultando na caracterização de cada uma das zonas de vegetação com base na ocorrência de espécies de Bromeliaceae dominantes em cada zona entre aquelas existentes nesta restinga.

Conforme apontado anteriormente, há movimentos opcionais dentro dos modelos retóricos que descrevem a estrutura das diferentes seções do artigo acadêmico. No caso da discussão dos resultados, Swales & Feak (1994:196), por exemplo, propõem uma ordenação de movimentos retóricos que indica informações obrigatórias e opcionais.

MOVIMENTO 1- Pontos para consolidar o espaço de sua pesquisa (**obrigatório**)

MOVIMENTO 2- Pontos para indicar as limitações de sua pesquisa (**opcional**)

MOVIMENTO 3- Pontos para identificar áreas relevantes para futuras pesquisas (**opcional**)

Figura 2 Modelo proposto por Swales & Feak (1994:196) para a Discussão de resultados

Nesse caso, embora esses autores entendam que o **Movimento 3** seja opcional, nossa experiência indica que um pesquisador será mais articulado quanto mais ele puder remeter leitores de seus textos a novas pesquisas. Portanto, tente apontar de forma perspicaz os pontos fortes e fracos de seu trabalho e de indicar possíveis interesses para novos estudos.

6.1.1 A seção de Resultados e Discussão de estudos que comentam/comparam/contrastam

A organização de uma discussão de resultados em um trabalho, em que se comenta, compara ou contrasta resultados experimentais ou questões teóricas de uma determinada área de conhecimento, pode seguir pelo menos dois padrões retóricos básicos: **ponto a ponto** ou **totalidade de pontos de um/de outro**. Tome-se, por exemplo, o tópico de duas drogas S e R testadas no tratamento de câncer. Os pontos para comparação/contraste podem ser custo, performance e bem-estar do paciente.

Ponto a ponto

Em uma organização **ponto a ponto**, você compara/contrastam, sentença a sentença, os itens de cada um dos elementos envolvidos. Seu ensaio poderia ser representado por:

Idéia central: A droga S é melhor do que a droga R no tratamento de câncer.

1. Custo: As drogas S e R diferem em relação ao custo: a) Droga S; b) Droga R.
2. Performance: a) Droga S; b) Droga R.
3. Bem-estar do paciente: a) Droga S; b) Droga R.

À medida que o ensaio avança, você pode ir **preenchendo as lacunas** do texto com subtópicos:

1. Custo: As drogas S e R diferem em relação ao custo.
 - a. A droga S é muito cara para manter: a.1 Duração; a.2 Média de gastos.
 - b. A droga R é econômica: b.1 Duração; b.2 Média de gastos.

A organização ponto a ponto é mais útil em textos envolvendo tópicos mais complexos, pois sua estrutura torna claro o argumento do ensaio.

Totalidade de pontos de um/de outro

Em uma organização **totalidade de pontos de um/de outro**, você compara/contrasta, os itens de cada um dos elementos envolvidos em blocos. Ou seja: no primeiro parágrafo, você discute todos os itens do primeiro elemento e, no segundo parágrafo, todos os itens do segundo elemento na mesma ordem em que eles foram discutidos no primeiro parágrafo. Seu ensaio poderia ser representado por:

Idéia central: A droga S é melhor do que a R.

1. A droga S: 1.a Custo; 1.b Performance; 1.c Bem-estar do paciente.
2. A droga R: 2.a Custo; 2.b Performance; 2.c Bem-estar do paciente.

Um dos problemas com esse tipo de organização é que se torna, muitas vezes, difícil lembrar o leitor, durante a segunda seção de comparação, de como os pontos da primeira seção se comparam ou contrastam com os da segunda. Portanto, em geral, esse padrão é mais útil para passagens de extensão limitada.

6.2 Características lingüísticas da seção de Resultados e Discussão

Nesta seção, fornecemos alguns exemplos de expressões que ‘sinalizam’ para o leitor a organização do texto de forma a orientá-lo durante a leitura, facilitando o processo de produção de significado.

a) Expressões (‘frases lexicais’ para Nattinger & De Carrico, 1992) que funcionam como marcadores na seção de Resultados e Discussão são:

Resultados: *os resultados podem ser sumarizados em...; não/houve diferenças significativas em...; os resultados mostraram uma tendência maior/menor em X do que...; os resultados em relação a Y foram mais/menos freqüentes do que o esperado...*

Discussão: *os resultados parecem apontar x; a diferença principal entre x e y é...; a diferença principal de pesquisas anteriores é...; os dados parecem confirmar os resultados obtidos no estudo de...; as limitações para este estudo foram x, y, z; os resultados do estudo seriam mais conclusivos se...; os resultados foram/não foram conclusivos em relação a X; as conclusões em relação aos resultados tem um alcance limitado devido a ; pode-se considerar que...; ...isto está em desacordo com...; isto vem ao encontro de...; tanto X quanto Y são similares no que tange ao..., é improvável que...em relação a...*

Conclusão: *Em resumo/Concluindo, pode-se generalizar...; Para resumir/Concluir...; Para recuperar o argumento inicial....*

É interessante notar que na discussão dos dados usa-se freqüentemente uma série de marcadores metalingüísticos que indicam um discurso mais modalizado para a incerteza, possibilidade ou probabilidade do que para a certeza, justamente porque não nos encontramos na posição de oferecer a **verdade**. No caso do exemplo B#1A, esses marcadores são “pode estar relacionada; pode ser explicada; provavelmente ocorre; sugere; o que pode amenizar; o que pode representar; provavelmente devido a; o que pode provavelmente”.

b) Verbos usados para apresentar, discutir e avaliar Resultados são:

■ **asserir:** eu/nós mantenho/argumento que x; é possível/pode-se argumentar/dizer/crer/contradizer que x; aparentemente é/parece possível/provável/indiscutível/discutível que x;

■ **concordar:** conforme x acertadamente propõe; eu/nós na verdade/de alguma forma/veementemente/ concordo/apóio (a idéia de) x; x fornece evidências/parece reforçar a idéia de y de que z.

■ **discordar:** conforme x nos leva a crer;eu/nós na verdade/de alguma forma/veementemente/ discordo com x; conforme argumentado por x (um tanto quanto) erroneamente/equivocadamente; x não apóia o argumento/a conclusão de y de que z; embora x proponha y, eu/nós acreditamos z.

■ **comparar:** tanto x quanto y são (bastante) similares quanto a z; x é como/parece com y;

tanto ___ e ___; x e y têm alguns aspectos de z; x e y têm em comum z; x não difere de y em relação a z.

- **contrastar**: x é (um tanto) diferente de y (em relação a z); x não é o mesmo caso de/o mesmo que y; x de forma alguma se assemelha a y; x contrasta com y (em z); x difere de y em relação ao aspecto z.

- **recomendar**: recomenda-se/sugere-se que x seja/tenha/faça y; o que se deveria recomendar/sugerir é que x; uma sugestão é que x (faça y).

- **validar**: como prova/evidência/exemplo (para isso) (pode-se citar/enumerar); de acordo com; conforme x argumenta; x produz evidências para Y.

- **classificar**: x pode/tavez possa/poderá ser dividido/classificado em y (e z); x e y são categorias/divisões de z; há x categorias em y.

- **demonstrar**: x demonstra/mostra que y; x é ilustra y.

- **generalizar**: em termos gerais; na maioria dos casos; pode-se generalizar x; em geral; na maior parte.

Outras opções comumente usadas nessa seção são:

Função	Verbos
Apresentar resultados: mais objetivos (Thomas & Hawes, 1994:134)	Obter, encontrar, descobrir, identificar, observar, notar
Discutir resultados: mais avaliativos (Thomas & Hawes, 1994:135)	Revelar, mostrar, ilustrar, indicar, provar, comprovar, apontar, denotar, demonstrar, sugerir

Sugestão de atividades

A. Leia o exemplo fornecido abaixo ou selecione um artigo relevante para sua pesquisa no site do *Scielo - Scientific Electronic Library Online* (www.scielo.br). Depois responda as seguintes perguntas:

1. A discussão dos resultados feita pelo autor responde aos objetivos propostos por ele? Como e onde?

2. Qual a estratégia retórica adotada pelo autor para a discussão dos resultados?

3. Em que pontos relativos ao tópico o autor se apóia?

4. Que marcadores metalingüísticos são utilizados pelo autor na discussão dos resultados?

SP# 1

EVOLUÇÃO TEMPORAL DO TABAGISMO EM ESTUDANTES DE MEDICINA, 1986, 1991, 1996

Ana Menezes, Eduardo Palma, Ricardo Holthausen, Ricardo Oliveira, Pablo S Oliveira, Eduardo Devens, Luciane Steinhaus, Bernardo Horta e Cesar G Victora (*Departamento de Clínica Médica de Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil*)

INTRODUÇÃO

Os malefícios causados à saúde pelo vício de fumar são amplamente conhecidos. Apesar disto, esse vício persiste entre estudantes de medicina, ainda que com uma prevalência menor do que a observada na população em geral.³

Dados de um estudo multicêntrico^{1,9} sobre tabagismo em estudantes de medicina (The Tobacco Prevention Section of the International Union Against Tuberculosis and Lung Disease) nove mil estudantes de 51 escolas, oriundos de 42 países) mostram que as prevalências variam segundo diferentes países, atingindo desde 35% entre os estudantes de sexo masculino no Japão até zero nos EUA. Na América do Sul, dados do Chile revelam um percentual de tabagismo de 9% nos estudantes homens e de 15%, nas mulheres. A pesquisa também identificou que apesar da maioria dos estudantes reconhecerem, de um modo geral, que o fumo é extremamente prejudicial à saúde, existe grande desconhecimento sobre as conseqüências do fumo em determinadas áreas. São preocupantes os achados de que apenas 29% dos estudantes do último ano de medicina na Europa, 32% nos EUA e 43% na Austrália sabem que o fumo é a principal causa de doenças cardiovasculares. Outro aspecto apontado pela pesquisa é o de que, na maioria dos países estudados, apenas 30% a 49% dos estudantes disseram que aconselhariam o paciente a abandonar o fumo, sendo que, no Japão, esse percentual foi de apenas 5%. Os percentuais encontrados foram sempre menores quando os estudantes eram fumantes.

Estudos no Brasil mostram que as prevalências de tabagismo entre estudantes de medicina têm apresentado redução; por exemplo, a prevalência de tabagismo nos estudantes de medicina de Sorocaba diminuiu de 37,8%, em 1969, para 17,1%, em 1989.¹⁰

Na cidade de Pelotas, no Sul do Brasil, a prevalência de tabagismo entre os estudantes de medicina da Universidade Federal vem sendo estudada desde 1986, por estudos transversais realizados em 1986 e 1991.^{5,7} Dando seqüência a esses estudos, o presente trabalho tem por objetivo avaliar a tendência temporal do tabagismo entre os alunos de medicina, nos últimos dez anos.

MÉTODOS

Realizou-se um estudo transversal com alunos do primeiro ao quinto ano da Faculdade de Medicina Federal de Pelotas, em 1996, similar aos conduzidos em 1986 e 1991.^{5,7} Assim como em 1991, um questionário auto-aplicável foi distribuído nas salas de aula, sendo que os alunos não presentes foram posteriormente contactados pela equipe da pesquisa. Além das perguntas comuns aos questionários anteriores, tais como variáveis biológicas, demográficas, semestre cursado, tabagismo nos pais e nos estudantes e presença de sintomas como tosse e expectoração sem gripe ocorrendo nos últimos seis meses, outras perguntas foram acrescentadas sobre a nova lei governamental antitabágica, sobre o fumo dos professores em sala de aula, sobre atitude frente ao paciente quanto ao tabagismo e sobre o ensino do tabagismo no currículo da faculdade. Os entrevistadores eram estudantes da própria Faculdade de Medicina e foram instruídos a permanecer nas salas de aula durante o preenchimento do questionário, a fim de esclarecer eventuais dúvidas.

Os entrevistados que fumavam um ou mais cigarros por dia, há pelo menos um mês, foram considerados fumantes; ex-fumantes foram aqueles que, no período da entrevista, não eram fumantes regulares, mas o haviam sido no passado; não fumantes foram aqueles que nunca haviam fumado. Definição similar foi adotada em 1991, enquanto que em 1986 fumante era aquele que fumava, pelo menos, quatro cigarros por semana.

O teste do qui-quadrado foi utilizado na comparação entre proporções, e o teste de qui-quadrado para tendência linear foi usado na análise das diferenças da prevalência de tabagismo entre os três estudos.⁶

RESULTADOS

Foram entrevistados 449 (99,3%) estudantes, sendo que nas pesquisas anteriores foram estudados 470 em 1991 e 426 em 1986, com uma proporção superior a 96% de entrevistados nos anos anteriores.^{5,7}

As características da amostra estudada estão descritas na Tabela 1.

Tabela 1 - Características quanto ao sexo, idade e ano do curso na amostra de estudantes de Medicina (N=449). Pelotas, 1996.

Variáveis	N	(%)
Sexo		
Feminino	189	(42,1)
Masculino	260	(57,9)
Idade		
<=20 anos	118	(26,3)
21-25 anos	281	(62,6)
26-29 anos	30	(6,7)
>=30 anos	20	(4,5)
Ano do curso		
Primeiro	98	(21,8)
Segundo	90	(20,0)
Terceiro	99	(22,0)
Quarto	79	(17,6)
Quinto	83	(18,5)

A prevalência de tabagismo entre os estudantes foi de 11,6%. A [Figura 1](#) mostra que a prevalência de tabagismo vem diminuindo nos três anos estudados e o teste para tendência linear confirmou essa tendência ($p < 0,001$). Por outro lado, a queda percentual entre 1996 e 1991 foi menor do que aquela observada entre 1991 e 1986 e não atingiu a significância estatística.

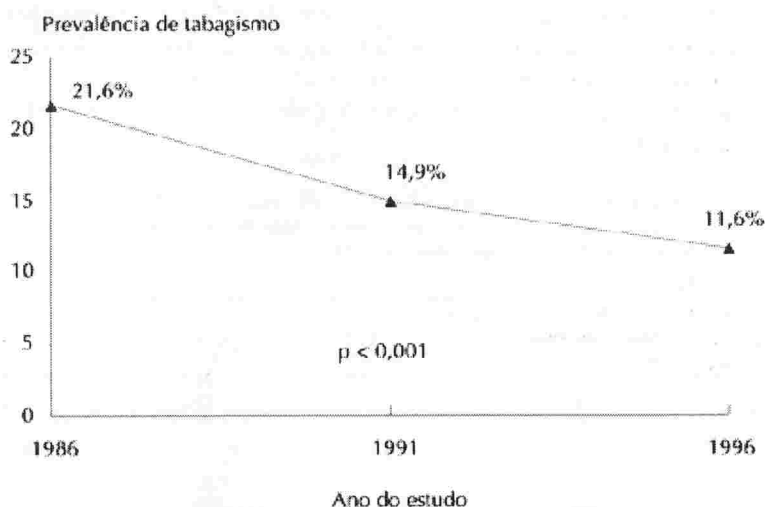


Figura 1 - Prevalência de tabagismo entre estudantes de medicina, Pelotas, 1986. (Horta et al⁵); 1991 (Menezes et al⁷); 1996.

A [Tabela 2](#) mostra que a redução na prevalência de tabagismo ocorreu igualmente entre o sexo masculino e feminino. Em nenhum dos três estudos observou-se diferença na prevalência de tabagismo de acordo com o gênero ($p > 0,05$).

Tabela 2 - Prevalência do tabagismo em estudantes de medicina conforme sexo nos anos de 1986, 1991 e 1996. Pelotas.

	Ano do estudo					
	1986*		1991**		1996	
	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Sexo masculino						
Nunca fumou	184	(68,1)	228	(76,0)	207	(79,6)
Fumante	59	(21,9)	45	(15,0)	29	(11,2)
Ex-fumante	27	(10,0)	28	(9,0)	24	(9,2)
Sexo feminino						
Nunca fumou	119	(76,2)	120	(71,2)	147	(77,8)
Fumante	33	(21,2)	25	(14,7)	23	(12,2)
Ex-fumante	4	(2,6)	24	(14,1)	19	(10,0)
Total	426	(100%)	470	(100%)	449	(100%)

* Horta et al⁵(1988)

** Menezes et al⁷(1994)

A [Figura 2](#) mostra que em 1996 e 1991 houve um aumento na prevalência do tabagismo de acordo com o ano cursado, ao contrário do que foi observado em 1986, quando, no último ano, houve uma diminuição na prevalência do tabagismo.

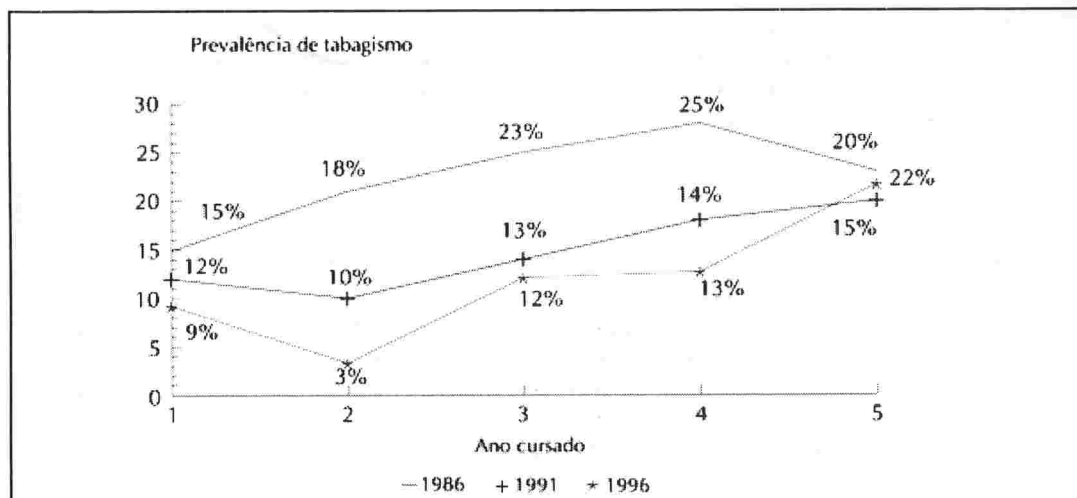


Figura 2 - Prevalência do tabagismo entre estudantes de medicina, conforme o ano cursado, Pelotas.

As características do tabagismo entre os estudantes podem ser observadas na Tabela 3. Apesar da média de idade ser de 22,4 anos (desvio-padrão 3,4), cerca de 50% dos estudantes fumavam dez ou mais cigarros por dia. Quanto à idade de início do fumo, a grande maioria dos entrevistados iniciou o vício do fumo dos 15 aos 19 anos (média de 17,7 anos e desvio-padrão de 2,8), sendo que cerca de 10% dos mesmos iniciaram a fumar entre 10 e 14 anos. A idade média de abandono do fumo foi de 20,7 anos, com desvio-padrão de 3,4.

Tabela 3 - Características do fumo em estudantes de medicina quanto ao número de cigarros, idade de início do fumo e idade de término. Pelotas, 1996.

Fumo	N	%
Número de cigarros por dia		
Não fumantes	354	(79,1)
1-9 cigarros	49	(10,9)
10-19 cigarros	28	(6,0)
20-39 cigarros	17	(3,8)
>=40 cigarros	1	(0,2)
Idade de início (anos)*		
Não fumantes	354	(79,0)
10-14 anos	9	(2,0)
15-19 anos	59	(13,1)
>=20 anos	24	(5,3)
Idade de abandono do fumo**		
Não fumantes	354	(79,0)
Fumantes atuais	52	(11,6)
Abandono <=20 anos	22	(4,9)
Abandono 21-30 anos	20	(4,5)

*3 valores ignorados.

**1 valor ignorado.

Outra característica observada foi a alta prevalência de sintomas respiratórios, assim como ocorreu no estudo de 1991. Os fumantes relataram 22,7% de tosse seca, 16,3% de tosse produtiva e 13,6% de chiado no peito, sintomatologia essa sem a presença de resfriado e ocorrida nos últimos seis meses. O teste de associação entre tabagismo e presença desses sintomas mostrou-se significativo ($p < 0,01$), assim como nos estudos anteriores.

Tanto em 1991 como no presente estudo (1996), não foi encontrada associação estatisticamente significativa entre tabagismo dos pais e dos filhos ($p > 0,05$).

No que diz respeito às questões de opinião sobre proibição do fumo, cerca de metade dos alunos mostrou-se favorável à proibição total do tabagismo tanto no Hospital Escola quanto na Faculdade de Medicina, sendo que apenas 1,8% dos estudantes foram contra qualquer forma de restrição ao tabagismo.

Aproximadamente dois terços dos alunos afirmaram que o tabagismo como tema de ensino era pouco ou nada valorizado dentro do curso de medicina; e 44% dos alunos responderam que o fumo entre os professores estimulava o vício de fumar nos estudantes.

Quanto à opinião sobre a lei que restringe o uso do tabaco em locais públicos e fechados, cerca de metade dos estudantes opinou que a lei não influenciava o tabagismo (47,2%).

Dois terços dos estudantes que nunca fumaram ou eram ex-fumantes responderam que, se outra pessoa começasse a fumar em local fechado na sua presença, eles pediam para a pessoa parar de fumar ou afastavam-se. Por outro lado, 23,3% dos estudantes importavam-se, mas não tomavam nenhuma atitude.

A opinião dos estudantes quanto à lei antitabágica, à influência do tabagismo dos professores nos alunos e à restrição do tabagismo no Hospital Escola e na Faculdade de Medicina não teve influência do sexo, idade e ano cursado. A atitude frente ao tabagismo de outra pessoa também foi independente do sexo, idade e ano de faculdade cursado.

DISCUSSÃO

Primeiramente, deve ser salientado que a alta proporção da população entrevistada nos três acompanhamentos reduz a chance da ocorrência do viés de seleção, o que garante a representatividade do estudo no que diz respeito à população estudada.

Apesar da tendência decrescente das prevalências de tabagismo de 1986 para 1996, ressalta-se que de 1991 para 1996 a redução da prevalência não foi significativa como havia sido de 1986 para 1991. Comparando essas prevalências com as da população adulta de Pelotas, observa-se que ela é bem menor entre os estudantes de medicina (21% em 1986, 14% em 1991 e 11% em 1996) do que na população em geral de Pelotas (35% em 1990 e 35,4% em 1992).^{4,8} Achados similares também têm sido descritos na literatura.³ Ao contrário, entretanto, da população em geral, não se encontraram diferenças entre os estudantes de prevalência de tabagismo quanto ao sexo, da mesma forma que nas séries de 1986 e 1991. Esse resultado está de acordo com o fato de que atualmente as mulheres estão fumando mais do que anteriormente.¹⁰

Verificou-se maior prevalência de tabagismo conforme o ano cursado, o que parece revelar a pouca influência da faculdade no comportamento dos alunos quanto ao vício de fumar. De fato, a faculdade não está atuando como deveria no seu papel de educadora. A literatura tem mostrado que há diversas maneiras de combater a abstinência à nicotina, desde o simples aconselhamento até a reposição com nicotina e o uso de novas drogas como antidepressivos, o que deve ser abordado nas aulas.⁹ Quanto ao exemplo dos professores fumantes, a posição dos alunos é clara ao acharem que isso pode ser um estímulo para os estudantes também fumarem. Isso pode reforçar a idéia de que os profissionais da saúde são vistos como exemplos, tanto pelos estudantes como pelos pacientes e que, portanto, têm o dever de portar-se como tal.

Restrições ao fumo nos domicílios, nas escolas e em lugares públicos vêm sendo apontadas pela literatura como uma das medidas eficazes na sua redução. Estudo transversal nos EUA,² em 17.287 estudantes de 200 escolas de segundo grau, revelou um efeito protetor de 26% no grupo em que houve intensa proibição do fumo, contra apenas 9% de redução no grupo sem restrição ao fumo.

Pelo menos 1/3 da população adulta mundial ou 1,1 bilhão de pessoas com mais de 15 anos eram fumantes no início da década de 90. Essa epidemia causada pelo próprio homem será responsável pela morte de cerca de 500 milhões de pessoas. A redução do fumo em nível individual e populacional poderia salvar a vida de dois milhões de pessoas a cada ano mundialmente.¹¹

A dependência à nicotina é hoje reconhecida como uma doença, da mesma forma que a dependência a outras drogas, como a cocaína. Apesar da vontade de muitos fumantes abandonarem o vício, nem sempre isso é tarefa fácil, já que o organismo reage à diminuição do nível da nicotina com sintomas que variam desde irritabilidade até insônia, entre outras manifestações mais severas.

Para que se obtenha maior êxito nessa luta, é adequado, além do aconselhamento, utilizar outras medidas, como a substituição com nicotina ou o bupropion.

O alcance da cessação do fumo e de sua total erradicação não é uma tarefa individual: deve estar inserido em um contexto no qual cada um participe dentro dos seus limites, como, por exemplo, proibindo o fumo dos jovens nos domicílios, ensinando nas escolas os malefícios do mesmo, abolindo totalmente o fumo entre os profissionais da saúde e estudantes de medicina, impedindo a propaganda do fumo nos meios de comunicação e divulgando com maior ênfase os malefícios causados pelo fumo.

É urgente a necessidade de reduzir a prevalência de fumo e os profissionais da saúde não podem esquivar-se de tal ação. A soma de esforços pode resultar na erradicação de uma das principais epidemias deste século.

REFERÊNCIAS

1. Allen MB. Medical student's knowledge of smoking. *Thorax* 1999;54:2.
2. Bolliger CT, Zellweger JP, Danielsson T, Biljon X van, Robidou A, Westin A et al. Smoking reduction with oral nicotine inhalers: double blind, randomised clinical trial of efficacy and safety. *BMJ* 2000;321:333-7.
3. Britton J. Tobacco: the epidemic we could avoid. *Thorax* 1997;52:1021-2.
4. Costa JD, Facchini L. Utilização de serviços ambulatoriais em Pelotas: onde a população consulta e com que frequência. *Rev Saúde Pública* 1997;31:360-9.
5. Horta BL, Ramos EO, Victora CG. O vício de fumar entre estudantes de Medicina da UFPEL:

- prevalência, sintomatologia respiratória e relação com o tabagismo dos pais, 1988. *Rev AMRIGS* 1988;32:15-7.
6. Kirkwoold BR. In: *Essentials of Medical Statistics*. London: Blackwell Scientific Publications; 1988. Chap. 13. p. 87-93.
7. Menezes AMB, Horta BL, Rosa S, Oliveira FK, Bonmann M. Vício de fumar entre estudantes de Medicina da UFPEL, Brasil: comparação entre as prevalências de 1986 e 1991. *Cad Saúde Pública* 1994;10:164-70.
8. Menezes AMB, Victora CG, Rigatto M. Chronic bronchitis and the type of cigarette smoked. *Int J Epidemiol* 1995;24:95-9.
9. Richmond R. Teaching medical students about tobacco. *Thorax* 1999;54:70-8.
10. Rosemberg J, Perin S. Tabagismo entre estudantes da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba. Tabagismo nos acadêmicos de medicina e nos médicos. *J Pneumol* 1990;16:13-22.
11. U.S. Department of Health and Human Services. *Reducing tobacco use: a report of the Surgeon General*. Atlanta, Georgia: U.S. Department of Health and Human Services, Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Chronic Disease Prevention and Health Promotion, Office on Smoking and Health; 2000. Chap. 2. p. 36-7.
- *A partir do segundo semestre de 1999 foi incluído no currículo do curso de medicina de Pelotas, aula sobre tabagismo.

Referências dos exemplos

- B#1 COGLIATTI-CARVALHO, L.; FREITAS, A. F. N. de; ROCHA, C. F. D. da & van SLUYS, M. (2001) Variação na estrutura e na composição de Bromeliaceae em cinco zonas de restinga no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, Macaé, RJ. *Revista Brasileira de Botânica*, **24**(1).
- SP#1 MENEZES, A. et al. (2001) Evolução temporal do tabagismo em estudantes de medicina, 1986, 1991, 1996. *Revista de Saúde Pública*, **35** (2).

CAPÍTULO **7**

Abstract

Désirée Motta-Roth e Graciela Rabuske Hendges

Você já ouviu falar sobre *abstract*? Provavelmente sim, já que toda vez que você quer apresentar seu trabalho em algum congresso, seminário ou conferência, precisa enviar o seu. Desse *abstract* é que, em geral, dependerá a aceitação do seu trabalho no evento, por isso é fundamental que esteja claro para o leitor (nesse caso, a comissão avaliadora do evento) e que realmente contenha as informações que você considera relevantes para 'conquistar' o leitor a aceitar seu trabalho, bem como a assistir sua apresentação no dia do evento. Além disso, é necessário que obedeça às normas de formatação estabelecidas

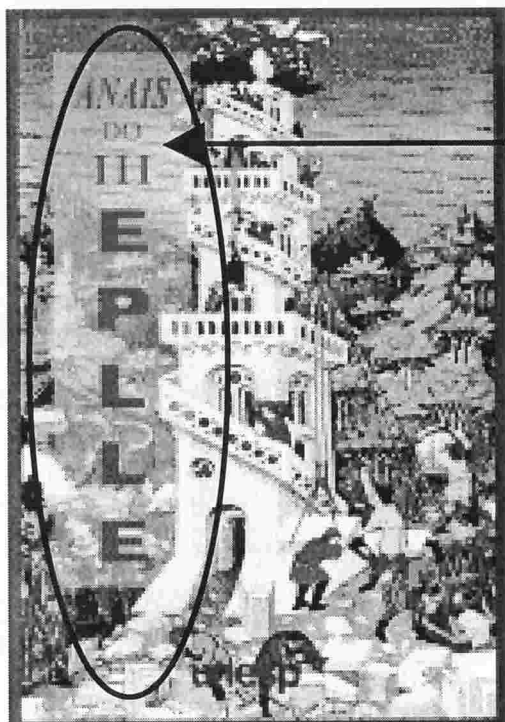
pelos organizadores, como a fonte, o tamanho da letra e principalmente o número máximo de palavras permitido.

Se o seu trabalho for aceito, esse *abstract* aparecerá nos **Anais** ou no **Caderno de resumos** do evento, junto com os *abstracts* de todos os demais trabalhos selecionados. Nesse caso, o *abstract* estará antecipando o conteúdo da pesquisa que será apresentada no evento, bem como orientando os participantes do evento, que se guiarão pelos Anais para assistir aos trabalhos de seu interesse.

No entanto, há outra forma de publicação desse gênero: aquela em que o *abstract* acompanha textos acadêmicos mais longos, como, por exemplo, artigos, dissertações, teses, que funcionam como um gênero independente com padrões específicos de organização retórica. Nesse caso, o *abstract* resume as

informações do texto mais longo, permitindo que os leitores tenham um acesso mais rápido ao conteúdo desse texto. Essa função é de extrema importância já que atualmente o volume de textos dos quais temos que dar conta para estar 'em dia' com as investigações na nossa área é muito grande (Hartley & Sydes, 1997:124).

Neste capítulo, nos referimos ao *abstract* que precedo o artigo acadêmico. Para ler mais sobre o gênero, veja também os trabalhos de Araújo (1999) e Rodrigues (1999).



7.1 Conceito: O que é o *abstract*?

O *abstract* é um texto breve que encapsula a **essência** do artigo que precede.

7.2 Objetivo: Para que escrever um *abstract*?

Especificamente no caso do artigo acadêmico, o *abstract* tem o objetivo de sumarizar, indicar e prever, em um parágrafo curto, o conteúdo e a estrutura do texto integral que segue. Funcionando como uma fonte de informação precisa e completa, *abstracts* ajudam os pesquisadores a ter acesso rápido e eficiente ao crescente volume de publicações científicas (Graetz 1985:123; Salager-Meyer 1990:366).

7.3 Função: Qual o papel social do *abstract* na disciplina?

Abstracts são usados para persuadir o leitor a continuar a ler o texto integral, para convencer o leitor de que o artigo que segue é interessante e que os resultados são relevantes.

7.4 Organização retórica: Qual é a estrutura textual básica do *abstract*?

Similar a do artigo acadêmico. Conforme já foi dito, o *abstract* reflete o conteúdo e a estrutura do trabalho que resume. Assim, considerando que o artigo acadêmico pode ser de revisão da literatura ou experimental, o *abstract* que o precede também poderá apresentar essas duas formas de organização retórica da informação.

O *abstract* que acompanha o artigo de revisão da literatura apresentará uma natureza teórica, trazendo os argumentos centrais da discussão feita no artigo. Vejamos o Exemplo 7.1:

Exemplo 7.1

Objetivo	<p>L#1</p> <p>Este artigo busca situar o panorama atual das reflexões críticas sobre os estudos teóricos e aplicados de terminologia. Caracteriza-se a passagem do paradigma normativo, fundador da teoria clássica da terminologia, para o enfoque pragmático-comunicacional das linguagens especializadas, identificando-se os principais pontos discutidos pelo percurso revisionista. Destacam-se ainda os fundamentos e as proposições para o estabelecimento de uma nova teoria da terminologia articulada à luz do funcionamento da linguagem. Com isso, abre-se a perspectiva para o tratamento textual e discursivo dos termos técnico-científicos, com importantes implicações para a produção de obras de referência temáticas</p>	Questões centrais discutidas no artigo
----------	--	--

Nesse *abstract*, o objetivo de “situar o panorama atual das reflexões críticas sobre os estudos teóricos e aplicados de terminologia”, indica que o trabalho provalvemente consiste em um levantamento teórico-bibliográfico de estudos que fazem essas reflexões críticas e uma discussão. Isso indica que será realizado em um plano teórico e não prático, o que o caracteriza por ser de revisão da literatura.

Uma vez apresentado o objetivo do trabalho, o *abstract* indica as principais questões teóricas que serão abordadas no artigo: “a passagem do paradigma normativo (...), para o enfoque pragmático-comunicacional das linguagens especializadas”; “os fundamentos e as proposições para o estabelecimento de uma nova teoria da terminologia” e “a perspectiva para o tratamento textual e discursivo dos termos técnico-científicos”. É interessante destacar que a ordem em que essas questões são apresentadas no *abstract*, em geral, será a ordem em que aparecerão dentro do artigo.

No caso do *abstract* experimental, que acompanha o artigo experimental, a ordem das informações é dada pelos diferentes momentos que uma pesquisa de caráter prático compreende:

a) Definição do **PROBLEMA** - Inclui a intenção do autor, a tese, e deve explicar o título;

O presente trabalho trata das perspectivas estigmatizantes que duas professoras de língua portuguesa trazem em relação às variações lingüísticas não-padrão de seus alunos. Teoricamente, meu estudo se embasa na Psicologia dos Construtos Pessoais, Transformação de Perspectivas na Educação de Professores, Bidualismo Transformador e Sensibilidade Crítica à Linguagem.

b) Estabelecimento do **OBJETIVO** - Justifica e apresenta o objetivo da pesquisa, estabelecendo como o trabalho difere da pesquisa prévia;

Meus objetivos foram acessar e ponderar sobre as teorias implícitas das professoras sobre linguagem não-padrão e verificar como tais teorias afetam suas pedagogias.

c) Descrição do **MÉTODO** – Define a abrangência, tratamento, dados, metodologia adotada, e restrições envolvidas. Deve ser breve e apresentar os procedimentos envolvidos/usados no trabalho;

Suas aulas foram gravadas em vídeo e atividades com Mapas do Repertório de seus conceitos sobre língua portuguesa foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas segundo a abordagem tematizante da Fenomenologia Hermenêutica.

d) Apresentação dos **RESULTADOS** - Sumariza os resultados e engloba a maior porção do abstract. Uma vez que esse é o trecho de maior importância, já que veicula as inovações para a área, deveria também ser a porção mais detalhada do abstract;

e) Indicação da **CONCLUSÃO** - Implicações, inferências, importância e interpretação dos resultados; conclusões.

O estudo mostra que as teorias implícitas das duas professoras sobre variação linguística definem suas posturas pedagógicas com base no déficit linguístico e na gramática. Tais posturas estão em constante tensão com a experiência vivida dos professores no campo da linguagem e da pedagogia, com as restrições das instituições escolares e com falhas de suas

A ordem dessas informações é que indica a estrutura retórica do *abstract*, a qual pode variar de um exemplar a outro.

Mais detalhadamente, Motta-Roth e Hendges (1996), baseadas em uma análise de 60 *abstracts*, reelaboraram um modelo proposto por Bittencourt (1995:485):

MOVIMENTO 1 SITUAR A PESQUISA

Sub-função 1A - Estabelecer interesse profissional no tópico **ou**

Sub-função 1B - Fazer generalizações do tópico **e/ou**

Sub-função 2A - Citar pesquisas prévias **ou**

Sub-função 2B - Estender pesquisas prévias **ou**

Sub-função 2C - Contra-argumentar pesquisas prévias **ou**

Sub-função 2D - Indicar lacunas em pesquisas prévias

MOVIMENTO 2 APRESENTAR A PESQUISA

Sub-função 1A - Indicar as principais características **ou**

Sub-função 1B - Apresentar os principais objetivos **e/ou**

Sub-função 2 - Levantar hipóteses

MOVIMENTO 3 DESCREVER A METODOLOGIA

MOVIMENTO 4 SUMARIZAR OS RESULTADOS

MOVIMENTO 5 DISCUTIR A PESQUISA

Sub-função 1 - Elaborar conclusões **e/ou**

Sub-função 2 - Recomendar futuras aplicações

Segundo Graetz (1985:126), algumas variações possíveis são:

- a) objetivos; 2. importância; 3. método; 4. resultados; 5. conclusão/ões; ou
- b) objetivos; 2. método; 3. resultados; ou ainda
- c) objetivos; 2. método; 3. resultados; 4. validade dos resultados; 5. conclusão/ões; 6. aplicações.

Qualquer uma das estruturas acima deve refletir a organização do artigo correspondente. Para ilustrar como esses diferentes tipos de informações – objetivos, metodologia, etc. - aparecem no *abstract*, veja a análise do Exemplo 7.2:

Exemplo 7.2

B#1

Metodologia

Um levantamento da fauna de mamíferos e aves foi realizado em um fragmento de mata mesófila semi decídua com cerca de 150 ha de área localizado na zona de agricultura intensiva da região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. O levantamento foi feito por meio de censos em trilhas durante seis dias, totalizando 27,8 km de trilhas e 27,8 horas de observação. Foram confirmadas 20 espécies de mamíferos (exceto quirópteros e pequenos mamíferos), incluindo espécies ameaçadas ou raras na região, como a onça-parda (*Puma concolor*), o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e a jaguatirica (*Leopardus pardalis*). O macaco-prego (*Cebus apella*) e o sagüi-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*) foram encontrados com muita frequência, indicando altas densidades populacionais desses primatas no fragmento de estudo. Em relação à avifauna, foram registradas 49 espécies, a maioria das quais típicas de áreas abertas ou bordas de mata. Foram confirmadas, no entanto, algumas espécies que estão se tornando raras na região, como o pato-do-mato (*Cairina moschata*) e o tucanuçu (*Ramphastos toco*). Os resultados demonstram que fragmentos florestais deste porte representam refúgios de fauna nativa em uma região dominada quase que exclusivamente pela monocultura da cana-de-açúcar. Além dos aspectos faunísticos, a preservação desses fragmentos é de grande importância para a realização de estudos relacionados à preservação de espécies a médio e longo prazos, como projetos de reintrodução, translocação e saúde genética de populações isoladas.

Discussão

Resultados

Nesse *abstract* foi possível identificar as seções de Metodologia, Resultados e Discussão porque os autores deixaram algumas pistas através de marcadores metadiscursivos (*lexical phrases*). Na metodologia, por exemplo, a definição do objeto de estudo “um fragmento de mata mesófila semi decídua com cerca de 150 ha de área localizado na zona de agricultura intensiva da região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, totalizando 27,8 km de trilhas”; do procedi-

mento usado – “censos em trilhas”; e do período em que a coleta do material foi realizada – “durante seis dias”, “27,8 horas de observação” são informações típicas, ou seja, como, onde, quando, quem e/ou o que são todas informações que fazem parte da Metodologia do estudo.

Os resultados podem ser identificados por meio dos marcadores “foram confirmadas 20 espécies de mamíferos”, “em relação à avifauna, foram registradas 49 espécies”, “foram encontrados com muita freqüência”, “foram confirmadas, no entanto, algumas espécies que estão se tornando raras na região”, uma vez que o trabalho se propõe a fazer “um levantamento da fauna de mamíferos e aves”. Nesse caso, os números **20**, relacionado a **mamíferos**, e **49**, referente às espécies de **aves**, são os resultados desse levantamento, indicando que o mesmo já foi feito. Além disso, verbos como **encontrar** e **confirmar** também são típicos da seção de Resultados do *abstract* (e, conseqüentemente, do artigo), especialmente quando aparecem **conjugados no pretérito**, apontando para uma etapa da pesquisa que já foi concluída.

A discussão pode ser determinada pelas expressões “os resultados demonstram” e “é de grande importância”, uma vez que ambas indicam interpretações e conclusões elaboradas a partir dos números obtidos no levantamento dos resultados.

Na redação do seu *abstract*, é importante que você também deixe essas pistas para seu leitor, usando itens lexicais que caracterizam as diferentes informações do seu texto, que representam as diferentes seções do artigo. Dessa forma, seu texto ficará mais claro e o leitor poderá encontrar a informação que deseja mais facilmente, guiado pelas marcas que você deixou.

Em áreas como a Medicina, essas diferentes informações são indicadas por meio de subtítulos, como mostra o Exemplo 7.3.

Exemplo 7.3

M#1

OBJETIVOS: O objetivo deste estudo foi identificar variáveis que facilitam o aparecimento de complicação pulmonar pós-operatória (CPP) nos pacientes submetidos às cirurgias eletivas de tórax e abdômen alto. **MÉTODOS:** Foram estudados 297 pacientes, avaliados e estratificados em baixo, moderado e alto risco para desenvolvimento de CPP através da escala PORT, idealizada por Torrington & Henderson (1988). Todos os pacientes foram acompanhados por 72 horas no pós-operatório imediato. Foram consideradas como CPP: atelectasia com repercussão clínica ou radiológica, pneumonia, traqueobronquite, broncoespasmo, intubação e/ou ventilação mecânica prolongada. Através da análise univariada, estudamos as seguintes variáveis independentes: idade, grau nutricional (índice de massa corpórea - IMC), sintomas respiratórios, doença respiratória, tabagismo, espirometria e tempo cirúrgico. Posteriormente submetemos tais variáveis à análise de regressão logística multivariada para avaliar a relação entre as variáveis independentes com a dependente e a chance de CPP. **RESULTADOS:** A incidência de CPP observada foi de 12,1%. Para análise estatística utilizou-se a análise univariada e posteriormente a regressão logística multivariada. Os resultados informam através da razão de chances (*odds ratio-or*) a participação das variáveis independentes entre si sobre a dependente (complicou/

não complicou) no evento estudado. Em ambos os tipos de cirurgia, as variáveis encontradas foram: tosse com expectoração amarela (OR= 3.8); a cirurgia torácica em relação a abdominal (OR=2.9); IMC (OR=1.13); tempo de tabagismo (OR=1.03) e tempo cirúrgico (OR=1.007). Na aplicação da análise da regressão logística considerando somente a cirurgia torácica, as variáveis foram: broncoespasmo (OR= 6.2); IMC (OR= 1.15); tempo de tabagismo (OR=1.04) e tempo cirúrgico (OR=1.007). **CONCLUSÕES:** As variáveis de risco pré-operatórias que aumentaram a chance de CPP nas cirurgias de tórax e abdômen alto foram: tosse com expectoração amarela; cirurgia torácica, IMC; tabagismo e tempo cirúrgico. Nas cirurgias de tórax as variáveis encontradas foram: broncoespasmo, IMC, tabagismo e tempo cirúrgico.

No entanto, segundo Hartley & Sydes (1997), essa característica nem sempre torna os *abstracts* de Medicina mais legíveis que os exemplares de outras áreas, razão pela qual mesmo no contexto médico é importante usar os marcadores metadiscursivos que caracterizam o gênero *abstract*.

A seguir, apresentamos alguns desses marcadores que caracterizam esse gênero.

7.5 Características lingüísticas do *abstract*

Algumas características gerais do *abstract* são:

- Verbos no pretérito perfeito e presente do indicativo, terceira pessoa do singular, voz passiva.
- Sentenças afirmativas, sem abreviações, jargões, símbolos.
- Linguagem econômica com sentenças longas, evitando redundâncias tais como exemplos, superlativos, ilustrações, excesso de detalhes (Graetz, 1985:125).
- Uso reduzido de referências anafóricas e conetivos (Ventola, p.346).

Para cada informação há marcadores metadiscursivos específicos, comumente encontrados em *abstracts*:

a) **Definição do problema** - Explorações recentes em x indicam y; Muito/as pesquisador/as acreditam que x; Enquanto professor/instrutor/pesquisador/as de x, devemos saber y, entretanto essa questão é difícil devido a z; Essa última década nos trouxe uma significativa intensificação no estudo de x, entretanto nenhum consenso foi atingido no que concerne a y; Uma premissa básica deste artigo é x e a falha parece estar afeita a y;

b) **Objetivo** - Neste trabalho pretendo/emos/e-se x; Este artigo relata uma pesquisa sobre x; O presente trabalho é uma tentativa de discutir questões sobre x; Este trabalho explora x. Neste trabalho são apresentadas/são descritas x; Este artigo discute x.

c) **Método** - Em primeiro lugar, analisarei/emos/se-á x. Em seguida examinarei/emos/se-á y.

Finalmente, considerarei/emos/se-á z; X é examinado em relação a y.

d) **Resultados** - Os resultados da pesquisa incluem indicações de x.

e) **Conclusão** - As conclusões alcançadas referem-se a x; O trabalho argumenta que x.

Outros marcadores metadiscursivos do *abstract* podem ser encontrados nas unidades anteriores, específicas sobre cada uma das seções do artigo acadêmico experimental.

Agora, para que você coloque em prática o que vimos nesta unidade, apresentamos alguns exercícios sobre o gênero *abstract*.

Sugestão de atividades

1. Compare exemplares de *abstracts*, tentando definir a macroestrutura do gênero.

2. Identifique os marcadores metadiscursivos em um *abstract*. Tente definir estágios no texto.

a) definir as seções;

b) relacionar as seções do artigo/da dissertação às partes do *abstract*;

c) usar o *abstract* para elaborar um esquema do artigo/da dissertação;

d) encontrar as partes do *abstract* que podem servir de resposta para as seguintes questões (conforme já descrito no Capítulo 1):

1. Por que o estudo foi realizado?

2. Como o estudo foi realizado?

3. Quais os resultados obtidos?

4. Qual a significação desses resultados para a área?

3. Tente reorganizar o *abstract* B#2 de forma a constituir um texto coerente e coeso, com base nas informações que você tem sobre o gênero, sua estrutura, marcadores lingüísticos, etc.

(1) Foco do estudo

(2) Método

(3) Resultados

(4) Conclusão

Exemplo B#2

Encontramos 10 espécies na restinga de Jurubatiba, com densidade total estimada de 10386 ind.ha-1. Na zona PHR, não ocorreu nenhuma espécie de bromélia. Na FPP, ocorreu a maior biomassa total (7721,2 kg.ha-1), sendo *Bromelia antiacantha* a mais abundante e com maior biomassa (1366,5 kg.ha-1). Na AAE, ocorreu a maior densidade total (15725 ind.ha-1), diversidade ($H' = 2,358$), equitabilidade (0,786) e quantidade de água reservada no interior de bromélias (3294,8 L.ha-1). Na MPI, *Aechmea bromeliifolia* foi a mais abundante, sendo exclusiva desta zona. A maior similaridade ocorreu entre AAC e AAE (88,9%).

Analisamos abundância, densidade, biomassa, riqueza, diversidade, equitabilidade e similaridade de espécies entre as zonas. Estimamos a quantidade de água reservada no interior das bromélias por zona de restinga e por espécie de bromélia. Em 98 parcelas de 100 m² (10 X 10 m) cada, registramos as espécies de bromélias, a abundância de cada espécie e a zona amostrada. A quantidade de água armazenada e a biomassa das bromélias foram estimadas medindo-se o volume de água reservada no vaso e pesando 10 indivíduos por espécie.

Estudamos as bromeliáceas do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, Macaé, RJ, nas cinco diferentes zonas de vegetação: psamófila halófila reptante (PHR), fechada pós-praia FPP), arbustiva aberta de *Clusia* (AAC), arbustiva aberta de ericácea (AAE) e mata periodicamente inundada (MPI).

Concluimos que a estrutura e a composição de Bromeliaceae da restinga de Jurubatiba variam fortemente entre as zonas estudadas, com cada zona possuindo um conjunto particular de espécies com diferentes distribuições de abundância.

Referências dos exemplos

- L#1 KRIEGER, M. G. (2000) Terminologia revisitada. *DELTA*, **16**(2).
- L#2 TELLES, J. A. Relatos de Professores sobre Variações Lingüísticas Não-Padrão. *DELTA*, **14** (1).
- B#1 CHIARELLO, A. G. (2000) Valor conservacionista de um fragmento de mata nativa em região de agricultura intensiva. *Revista Brasileira de Biologia*, **60** (2).
- M#1 SAAD, I. A. B. & ZAMBOM, L. Variáveis clínicas de risco pré-operatório. *Revista da Associação Médica Brasileira*, **47**(2).
- B#2 COGLIATTI-CARVALHO, L.; FREITAS, A. F. N. DE; ROCHA, C. F. D. DA & van SLUYS, M. (2001) Variação na estrutura e na composição de Bromeliaceae em cinco zonas de restinga no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, Macaé, RJ. *Revista Brasileira de Botânica*, **24**(1).

Bibliografia Comentada

- ARAÚJO, A. D. de. (1999) Uma análise da organização discursiva de resumos na área de Educação. *Revista do GELNE - Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste*, (1):26-30.
- BARKS, D. (1993) *Course on academic writing II*. Ann Arbor, MI: English Language Institute, University of Michigan.
- BITTENCOURT, M. (1995) *Academic abstracts: a genre analysis*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: PGI/Universidade Federal de Santa Catarina.
- BRETT, P. (1994) A genre analysis of the results section of Sociology articles. *English for Specific Purposes*, **13**(1):47-59.
- CORDEIRO, D. (1999) *Ciência, pesquisa e trabalho científico: uma abordagem metodológica - Cadernos Didáticos, n. 7*. 2ª. ed. Goiânia: Ed. UCG.
- CHEN, C-C. (1976) *Biomedical, scientific & technical book reviewing*. Metuchen, NJ: Scarecrow.
- DAY, R. A. (1988) *How to write and publish a scientific paper*. Phoenix, New York: Orynx Press.
- GARFIELD, E. (1989a) SSCI Journal citation reports: A bibliometric analysis of social science journals in the ISI® Data Base. *Social Sciences Citation Index 1988 Annual*. Vol. 6. Philadelphia: Institute for Scientific Information.
- GARFIELD, E. (1989b) SCI Journal citation reports: A bibliometric analysis of science journals in the ISI® Data Base. *Science Citation Index 1988 Annual*. Vol. 19. Philadelphia: Institute for Scientific Information.
- GARFIELD, E. (1986) *Social sciences citation index 1986. An international multidisciplinary index to the literature of the social, behavioral, and related sciences*. Part 7. Philadelphia: Institute for Scientific Information.
- GRAETZ, N. (1985) Teaching EFL students to extract structural information from abstract. In: J. M. Ulijn and A. K. Pugh. *Reading for professional purposes*. Leuven: ACCO, p. 123-35.
- HARTLEY, J. & M. SYDES. (1997) Are structured abstracts easier to read than traditional ones? *Journal of Research in Reading*, **20**(2):122-136.
- HENDGES, G. R. (2001) *Novos contextos, novos gêneros: a seção de revisão da literatura em artigos acadêmicos eletrônicos*. Dissertação de mestrado. Santa Maria: Mestrado em Letras/ Universidade Federal de Santa Maria.

O foco desta dissertação é o artigo acadêmico eletrônico de dois contextos disciplinares - Economia e Lingüística. A análise busca verificar o que se apresenta como característica nova nesse gênero emergente, em relação ao que tem sido apontado pela literatura sobre o artigo acadêmico impresso. Para tanto, focaliza a seção de Revisão da literatura, com o intuito de verificar como se dá a referência no meio eletrônico. Dentre os resultados, destaca-se o uso do hyperlink nos exemplares eletrônicos, uma vez que esse recurso implementa a interação entre o leitor e o autor citado no texto. Os hyperlinks materializam a referência, possibilitando que o leitor tenha acesso direto à fonte citada, podendo ele mesmo verificar as informações que deseja no texto.

- HENDGES, G. R. & D. MOTTA-ROTH (2000) Padrões de citação em artigos eletrônicos: 'When less means more.' *Expressão - Revista do Centro de Artes e Letras*, 3(2):76-83.
- HILL, S. S., B. F. SOPPELSA & G. K. WEST (1982) Teaching ESL students to read and write experimental-research papers, *TESOL Quarterly*, 16(3):333-47.
- HOLMES, R. (1997) Genre analysis, and the Social Sciences: an investigation of the structure of research article Discussion sections in three disciplines. *English for Specific Purposes*, 16(4):321-337.
- HOPKINS, A. & DUDLEY-EVANS, T. (1988) A genre-based investigation of the discussion sections in articles and dissertations. *English for Specific Purposes*, 7(2):113-121.
- HUNSTON, S. (1994) Evaluation and organization in a sample of written academic discourse. In M. Coulthard (ed.) *Advances in written text analysis*. London: Routledge. p.191-218.
- KLAMER, A. (1987) *As if economists and their subject were rational*. In: NELSON, J. S., A. MEGILL & D. N. McCLOSKEY (eds.) *The rhetoric of the human sciences*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- KUHN, T. S. ([1962] 1970). *The structure of scientific revolution*. Chicago: The University of Chicago Press.
- MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (1997) *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Editora da UFSM.

Além dos organizadores, mais seis autores colaboram com textos acerca da produção e recepção de textos, sob a perspectiva teórica que concebe linguagem como prática social. Nove capítulos, divididos em três partes, cobrem desde questões sobre linguagem, texto e discurso (incluindo estruturas textuais básicas e o contrato de cooperação e implicaturas de Grice), até questões mais específicas como, sinalizadores lexicais, que funcionam como elementos de organização, predição, referência e recuperação da informação no texto.

- MOTTA-ROTH, D. (1995) *Rhetorical features and disciplinary cultures: A genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry, and economics*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Inglês/Universidade Federal de Santa Catarina.

Esta tese de doutorado é fruto de uma pesquisa desenvolvida na Universidade de Michigan sobre o gênero resenha acadêmica. O estudo explora a sistematicidade da organização textual e a variabilidade da natureza e da estrutura da informação de resenhas nas áreas de economia, lingüística e química. O estudo mostra duas questões aparentemente antagônicas, mas co-existentes em um mesmo gênero. Os resultados apontam características recorrentes em resenhas produzidas em três disciplinas diferentes que as identificam como exemplares de um mesmo gênero. Por outro lado, é detectada uma variabilidade nesses textos que nos remete à cultura disciplinar de cada uma das três áreas estudadas. Essa variabilidade diz respeito ao tipo de informação sobre o livro resenhado que é valorizado em cada área.

- MOTTA-ROTH, D. (1996) Same genre, different discipline: A genre-based study of book reviews in academia. *The ESPecialist*, 17(2):99-131. São Paulo: CEPRIL, PUC-SP.
- MOTTA-ROTH, D. (1997) Termos de elogio e crítica em resenhas acadêmicas em lingüística, química e economia. *Intercâmbio*, 6(2):793-813. São Paulo: LAEL, PUCSP. ISSN 1413-4055.
- MOTTA-ROTH, D. (1998) A visão de editores sobre o gênero resenha acadêmica. *Intercâmbio*, 7:127-35. São Paulo: LAEL, PUC-SP.
- MOTTA-ROTH, D. & G. R. HENDGES (1996) Uma análise de gênero de resumos acadêmicos (*abstracts*) em economia, lingüística e química. *Revista do Centro de Artes e Letras*, 18(1-2):53-90.
- NATTINGER, J. R. & J. S. DeCARRICO (1992) *Lexical phrases and language teaching*. Oxford: Oxford University Press.

- NUNAN, D. (1992) *Research methods in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- POPPER, K. R. (1959) *The logic of scientific discovery*. London, New York: Routledge.
- PURDUE UNIVERSITY ONLINE WRITING LAB. <http://owl.english.purdue.edu/Files/94.html>
- RODRIGUES, B. B. (1999) Organização retórica de resumos de dissertações. *Revista do GELNE - Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste*, (1):31-37.
- SILVA, L. da. (1999) *Uma análise de gênero da discussão de resultados em artigos científicos*. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Mestrado em Letras/Universidade Federal de Santa Maria.

Esta dissertação de mestrado traz uma discussão sobre o gênero artigo acadêmico e explora a natureza e a estrutura da informação em artigos na área de química. O estudo tenta mostrar marcas de avaliação subjetiva do pesquisador em um gênero que, normalmente, é considerado como tendo um cunho essencialmente 'objetivo' e 'científico', condições essas consideradas destituídas de subjetividade.

- SWALES, J. M. (1990) *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SWALES, J. M. & C. B. FEAK. (1994) *Academic writing for graduate students*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press.

Este livro, produzido na Universidade de Michigan, por John Swales, uma das maiores autoridades em ensino de Inglês para Fins Acadêmicos, e sua colega Christine Feak, foi elaborado para alunos de pós-graduação. O livro traz tarefas que buscam auxiliar o leitor a desenvolver habilidades de redação acadêmica, descrevendo diferentes passos do processo de escritura de um artigo para publicação. Vários exemplos de textos são analisados detalhadamente para demonstrar como diferentes maneiras de elaborar a mesma idéia produzem diferentes efeitos.

- THOMAS, S. & HAWES, T. (1994) Reporting verbs in medical journal articles. *English for Specific Purposes*, 13 (1):129 -148.

Universidade Federal de Santa Maria



03880218

L&R

CA - 0141 M-LABLER - LINC